

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI: MESTRADO
Área de Concentração: Constituição do sujeito e historicidade

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE EU NA OBRA DE FREUD
(1895 – 1923)

PRICILA PESQUEIRA DE SOUZA

MARINGÁ

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI: MESTRADO
Área de Concentração: Constituição do sujeito e historicidade

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE EU NA OBRA DE FREUD
(1895 – 1923)

Dissertação apresentada por Pricila Pesqueira de Souza, ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, Área de Concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr.: Helio Honda

MARINGÁ

2009

S717c

Souza, Pricila Pesqueira de

A construção do conceito de eu na obra de Freud (1895-1923). / Pricila Pesqueira de Souza. _ Maringá: UEM, 2009.

91p.

Orientador: Prof. Helio Honda

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia – PPI: Mestrado, Universidade Estadual de Maringá.

1. Psicologia. 2. Metapsicologia. 3. Eu. 4. Pré- Consciente. 5. Aparelho psíquico.
6. Tópica psíquica. 7. Inibição. I. Título.

CDU: 159.9

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Biblioteca Central - UNIGRAN

Pricila Pesqueira de Souza

**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE EU NA OBRA DE FREUD
(1895 – 1923)**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Helio Honda (Orientador) – UEM

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke – UFSCAR – São Carlos

Prof. Dr.^a Fátima Caropreso – UFGD – Dourados

18 de dezembro de 2009

À memória do meu pai.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Hélio Honda, que com sua humildade manifesta e sabedoria serena sabe como fazer um trabalho caminhar sem atribuir ao aluno angústias desnecessárias, para além daquelas que uma produção própria naturalmente ocasiona.

Ao Prof. Dr. Richard Theisen Simanke e a Prof.^a Dr.^a Fátima Caropreso, por terem brindado esse trabalho com colocações tão valiosas e precisas.

Ao meu marido, pela compreensão e por escutar tão pacientemente minhas argumentações teóricas, mesmo tendo uma formação profissional tão distante da psicologia.

A minha mãe e ao meu irmão, por nunca me deixarem pensar que estou sozinha.

Ao Programa de Pós-graduação em psicologia, pelo aprendizado de qualidade que seu corpo docente me proporcionou.

Aos meus colegas do mestrado, por permitirem que eu dividisse com eles as minhas inquietações.

A minha amiga Francina, por ser sempre tão solícita comigo.

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas. Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito. Eu pensava que fosse um sujeito escaleno. - Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse. Ele fez um limpamento em meus receios. O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada... E se riu. Você não é de bugre? – ele continuou. Que sim, eu respondi. Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas - Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os aritícuns maduros. Há que apenas saber errar bem o seu idioma. Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de gramática.

(Manuel de Barros - “O Livro das Ignorças”)

RESUMO

O objetivo desse trabalho é entender o conceito de eu em três momentos da obra de Freud: em 1895, no texto “Projeto de uma psicologia”; em 1900, no capítulo sete do texto “A interpretação dos sonhos”; e em 1923, no artigo “O eu e o isso”. No texto “Projeto de uma psicologia” o eu ocupa um papel de destaque. Trata-se de uma instância essencialmente inconsciente cuja função é impedir a ocorrência de processos primários, assegurando assim o desenvolvimento e saúde do aparelho. Já no livro “A Interpretação dos sonhos”, o termo eu desaparece e as funções anteriormente atribuídas a ele fazem parte do rol de atividades do pré-consciente, sistema psíquico que guarda uma relação próxima com a consciência. Nossa hipótese é a de que a mudança de nomenclatura em “A interpretação dos sonhos” se dá porque o pré-consciente faz parte do eu, mas não o abarca completamente, principalmente no que se refere a sua parte inconsciente, o que Freud já havia percebido em 1900. Uma teorização mais refinada sobre a parte inconsciente do eu Freud fará em 1923, no texto “O eu e o isso”. Nesse último, o autor concebe o eu como uma estrutura complexa que abarca uma série de instâncias. Sua principal função é inibir as pulsões a fim de fazer valer o princípio da realidade e, desse modo, preservar o sistema psíquico. As concepções de Freud em “O eu e o isso”, no que concerne ao eu, se assemelham muito às idéias desenvolvidas no “Projeto de uma psicologia”. Com isso, não objetivamos afirmar que a produção de Freud é linear, mas tampouco o oposto é válido: não há uma ruptura definitiva entre os textos. O que se percebe no que diz respeito ao eu, é um refinamento conceitual crescente em que posicionamentos são retomados, reformulados e relacionados aos achados clínicos.

PALAVRAS-CHAVE: Metapsicologia; Eu; Pré-consciente; Aparelho psíquico; Tópica psíquica; Inibição.

ABSTRACT

The aim of this study is to understand the concept of ego in three stages of Freud's work: in 1895, in the text "Project for a Scientific Psychology"; in 1900, in chapter seven of the text "The Interpretation of Dreams" and in 1923, in the article "The Ego and the Id". In the text "Project for a Scientific Psychology", the ego occupies a prominent role. This is essentially an unconscious instance whose function is to prevent the occurrence of primary processes, thus ensuring the development and health of the apparatus. In the book "The Interpretation of Dreams", the term ego disappears and the functions previously attributed to this concept, are on the list of activities at the pre-conscious, system that keeps a close relationship with consciousness. Our hypothesis is that the change in nomenclature in "The Interpretation of Dreams" is because the pre-conscious is part of the ego, but doesn't cover completely this instance, especially his unconscious part, which Freud had already realized in 1900. A more refined theorizing about the unconscious part of the ego Freud will do in 1923, in the text "The Ego and the Id". In the latter, the author conceives the ego as a complex structure that includes a number of systems. Its main function is to inhibit the drives in order to enforce the principle of reality and thus preserve the psychic system. The views of Freud in "The Ego and the Id", regarding of the ego, are very similar with his ideas developed in the "Project for a Scientific Psychology". Thus, we aim isn't to say that the production of Freud is linear, but neither the opposite is true: there is a definitive break between the texts. What is unequivocal in respect to ego, is a growing conceptual refinement that positions are taken up, reformulated and related to clinical findings.

KEYWORDS: Metapsychology; Ego; Pre-conscious; Psychic apparatus; Topical psychic; Inhibition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	16
O EU NAS ORIGENS	16
1.1. A IMPORTÂNCIA DO “PROJETO DE UMA PSICOLOGIA”	16
1.2. O PRINCÍPIO DA INÉRCIA: A TENDÊNCIA ORIGINAL.....	19
1.3. OS TRÊS SISTEMAS $\Phi\Psi\Omega$	21
1.4. A VIVÊNCIA DE SATISFAÇÃO E DE DOR.....	26
1.5. O EU.....	29
1.5.1 PROCESSOS DO EU: O PENSAR E A ATENÇÃO	32
1.5.2. PROCESSOS PRIMÁRIOS “NORMAIS” NO INTERIOR DO EU.....	35
1.5.3. PROCESSOS PRIMÁRIOS PATOLÓGICOS NO INTERIOR DO EU	36
1.5.4. ORIGEM E EVOLUÇÃO DO EU	38
1.6. PONTUAÇÕES FINAIS.....	40
CAPÍTULO II.....	41
A PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA: O EU É O PRÉ-CONSCIENTE?	41
2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEXTO: CONTINUAÇÃO OU RUPTURA?	42
2.2. O APARELHO, A PERCEPÇÃO E A MEMÓRIA.....	44
2.3. O INCONSCIENTE	47
2.4. O PRÉ-CONSCIENTE.....	48
2.5. O PRÉ-CONSCIENTE E A FORMAÇÃO DO SONHO	50
2.6. O PRÉ-CONSCIENTE, A DEFORMAÇÃO DO SONHO E A FORMAÇÃO DE COMPROMISSO	53
2.7. O DETERMINISMO PSÍQUICO.....	56
2.8. A EVOLUÇÃO DO SISTEMA: PROCESSO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO	57
2.9. O PRÉ-CONSCIENTE E A CONSCIÊNCIA.....	62
2.10. É O PRÉ-CONSCIENTE O EU DO “PROJETO...”?.....	65
2.11. PONTUAÇÕES FINAIS.....	67
CAPÍTULO III	69
O EU NA SEGUNDA TÓPICA.....	69
3.1. A INCONSCIÊNCIA DO EU	70
3.2. A ORIGEM DO EU VIA ESTÍMULOS EXTERNOS	76
3.3. O DESENVOLVIMENTO DO EU VIA REPRESENTAÇÃO DE SI	78
3.4. O EU E A IDENTIFICAÇÃO	81
3.5. O ACESSO A CONSCIÊNCIA	84
3.6. O EU E EROS	89
3.7. PONTUAÇÕES FINAIS	95
CONCLUSÃO.....	97
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é analisar a construção do conceito de eu em Freud a partir da leitura de alguns textos cuja abordagem do tema é feita de maneira extensiva como, mais especificamente: “Projeto de uma psicologia” (1895), o capítulo sete de “A Interpretação dos sonhos” (1900), e “O eu e o isso” (1923). Além do que, esses textos representam um marco quando o tema em questão é o aparelho psíquico.

No que se refere a teoria psicanalítica, o eu é um conceito metapsicológico por excelência. Por metapsicologia entende-se uma “... psicologia que se estende para além da consciência” (Freud, 1986/1989, p. 302), o que é genuinamente uma criação freudiana para dar conta das descobertas empreendidas principalmente no que tange a inconsciência dos processos que ocorrem na esfera anímica do sujeito. A bem da verdade, é sobre o inconsciente enquanto remetendo à ignorância do sujeito em relação ao que se passa nele que trata a psicanálise. A metapsicologia é, por assim dizer, sinônimo de teoria psicanalítica, que, longe de excluir a clínica, busca lhe dar fundamentos (Garcia-Roza, 2008), já que parte dela e a ela retorna, em um ir e vir ilimitado.

O conceito de eu perpassa toda a obra psicanalítica. Entretanto, não imune, é claro, às reformulações. Tanto para se referir ao sujeito como um todo ou a uma instância, desde seus primeiros textos, nas cartas a Fliess, e também nas suas últimas produções, o eu é um tema recorrente. A apreensão desse conceito, por isso, é dificultada se tomada de forma isolada, ou seja, sem levarmos em conta a teia conceitual na qual ele está inserido. Entretanto, essa não parece ser uma particularidade do conceito de eu, mas uma característica da teoria psicanalítica como um todo: nada pode ser definido isoladamente, em qualquer acepção há que se levar em conta a trama conceitual, o emaranhado de idéias ao qual determinado conceito se reporta. Até mesmo os conceitos cunhados quando a teoria psicanalítica já havia avançado muito, como é o caso do narcisismo, por exemplo, correm o risco de serem mal entendidos se não antecedermos para além das suas origens e os relacionarmos a outros conceitos que o precedem.

O termo eu também foi e é tema de discussões e discordâncias teóricas entre escolas psicanalíticas desde que a psicanálise se popularizou e seu corpo teórico ultrapassou os limites do

seu criador. A escola americana, por exemplo, conhecida como psicologia do ego, tratou de fazer desse conceito, mais particularmente do que ficou conhecido, a partir de Hartmann (1968), como “zona livre de conflito”, o núcleo de sua teorização e atuação psicoterápica. Contrapondo-se a esse modo de conceber as coisas, Lacan funda uma nova escola e logo em seus primeiros cursos, dedica um seminário ao tema. Seu objetivo era provar que a psicanálise estava sendo entendida de forma enviesada pelos americanos, por isso propõe um retorno a Freud que se sustenta na primazia do simbólico, o que seria, para ele, a psicanálise genuína.

Além dessas diferentes interpretações, cujos efeitos foram tão permanentes que fundaram instituições existentes até hoje, o próprio termo eu suscita uma série de ambigüidades. Freud usa um único termo, eu (*Ich*), para se referir tanto a pessoa que fala como a uma instância abstrata dentro dela. Os psicanalistas de língua inglesa optaram por diferenciar aquilo que Freud sintetizou em uma palavra: para o eu (*Ich*) enquanto instância, cunharam o termo ego, para o eu (*Ich*) enquanto representante da pessoa o termo utilizado é *self* (Spruiell, 1981). O que também acrescenta outros tantos posicionamentos acerca do tema. Mas isso não foi uma particularidade dos psicanalistas ingleses, Lacan também faz isso quando propõe a diferenciação entre *Je e moi*, o primeiro para se referir a pessoa que fala, submetida/sujeita ao inconsciente, e o segundo a instância.

O contato com essas teorias foi o que motivou mais profundamente este trabalho. Isso porque, a grande maioria dos seguidores de Freud almeja o título de seu sucessor, ou seja, daquele que fez a psicanálise caminhar depois do mestre. Diante disso, nasceu o desejo de entender como o conceito psicanalítico de eu se encaixa na obra de quem o criou. A quais amarrações conceituais ele dá brecha? Qual seu verdadeiro significado na produção freudiana? Que lugar ele ocupa na psicanálise?

Como não poderia ser diferente, o eu, em cada momento da escrita de Freud, é marcado pelos reflexos das descobertas que o pai da psicanálise ia fazendo em sua clínica. Assim, diante de achados importantes, Freud propunha uma readequação de sua metapsicologia, um aprimoramento dos conceitos de maneira que esses pudessem ficar mais coerentes com a nova forma de conceber as coisas. Freud mesmo nos diz: “(...) sempre devemos estar dispostos a abandonar nossas representações auxiliares quando nos cremos em condições de substituí-las por alguma outra coisa que se aproxime melhor da realidade desconhecida” (1900/2007, p. 598). Essa é uma característica, diga-se de passagem, digna de louvor em Freud: admitir enganos, omissões

e reformular conceitos quando a prática exigia. Daí a razão da dificuldade de tomar um único momento da produção de Freud para explicar um conceito.

No texto sobre o “Projeto de uma psicologia”, de 1895, Freud concebe o eu como uma massa neuronal cuja ocupação por excitação é constante. Essa definição em tudo se relaciona aos objetivos do autor no momento: conceber uma psicologia que esteja embasada em substratos materiais e que siga o modelo das ciências naturais. Já em 1900, no capítulo VII do livro “A interpretação dos sonhos”, Freud assegura que sua elaboração conceitual permanecerá no terreno psicológico. Será que isso coloca um abismo intransponível entre os dois textos, mais precisamente no que concerne ao conceito de eu?

Além disso, pode-se dizer que o termo eu desaparece do livro sobre a interpretação, ocasião em que Freud apresentará sua primeira tópica. As atividades realizadas pelo eu, no “Projeto de uma psicologia”, no texto sobre a interpretação dos sonhos são transferidas para a instância que Freud denomina pré-consciente. Mas por que Freud abdica de utilizar a palavra eu? Quais são as razões para essa mudança, já que, posteriormente, em sua segunda tópica, sabemos que ele retoma a antiga nomenclatura?

No texto “O eu e o isso”, o conceito de eu é abordado de uma forma bem mais complexa e refinada. Enquanto que na primeira tópica, diferentemente do “Projeto de uma Psicologia”, o pré-consciente é tomado como tendo uma ligação íntima com a consciência, na segunda tópica Freud coloca tudo em seu devido lugar: a essência inconsciente do eu é retomada, o supereu (*Überich*) é teorizado e o conceito de inconsciente estrutural, o isso (*Es*), é desenvolvido. Como compreender as reformulações propostas por Freud em cada texto no conjunto de uma obra?

Essas são as perguntas que inspiram a realização deste trabalho. Em meio às discussões apresentadas, buscaremos as ligações e as divergências entre os textos, visando abarcar nosso objetivo maior que é desenvolver um estudo cronológico do conceito de eu, tomando por base alguns dos principais textos que versam sobre a temática em questão. Uma pesquisa desse tipo, mais do que definições estanques, pretende adentrar na própria construção que Freud faz do conceito. Isso quer dizer que buscamos entender, nos textos estudados, como eles se amarram um no outro, quais os avanços conceituais, as reformulações que Freud nos apresenta em cada texto. Dentro da temática proposta, o que se pretende é encontrar os fios que ligam os textos, a trama em torno da qual o conceito pesquisado se encaixa. Mais do que aquilo que é explícito, o objetivo

principal é entender o implícito, aquilo que está nas entrelinhas, que se subentende na ligação entre os textos, ou seja, aquilo que se pode aferir a partir de uma leitura propriamente analítica.

Como é possível perceber, conceber um abismo entre os escritos de Freud não será o pressuposto que guiará nosso trabalho, pois acreditamos que não há um texto psicanalítico sequer de Freud em que ele rompa definitivamente com seus outros escritos.

Segundo Monzani (1989), há pelo menos três pressupostos diferentes que norteiam maneiras diversas de ler Freud. No primeiro, acredita-se que houve rupturas definitivas em sua teoria, ou seja, que o Freud de 1895, por exemplo, é totalmente diferente do Freud de 1930. No segundo, toma-se a obra do criador da psicanálise como um todo monolítico, em que todos os textos seguem a mesma linha de raciocínio. Esse modo de pensar é o outro extremo do primeiro citado, “ambas as posições ... são muito difíceis de serem sustentadas.” (Monzani, 1989, p. 13). Isso porque é verificável em sua obra que na mesma medida em que Freud abandona várias posições teóricas no decorrer de sua escrita, há casos em que uma idéia permanece até o final. Sendo assim, essas duas maneiras de ler Freud estão fadadas ao insucesso porque negligenciam um ou outro aspecto.

A linha de raciocínio adotada como método desse trabalho é coerente com a postura investigativa de Monzani, isto é, “... uma leitura de Freud seria a tentativa de reconstrução do movimento de seu pensamento” (1989, p. 13). Essa forma de leitura leva em conta as articulações da obra, a rede em que um conceito se insere, porque, segundo esse autor:

a Psicanálise freudiana parece ter sido muito mais uma lenta gestação conceitual onde as noções foram retificadas, precisadas, repensadas ou explicitadas umas em função das outras e também em função das novas aquisições fornecidas pela prática clínica. Hesitações, oscilações, abandonos temporários? Tudo isso houve, sem dúvida. Mudanças radicais e definitivas? Tudo parece indicar que não (Monzani, 1989, p. 302).

Os temas metapsicológicos (aqui, talvez, também poderíamos estender nossa afirmação para psicanálise como um todo) não são de fácil compreensão. A primeira vista, pode parecer que essa afirmação não seja correta. Isso porque a escrita clara e bem estruturada de Freud pode ludibriar o leitor no sentido de fazê-lo pensar que ele, o leitor, entende demais, que os conceitos são bem simples e fáceis de absorver. Uma pesquisa atenta da obra de Freud nos faz ver, ao contrário, que a psicanálise, sob qualquer ponto de vista, é complexa.

O fato de priorizarmos determinados textos não significa que não utilizaremos outras referências de Freud. Seria uma incoerência no que diz respeito aquilo que vem sendo dito, a saber, que a psicanálise pode ser mal compreendida se tomarmos as produções freudianas de forma isolada e descontextualizada. Nesse sentido, Garcia-Roza (2008, p. 202) nos auxilia:

é extremamente difícil, a um comentador, permanecer estritamente dentro dos limites do texto de um autor, sobretudo quando esse autor é Sigmund Freud ... Isto, evidentemente, não porque autor e texto sejam pobres e obriguem o comentador a enriquecê-los com outros autores e outros textos, mas, ao contrário, pela potência que têm de nos remeter para muito além deles próprios e para um tempo futuro que já era o deles mas não dos seus contemporâneos.

A fim de alcançarmos nosso objetivo, este trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro trataremos de entender o conceito de eu no texto “Projeto de uma psicologia”. Já no segundo capítulo, analisaremos a primeira tópica freudiana contida no capítulo sete do livro “A interpretação dos sonhos”, a fim de precisar qual é o lugar que o conceito em questão ocupa e se é possível estabelecer relações com o texto do “Projeto de uma Psicologia”. Por fim, discutiremos o texto “O eu e o isso” com o intuito de apreender o conceito de eu nessa obra magistral, quais outras definições se relacionam a ele e estabelecer ligações com os outros textos citados.

CAPÍTULO I¹

O EU NAS ORIGENS

A primeira teoria explicativa do aparelho psíquico é construída por Freud a partir de suas pesquisas com os neuróticos e encontra-se no texto “Projeto de uma psicologia”. A partir do que encontra no tratamento com os pacientes, o autor levanta algumas hipóteses e infere um funcionamento mental, ou seja, tenta construir uma teoria que possa sustentar e tornar mais claros e coesos os achados clínicos.

No “Projeto de uma psicologia”, Freud concebe o eu como uma organização que assegura um funcionamento secundário para o organismo, ou seja, um funcionamento mais complexo que visa impedir a alucinação e a perda de recordações, de registros mnêmicos. Em suma o eu é, por assim dizer, aquilo que vela pela saúde psíquica do sujeito.

Por se tratar de um texto complexo, antes da abordagem do conceito de eu, é necessário entender outras noções propostas que se relacionam diretamente com a temática em questão. Por isso, no primeiro tópico, faremos uma discussão acerca da importância do texto “Projeto de uma psicologia” para o entendimento das noções metapsicológicas. Posteriormente, trataremos dos princípios que regem o funcionamento da estrutura psíquica sugerida por Freud e, no terceiro tópico, explicitaremos os sistemas dessa estrutura. O quarto tópico será direcionado a abordagem das duas experiências fundamentais para o sujeito: as vivências de satisfação e de dor. Os tópicos seguintes serão dedicados ao eu e aos seus processos.

1.1. A importância do “Projeto de uma Psicologia”

¹ As seções: 1.2, 1.3, 1.4, 1.5 e 1.5.4 desse capítulo foram parcialmente apresentadas e publicadas no IV Congresso Internacional e X Semana de Psicologia intitulada “Conhecimento e saúde mental: compromisso com o desenvolvimento humano”, na Universidade Estadual de Maringá no ano de 2009.

O primeiro texto abordado neste trabalho visando a elucidação do conceito de eu será o escrito de Freud “Projeto de uma Psicologia²”. Nessa obra de 1895 encontra-se a primeira tentativa de Freud de conceber o aparelho psíquico.

O texto do “Projeto...” jamais foi publicado pelo seu autor, a versão original nem sequer tem um título. Isso porque Freud parece não ter gostado do resultado do seu trabalho. Foi Marie Bonaparte quem comprou de um livreiro as cartas que Freud tinha enviado a Fliess e junto com esse acervo estava o “Projeto...”, que fora anexado por Freud em uma dessas cartas. Quando este ficou sabendo do fato pediu que a princesa destruísse toda a correspondência. Referindo-se as cartas, Freud diz: “não quero que nenhuma delas seja conhecida pela chamada posteridade ...” (Masson, 1986, p. 7). Entretanto, não foi isso o que ela fez. “Felizmente, ela teve a coragem de desafiar seu analista e mestre ...” (Jones, 1989, p. 316). Ainda assim, o “Projeto...” foi publicado somente em 1950, mais de 10 anos após a morte de Freud (Masson, 1986).

Mas se Freud não considerava o texto do “Projeto...” uma produção de valor, por que é importante estudá-lo? A leitura da obra responde a essa questão sem muitas dificuldades, porque neste texto estão contidos os germes de muitas das elaborações freudianas futuras.

É sempre com espanto que lemos e relemos o Projeto... e a correspondência com Fliess. Tudo já está lá, quase somos obrigados a exclamar. Sim, de uma certa maneira, quase tudo já está lá. Mas serão necessários mais de 40 anos para Freud colocar tudo no seu devido lugar, repensar e retificar pacientemente essas idéias (Monzani, 1989, p. 304).

Alguns autores comentam o desinteresse de Freud pela publicação do “Projeto...”. Garcia-Roza pontua: “... o que Freud recusou foi o texto considerado como um conjunto acabado, mas não as idéias ou algumas das idéias nele contidas e que, com o passar do tempo, ele foi reinscrevendo algumas das noções do *Projeto* em obras que considerava como já expressivas no seu pensamento psicanalítico” (2004, p.70, grifo do autor). O posicionamento de Garcia-Roza é facilmente corroborado se recorrermos à correspondência entre Freud e Fliess. Ali, é possível perceber que até desistir da publicação do texto, o autor ora expressa otimismo e júbilo pelas idéias que estava desenvolvendo e ora rechaça o texto afirmando que ali se encontravam muitas idéias obscuras, pouco desenvolvidas.

² A partir daqui, a título de simplificação, nos referiremos ao “Projeto de uma psicologia” como “Projeto...”.

Se levarmos em conta que Freud produziu textos psicanalíticos por mais de 30 anos, é simples constatar que, no que tange ao aparato psíquico, muitos dos postulados contidos no “Projeto...” foram modificados. Entretanto, essas modificações vão muito mais no sentido de um refinamento de conceitos do que de um abandono completo daquilo que foi tratado no texto (Monzani, 1989).

James Strachey também percebe a influência do “Projeto...” na obra de Freud: “... é certo que o Projeto – ou melhor seu invisível espectro – esta silenciosamente presente em toda a série de escritos teóricos de Freud, até o final” (Strachey, 1949, p.333).

Entretanto, não podemos nos esquecer do fato incontestável: o “Projeto...” não foi publicado pelo seu autor. Por isso, como bem diz Monzani, esse texto “... só pode funcionar como *prova* de uma tese quando não existirem declarações ou princípios contrários ao nível da obra assumida. Por mais importante que seja esse texto, ele deve continuar sendo o que é: uma obra inacabada, abortada e não-assumida” (1989, p. 317, grifo do autor).

O eu ocupa um lugar central nesse texto. O aparelho psíquico pensado pelo autor nesse momento da sua produção gira em torno dessa “massa neuronal constantemente ocupada”, de um estado ou um modo de organização específico da mente, a saber, o eu. Mas para entender como o autor propõe o conceito em questão nesse texto, é preciso abordar algumas outras noções propostas.

O objetivo da escrita do “Projeto...” fica claro logo no início. Nas palavras de Freud: “o propósito [é] fornecer uma psicologia científico-naturalista, ou seja, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição” (Freud, 1985/1995, p. 9). É se utilizando do modelo das ciências naturais que o autor pretende explicar o aparelho psíquico. Uma pretensão e tanto que, embora jamais totalmente abandonada, se vê modificada nos textos publicados de Freud.

A teoria do funcionamento mental elaborada pelo autor supracitado tem seus fundamentos na sua prática clínica, ou seja, é a partir de sua experiência com os pacientes neuróticos que ele se autoriza a inferir uma dinâmica tal qual ele nos apresenta neste texto para o

funcionamento mental. Freud está às voltas com uma série de fenômenos (a defesa, o esquecimento, o sintoma etc.) cuja explicação os conhecimentos científicos existentes até então não conseguiam oferecer. Entretanto, apesar de ter um fundamento clínico, “... o método seguido é rigorosamente hipotético-dedutivo e busca traduzir, sempre que possível, em termos de quantidade e neurônio o que era conhecido factualmente” (Gabbi Jr., 1995, p. 172). Já aqui é preciso reconhecer a genialidade de um autor que, partindo apenas de duas concepções aceitas, a saber, do neurônio como partícula material e da noção de quantidade (retirada das idéias intensas na histeria), consegue construir uma teoria lógica articulada e complexa, cujos rastros serão visíveis durante toda a sua obra.

1.2. O princípio da inércia: a tendência original

O postulado básico na configuração do aparelho psíquico proposto por Freud reza que, originalmente, o sistema psíquico como um todo tende a se desfazer de Q^3 . A essa tendência original Freud dá o nome de princípio da inércia. Isso quer dizer que, primordialmente, o organismo não suporta, não aceita o acúmulo de quantidade, tende a livrar-se dela o mais rápido possível. Em outras palavras: qualquer estimulação é pouco tolerada e eliminá-la, em primeira instância, é o objetivo de todo o funcionamento do aparelho. Mas qual o caminho utilizado para que seja possível a anulação de Q ? O caminho é a fuga do estímulo ou sua descarga via motilidade. Freud considera que o movimento reflexo é um exemplo típico desse modo de funcionamento primário, ou seja, este que visa desfazer-se de Q .

Entretanto, Freud alerta que somente os estímulos provenientes do exterior do organismo podem ser descarregados desse modo. A excitação endógena, necessariamente existente nos organismos, rompe o princípio de inércia, porque nesse caso não se pode utilizar nem da fuga e tampouco da descarga motora. Tomemos o exemplo da fome⁴, resultado de um tipo de excitação interna, para entender melhor do que se trata. Quando sentimos fome, não há outra maneira de saciar essa necessidade senão por meio da alimentação. Não há para onde fugir

³ Q deve ser entendida como quantidade de movimento, ou seja, aquilo que diferencia a atividade do repouso. Esse movimento está completamente relacionado a quantidade de excitação. Freud concebe a excitação nervosa “... como quantidade em fluxo” (Freud, 1895/1995, p. 10).

⁴ A estimulação de fonte somática dá origem a fome, a respiração, a sexualidade e a outras necessidades do organismo.

e não há, do mesmo modo, nenhum movimento realizado pelo organismo capaz de anular o estímulo interno.

Se pensarmos em uma criança fica fácil admitir sua dependência da ajuda alheia. Não tendo meios de prover o próprio alimento, ela necessita que um adulto lhe ofereça aquilo que ela precisa para que então se restabeleça o equilíbrio do organismo. Freud diz então que a estimulação somática, em função de sua natureza, exige uma “ação específica” e o objeto dessa ação necessariamente precisa ser buscado no meio externo. Desde a primeira vez que essa estimulação acontece, o sujeito é inserido em uma dimensão de temporalidade na medida em que não é de imediato que a comida se presentifica. É preciso então aprender a esperar. Falando de outro modo: para alcançar o êxito (o cessar da estimulação), o organismo precisa abrir mão do princípio da inércia e suportar o acúmulo de Q até que o objeto capaz de anular o estímulo esteja a seu alcance. Por conta disso, um princípio secundário se impõe como uma necessidade do organismo. A esse princípio Freud chama princípio da constância e o seu advento modifica o princípio da inércia: não mais descarregar toda Q, mas reduzi-la e mantê-la no menor nível possível.

Vale ressaltar que, por trás da função secundária, subsiste atuante a função primária. Isso porque o organismo foi forçado, pelas condições da vida, a suportar o acúmulo de Q. É como se a função secundária não passasse de uma derivação da primária que mantém sua tendência agora um pouco modificada. A partir do advento da estimulação de ordem somática, manter a Q mínima possível é o objetivo, já que como herança da função primária, o organismo tolera pouco a estimulação. Nas palavras de Freud:

... o sistema nervoso é coagido a abandonar a tendência originária para a inércia, isto é, para nível = zero. Tem de permitir a ocorrência de armazenamento de Q₁ para satisfazer a exigência da ação específica. Na forma como o armazenamento faz-se, mostra-se, no entanto, a permanência da mesma tendência, modificada no esforço de manter a Q₁ no menor nível possível, em defender-se contra a elevação, ou seja, em mantê-la constante (Freud, 1895/1995, p. 11).

Todo trabalho, todo movimento, toda configuração e arquitetura do aparelho servirá a algum desses dois princípios: ou a eliminação, ou a redução e manutenção da Q no menor nível possível.

1.3. Os três sistemas $\Phi\Psi\omega$

A fim de explicar o movimento rumo à descarga da excitação tanto de fonte interna como externa dentro do aparelho psíquico, a teoria de Freud supõe a existência de três sistemas designados pelas letras gregas Φ , Ψ , ω (respectivamente phi, psi e ômega). Em suma, o sistema Φ relaciona-se à percepção, o Ψ à memória e o ω à consciência.

Freud concebe os neurônios como passíveis de estarem ocupados⁵ ou não por Q. Essa Q que chega ao aparelho psíquico, do exterior ou interior do organismo, como já foi dito, se movimenta dentro dele, ou seja, caminha pela rede de neurônios existente até que possa se dissipar, já que a tendência do organismo é senão descarregar, ao menos manter a excitação no nível menor possível. Vejamos as particularidades de cada um dos sistemas para depois entender como se dá esse movimento.

O sistema psíquico Φ é aquele que está em contato com o mundo externo e por conta disso é o responsável pela percepção. Seus neurônios recebem Qs muito elevadas e não têm a capacidade de reter nada, assim como retornam ao seu estado original a cada passagem de Q. Há uma ligação intrínseca desse sistema e a motilidade, ou seja, grande parte da Q que chega nele é descarregada por meio do aparelho motor. Frações desse estímulo externo são transferidas a outro sistema, o sistema Ψ . Em termos de evolução, o sistema Φ é o mais primitivo, visto que se relaciona à tendência original.

O sistema Ψ é bem mais complexo; é, por assim dizer, o sistema nuclear da teorização freudiana. Ele é o responsável pela retenção da Q exigida pelo princípio da constância (imposição da excitação endógena). Mas para entender como é possível uma reserva de Q, há que se admitir a existência de algum mecanismo que evite o escoamento dessa excitação, haja vista que o princípio estabelecido de partida assegura que a tendência primeira do organismo é livrar-se de Q. A partir disso, Freud deduz que todos os neurônios possuem barreiras de contato que dificultam a passagem de Q e, por isso, são responsáveis pelo seu acúmulo. Entretanto, estas barreiras se fazem sentir apenas em Ψ , já que esse sistema está exposto a Qs de magnitude muito pequena (intracelular), compatível com a capacidade dessas barreiras, ao passo que em Φ essas barreiras não exercem nenhuma função por conta do nível de Q que é muito elevado, o que anula sua capacidade de atuação.

⁵ Para o substantivo alemão *Besetzung*, derivado do verbo *besetzen*, são propostas diferentes traduções, como ocupação, investimento e catexia.

A cada passagem de Q, ocorre uma alteração nessas barreiras, alteração que vai no sentido de torná-las mais parecidas com o sistema Φ , ou seja, mais permeáveis e mais capazes de condução. Freud chama isso de grau de facilitação. Em outras palavras: grau de facilitação é o nível de permeabilidade existente nas barreiras de contato. São essas facilitações que estabelecem os caminhos de eliminação, ou seja, o estímulo que chega ao aparelho psíquico vai seguir o caminho dos neurônios mais facilitados entre si. Por conta disso, Freud diz que as facilitações servem ao princípio primário, porque visam facilitar a eliminação de estímulos, reduzindo aquilo que assegura o princípio secundário, a saber, as barreiras de contato. Entretanto, Freud não deixa de salientar que a passagem de Q ocasiona uma diminuição da capacidade das barreiras de contato, mas não um cancelamento completo.

Uma facilitação depende de dois fatores: magnitude do estímulo e frequência com que ele se repete. Isso significa que se um estímulo satisfizer algum ou ambos desses fatores citados, ele ocasionará uma facilitação entre neurônios, ou seja, ficará determinado um caminho preferencial para o escoamento de Q. Falando de outro modo: são estas facilitações existentes nas barreiras de contato entre os neurônios que criam caminhos mais ou menos determinados para excitação, ou seja, é a existência de facilitações diferentes o que faz com que a Q prefira certos “caminhos” em detrimento de outros.

É em relação ao conceito de facilitação que Freud define a memória. Por isso, a memória (capacidade neuronal de alteração permanente) é de responsabilidade do sistema Ψ . Sobre isso Freud diz: “a memória apresenta-se através das diferenças nas facilitações entre os neurônios Ψ ” (1895/1995, p. 14).

A Q que chega em Ψ provém de duas fontes: do interior do organismo (fonte somática) e também dos neurônios Φ (neste caso Ψ recebe apenas frações das Qs provenientes deste sistema, haja vista que grande parte dela é descarregada via motilidade). Os neurônios Ψ que recebem Q de Φ , Freud denomina neurônios do manto; aqueles que recebem Q do soma Freud chama de neurônios do núcleo. São estes últimos os responsáveis pela retenção de Q, ou seja, pela Q exigida a partir do momento que a função secundária se impôs.

Enquanto que Φ protege Ψ de estímulos exteriores de grande magnitude, fazendo com que chegue neste segundo apenas frações do estímulo original, não há proteção em Ψ para a Q de fonte somática. Estes estímulos são intracelulares, contínuos e se transformam em excitação psíquica através de um processo chamado de somação – acúmulo de excitação, aumento de

quantidade até um determinado limiar. A partir deste limite, o sistema Ψ é estimulado continuamente, ou seja, a partir de certo limiar o sistema fica permeável e volta ao seu estado original quando a necessidade é satisfeita. Vejamos o que Freud diz acerca dessa estimulação de fonte somática:

mas do interior segue-se que as barreiras de contato Ψ alcançam, em geral, uma altura maior do que as barreiras de condução, de modo que nos neurônios nucleares pode efetivar-se um novo acúmulo de $Q\dot{\eta}$. Deste nivelamento de condução em diante não se põe nenhum limite para aquele. Aqui Ψ está abandonada à Q e assim se origina, no interior do sistema, o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos este poder como a vontade, o derivado das pulsões (1895/1995, p. 31).

A tabela abaixo apresenta um resumo daquilo que foi exposto até aqui acerca dos sistemas Φ e Ψ .

Neurônios Φ	Neurônios Ψ
Comportam-se como se não tivessem barreiras (já que as quantidades de estímulo a que estão expostos é muito grande e as barreiras se tornam ineficientes).	Permitem a passagem de Q com dificuldade ou parcialmente (nesses neurônios as barreiras são eficazes porque a magnitude da Q que neles chega é pequena).
Depois de cada passagem de excitação, voltam ao estado anterior.	Depois de cada excitação ficam em um estado diferente do anterior.
Permeáveis (não oferecem resistência e nada retém).	Impermeáveis (dotados de resistência e retentivos de Q).
Responsáveis pela percepção.	Responsáveis pela memória e pelos processos psíquicos em geral.
Recebem estímulos provenientes do exterior (via órgãos dos sentidos).	Recebem estímulos endógenos e do sistema Φ .

Na tentativa de explicar a consciência, o que para Freud é uma necessidade de toda teoria psicológica, o autor supõe a existência de um terceiro sistema, o sistema ω . A hipótese de outro sistema é necessária, pois, segundo Freud, a consciência não pode ser situada em Φ porque ela faz parte dos níveis mais altos do sistema nervoso e esse sistema é o mais primitivo. Tampouco é possível situá-la em Ψ porque as sensações conscientes são desprovidas de recordação. Propõe então um terceiro sistema, o sistema ω ⁶.

Freud define a consciência como “... o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso, isto é, dos processos ω ” (1895/1995, p. 25). A partir dessa definição fica bem evidente que desde os primórdios da psicanálise Freud acreditava que a consciência não podia dar conta de todos os processos psíquicos. Ela é, de fato, transitória e fugaz, responsável por poucos processos que ocorrem dentro do sistema anímico. Para Freud, a grande maioria dos processos mentais acontece de uma maneira terminantemente inconsciente. Longe de desqualificar o conceito de consciência na produção freudiana, nosso objetivo é ressaltar que segundo Freud é na inconsciência que se encontra a essência do psiquismo desde os primórdios da psicanálise. Isso não significa dizer que Freud tenha deixado de dar importância a consciência, bem pelo contrário, o tema da consciência é abordado durante toda a obra freudiana como um tema de “primeira categoria”. Pedimos licença ao leitor para transcrever um trecho longo, porém, fundamental para a compreensão da importância que Freud dá, desde o “Projeto...”, àquilo que acontece sem a participação da consciência:

imediatamente esclarecemos um pressuposto que nos guiou até aqui. Temos tratado o processo psíquico como algo que poderia prescindir deste conhecimento dado pela consciência, que existe independente de uma tal consciência. Assim estamos preparados para descobrir que algumas de nossas suposições não serão confirmadas pela consciência. Se não nos deixarmos desconcertar por tal fato, segue-se desse pressuposto que a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro, dos processos neuronais; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda extensão como inconscientes e cabe inferi-los como as outras coisas naturais (1895/1995, p. 22).

⁶ É importante salientar que a consciência permanece sendo um tema problemático, complexo, durante toda a obra de Freud. Logo após a escrita do “Projeto...”, Freud escreve uma carta (carta 39) a Fliess modificando a ordem proposta aqui para $\Phi\omega\Psi$, o que pouco acrescenta à problemática em questão.

O sistema ω é excitado junto com a percepção, por meio do que Freud chama de período⁷; e também pela Q proveniente de Ψ . No caso da excitação de origem externa, essa que chega ao organismo por meio do período, trata-se da imensa diversidade de qualidades que são experimentadas na relação da pessoa com o mundo. Já no caso da excitação proveniente de Ψ , chegam em ω quantidades de excitação muito pequenas, menores ainda do que aquelas que chegam em Ψ . Então a qualidade, ou seja, as sensações conscientes teriam em sua base quantidades reduzidas ao seu mínimo, o que não contraria a tendência do organismo de livrar-se de Q.

A comunicação entre Ψ e ω tem como resultado as sensações conscientes de prazer e desprazer. Quando há um excedente de Q em Ψ , ocorre igualmente um aumento de estímulo em ω , o que se traduz como sensação consciente de desprazer. Se há descarga, ou seja, se a quantidade de estímulos em Ψ está baixa, conseqüentemente diminui a Q em ω , o que é sentido como prazer nesse sistema. Em caso de estimulação muito intensa ou de ausência de estimulação⁸, o sistema da consciência fica impossibilitado de receber as sensações advindas da percepção por meio do período. Por isso, a situação ideal nesse caso é o que Freud chama de “uma certa ocupação forte” (1895/1995, p. 26). O que significa dizer que é o princípio secundário - a manutenção de Q em um nível constante - o que possibilita a consciência daquilo que acontece fora do sujeito, no meio externo. Se a ocupação é muito intensa ou inexistente, ou seja, na presença de uma estimulação muito intensa ou na ausência desta o sistema ω fica impossibilitado de receber qualquer período que provenha do meio externo. Isso significa que diante de um desprazer muito intenso ou de uma suposta anulação de tensão não há como perceber nada, não há sensações conscientes.

Em suma, o funcionamento geral proposto por Freud se dá desta forma: 1. o estímulo externo chega em Φ ; 2. uma fração deste é transferido para Ψ (onde os neurônios Φ terminam) enquanto que a outra parte é descarregada por meio da motilidade, Ψ também recebe Q de fonte somática.; 3. o sistema Ψ , por sua vez, transfere para ω uma fração de Q, sentida como sensação consciente de prazer ou desprazer. Além disso, toda percepção, por meio do período, é sentida em ω como qualidade sensorial.

⁷ Freud empresta da física a noção de período. Entretanto, esse conceito permanece um pouco obscuro. Corresponde a uma tentativa de Freud de explicar a relação entre percepção e qualidade (sensação consciente).

⁸ A anulação de tensão é sinônimo de morte do organismo. Por isso, não tem sentido dizer que uma anulação impede o organismo de ser consciente, haja vista que isso é óbvio.

1.4. A vivência de satisfação e de dor

Vimos que o sistema psíquico se movimenta com vistas a eliminação da estimulação acumulada ou ao seu rebaixamento e manutenção em um nível mínimo. Duas vivências são fundamentais para o funcionamento deste sistema: a vivência de satisfação e a vivência de dor. Isso porque elas fornecem padrões de eliminação para o sistema psíquico, produzem facilitações duradouras e poderosas, ou seja, a partir dessas vivências, restarão duas tendências permanentes no organismo. Ambas as experiências são muito primitivas, iniciais, por conseguinte seu modo de funcionamento é caracterizado por Freud como primário, isto é, visam à descarga completa.

Começemos pela vivência de satisfação. Como já foi visto, é por somação que os neurônios nucleares são estimulados. Excessiva excitação em Ψ é sentida como desprazer em ω . A primeira via de descarga escolhida pelo organismo, em respeito ao princípio de inércia, é a via motora (movimentação, choro, etc.). Entretanto, essa descarga motora não pode cessar o estímulo que necessita de objetos externos. Mesmo não tendo meios de anular a excitação, a tentativa de descarga via motilidade é fundamental porque servirá de comunicação, ou seja, é por meio dessa tentativa que o adulto perceberá que algo não vai bem com a criança e que ela precisa de alimento, por exemplo. A partir do momento que é oferecido ao infante o objeto da ação específica, seu organismo o reconhece como tal e se movimenta em prol do restabelecimento do equilíbrio. A esta experiência Freud dá o nome de vivência de satisfação.

Segundo Freud, a partir dessa vivência, três coisas acontecem no sistema Ψ :

1. realizou-se uma eliminação duradoura, e, dessa forma, dá-se fim a incitação que produzira em ω desprazer;
2. origina-se no manto a ocupação de um neurônio (ou de vários) que corresponde(m) a percepção de um objeto;
3. chegam em outros lugares do manto as notícias de eliminação devida ao movimento reflexo desencadeado que se segue à ação específica. Entre essas ocupações e os neurônios nucleares forma-se então uma facilitação (1895/1995, p. 32).

Isso quer dizer que a experiência de satisfação inaugura uma facilitação entre a representação do objeto⁹ que cessa o estímulo e a própria cessação deste. Da mesma forma, ela estabelece uma relação a partir de então indissolúvel entre pulsão e objeto.

Entre os três registros, pulsão, objeto e interrupção, é criado um circuito com melhor facilitação. Eles formam um caminho preferencial de eliminação, onde a ordem de constituição foi pulsão-objeto-interrupção. Se a pulsão era inicialmente cega, agora ela visa o objeto, pois, como já vimos, um motivo exprime-se na psicologia quantitativa como um caminho preferencial de eliminação (Gabbi Jr., 1995, p. 133).

Toda vez que se reproduzir um estado de tensão no organismo, os mesmos neurônios ocupados na primeira vivência de satisfação (neurônios que representam o estado de tensão, neurônios que correspondem a representação do objeto e neurônios que correspondem a eliminação) serão ocupados simultaneamente nas experiências posteriores. Em outras palavras: os mesmos neurônios que foram outrora ocupados na vivência de satisfação, logo que há um novo “estado de urgência”, serão novamente ocupados ao mesmo tempo. É como se a primeira experiência fixasse um padrão de descarga, que o sistema aprendesse, a partir dela, como proceder em caso de tensão futura.

Diante dessa configuração das coisas, deparamo-nos com um problema. Para Freud, a diferenciação entre uma percepção e uma recordação se dá pela intensidade da ocupação. Uma ocupação muito intensa é interpretada pelo sistema como percepção, já uma ocupação branda, como uma recordação. Como não há nada que atenua a força da ocupação, toda vez que o estado de tensão, por somação, se estabelecer, uma tentativa de eliminação ocorrerá porque o organismo acreditará que se trata de um objeto real. Dizendo de outro modo: logo que a tensão se presentificar, como o sistema psíquico ocupa recordações, imediatamente ocorrerá a ocupação da imagem do objeto do desejo mesmo na ausência real desse, bem como o início da eliminação. O resultado dessa alucinação certamente será a decepção, haja vista que a tensão permanece, não é eliminada. A tensão não descarregada se torna, então, cada vez mais forte, o que é sentido como desprazer por ω . Se essa sensação de desprazer ultrapassar determinado limiar, o sistema ω ,

⁹ Nesse capítulo a palavra objeto não está se referindo a um objeto total. Não tencionamos afirmar que na repetição da experiência de satisfação a criança já tenha condições que formar uma representação da totalidade de um objeto, de um objeto enquanto uma unidade.

ocupado demais com a sensação interna, fica impossibilitado de apreender o período, do qual resultam as qualidades das percepções advindas do mundo externo.

No caso da vivência de dor as coisas se dão de outro modo. Nesse caso o estímulo vem de fora do organismo. Como já foi dito, o sistema Ψ recebe Q do interior do organismo e também frações do sistema Φ . Este funcionamento fracassa sob a influência de um fenômeno: a dor. A dor acontece quando estímulos de uma magnitude muito grande conseguem chegar a Φ e Ψ , ou seja, quando não há escudo nenhum capaz de conter a Q de origem externa. A dor evidencia certo desajuste do sujeito ao meio. É como se a complexidade do organismo não fosse capaz de dar conta de todos os estímulos, e por conta disso ele fracassasse. A dor arrasa os caminhos pelos quais passa, ela cancela as barreiras de contato e por isso faz com que ocorra até a perda de registros pelo aparelho, já que a memória está relacionada com a capacidade de retenção. Nas palavras de Freud: “... a dor deixa atrás de si facilitações permanentes em Ψ , como se [os neurônios Ψ] tivessem sido atingidos por um raio, facilitações que provavelmente cancelam totalmente a resistência das barreiras de contato e fundam aí um caminho de condução como existe em Φ ” (1895/1995, p. 21).

Quando grandes quantidades de Q chegam a Ψ através de Φ , ou seja, no caso da dor, assim como na vivência de satisfação, três coisas acontecem. “1. um grande aumento de nível, sentido como desprazer por ω ; 2. uma inclinação para eliminação, que pode ser modificada segundo certas direções; 3. uma facilitação entre esta e uma imagem recordativa do objeto que excitou a dor” (Freud, 1895/1995, p. 34). Ficam estreitamente relacionadas, a partir de então, a recordação do objeto hostil e a liberação de desprazer. Na repetição da experiência, assim que o organismo se chocar com algo que remeta à vivência original, ocorrerá uma intensa sensação de desprazer por conta da excessiva tensão e, como meio de dar fim a esse desprazer, haverá uma desocupação do grupo de neurônios que representam aquilo que remete ao objeto hostil.

Enquanto que na vivência de satisfação o organismo tende a ocupar a imagem do objeto de desejo, na vivência de dor, o sujeito tende a desocupar, o mais rápido possível, a imagem mnêmica do objeto hostil como forma de cessar o desprazer. Esse processo é chamado por Freud de defesa. Defesa, portanto, é a tendência a abandonar a ocupação da lembrança do objeto que causou dor. Abandonar a ocupação de um grupo de neurônios que representa uma lembrança significa deixar essa lembrança fora do comércio associativo entre os neurônios, isolá-la das demais recordações.

Restam, portanto, das duas vivências supracitadas, duas tendências originais: diante de toda reprodução do estado de dor, chamado por Freud de afeto, o organismo tende a desocupar a imagem do objeto hostil, ou seja, a acionar imediatamente a defesa; diante de toda reprodução da vivência de satisfação, chamada por Freud de estado de desejo, o organismo tende a ocupar imediatamente a imagem do objeto de desejo. Freud pontua: “do estado de desejo segue-se diretamente uma *atração* pelo objeto de desejo, ou melhor, pela sua imagem recordativa; da vivência de dor resulta uma repulsa, uma aversão a manter ocupada a imagem recordativa hostil. Elas são a *atração de desejo* primária e a *defesa* primária” (1895/1995, p. 35, grifo do autor).

As duas tendências ou compulsões, quando levadas a cabo, prejudicam o sistema psíquico. Isso porque a alucinação, além de causar uma decepção intensa no sujeito, danifica o funcionamento do organismo na medida em que aumenta cada vez mais a sensação de desprazer, conseqüência do aumento de tensão em Ψ . Como já foi dito, quando a sensação de desprazer é demasiado intensa, o sistema ω fica impedido de receber as qualidades advindas das percepções externas por meio do período. É como se o organismo ficasse impossibilitado de se beneficiar de qualquer percepção por conta da sensação extremada de desprazer. Quer dizer, o sistema deixa de contar com as condições que lhe possibilitam distinguir o externo do interno. Logo, a alucinação é um fato. No caso da defesa primária, o dano causado no organismo também é imediato na medida em que a defesa ocasiona “um escoamento de recordações” (Freud, 1895/1995, p. 36). Isso quer dizer que a cada defesa o organismo vai se privando dos seus registros mnêmicos, vai ficando cada vez mais empobrecido. Se essas duas tendências persistissem em toda sua força, não haveria outro caminho para o organismo senão a morte, isso porque elas são processos primários. Quem salva o organismo nesse momento da produção freudiana amenizando esse modo de funcionamento é o eu.

1.5. O Eu

O eu para Freud, nesse momento inicial, é “... um grupo de neurônios cuja ocupação é constante; que corresponde, portanto, ao *portador de armazenamento* exigido pela função secundária. Conseqüentemente, cabe definir o eu como a totalidade das respectivas ocupações Ψ , na qual se separa uma parte permanente de uma variável” (1895/1995, p. 36-7, grifo do autor). A citação de Freud indica que, potencialmente, o eu corresponde ao sistema Ψ como um todo. Isso

porque seu núcleo (parte permanente) é o próprio núcleo desse sistema e sua parte variável se estende à parte do manto de Ψ . Freud se refere ao eu em termos de organização, de massa neuronal ocupada, de estado presente no sistema Ψ . Sendo potencialmente correlato do sistema Ψ , o eu ocupa o lugar central no aparato psíquico.

O eu é, por um lado, conseqüência do acúmulo de Q exigido pela estimulação interna. Dizendo de uma forma mais direta o eu é o conjunto de neurônios que possuem excitação acumulada. Mas ele não é só isso, haja vista que ele é ativo, ou seja, tem controle sobre essa Q acumulada. Sua função é direcioná-la em prol do benefício do sistema. Logo explicaremos como.

Freud supõe que a tendência a não ocupar representações cujo resultado será o desprazer é a primeira “regra biológica” do organismo. A defesa, nome que o autor dá a essa regra, é, por assim dizer, uma disposição inata. A subordinação do eu a essa regra é o que propiciaria a inibição de processos primários. O papel principal do eu, a partir disso, é inibir os processos primários, a saber: vivências de dor e satisfação tal qual ocorreram da primeira vez, haja vista que elas resultam em desprazer. A existência de um eu deve necessariamente impedir que toda a Q percorra a facilitação deixada pela vivência primária de forma a evitar assim a alucinação e a rigidez da defesa primária. Portanto, a presença de um eu assegura a inibição do caminho primário e, por conseqüência, o predomínio de um funcionamento secundário.

Mas como isso acontece? Nesse momento é preciso lançar mão de mais uma proposição criada por Freud. Ele entende que uma facilitação corresponde a uma ocupação, ou seja, uma facilitação tem a mesma força de uma ocupação. Essa equivalência é muito importante para entender como o eu consegue coibir processos primários. Suponhamos que um neurônio x esteja ocupado. A totalidade de sua Q seguirá o caminho da facilitação se não houver perto desse neurônio x um neurônio y colateralmente ocupado. Se houver esse neurônio y ocupado, a Q se dividirá tanto rumo ao caminho da facilitação, como rumo ao caminho do neurônio y. Como conseqüência disso, não haverá uma ocupação intensa nem da representação do objeto de desejo e nem da representação do objeto hostil, ou seja, nem alucinação e tampouco defesa primária¹⁰.

¹⁰ Cabe recordar que Freud diferencia uma recordação de uma percepção pela intensidade da ocupação. Se a ocupação é intensa, o sistema psíquico a entende como percepção. Se a ocupação é branda, o sistema a entende como recordação, ou seja, o critério para distinguir o interno do externo é quantitativo.

Entretanto, diferentemente de uma facilitação, a ocupação colateral não estabelece caminhos de eliminação duradouros. Sua força é momentânea¹¹.

O eu cuida dessas ocupações colaterais. Ele envia Q para os neurônios adjacentes aos neurônios que representam o objeto hostil ou o objeto de desejo para que assim o curso de Q seja perturbado. É, portanto, por meio de ocupações colaterais que o eu atua. A Q que outrora pode seguir livremente o caminho trilhado pela facilitação, na presença de um eu é obrigada a permanecer ligada. Ligar a Q para que ela possa ser descarregada somente quando convier ao organismo é, pois, a maneira de perturbar um curso primário. Sua função é antagônica ao princípio primário que objetiva deixar a energia livre para seguir o curso da facilitação independente da realidade externa. Os processos que ocorrem sob influência de um eu são chamados por Freud de processos secundários. Nas palavras de Caropreso: “o condicionamento do eu pela primeira regra biológica levaria à passagem do processo primário para o secundário, a qual coincidiria com a substituição da tendência à inércia pela tendência à constância” (2008, p. 127).

No caso do estado de desejo, assim que o eu receber uma notícia de ω (signo de qualidade) sobre a presença real do objeto, ele recolhe suas ocupações colaterais e consente, desse modo, a descarga. Lembremos que a percepção dos acontecimentos do mundo externo só é possível porque o eu não permite que a tensão em Ψ seja demasiado elevada ocasionando desprazer muito intenso em ω , e o impedindo de perceber o período proveniente do mundo externo.

Já no caso da vivência de dor, quando o organismo se deparar com algo que remeta a ela, o eu, atuando da mesma forma que na vivência de satisfação, inibirá a liberação de desprazer e a defesa, conseqüentemente, será uma defesa de magnitude normal, ou seja, não ocorrerá o abandono de recordações.

Por conta de tudo isso que foi dito, Freud pontua que a inibição “... é uma vantagem decisiva para Ψ ” (1895/1995, p. 37). Pode-se dizer, por isso, que o sistema psíquico proposto por Freud tem um protetor: o eu. Essa organização presente em Ψ vela, guarda a saúde do aparelho, porque impede tanto a alucinação e a decepção que esta última acarreta, bem como a defesa primária, muito dolorosa na medida em que obriga o sistema a abandonar suas recordações.

¹¹ O princípio a partir do qual Freud deriva essa hipótese será analisado mais à frente, no item que trata do pensar e da atenção.

O impedimento de cursos de Q pelo caminho primário demonstra que o organismo não está mais a serviço unicamente da eliminação, tampouco funciona prioritariamente sobre a égide do princípio da inércia. O princípio da constância, a saber, a ligação de certa quantidade de estímulo em função das exigências da excitação interna, ou seja, o não escoamento total de Q, passa a ter prioridade no que tange ao funcionamento mental.

Como já foi dito, a consciência permanece, durante toda obra, sendo um tema espinhoso para Freud. Nesse momento de sua elaboração, não há relação direta entre o eu e a consciência, tampouco entre a inconsciência e os processos primários. A grande maioria dos processos que ocorrem no eu são inconscientes e, da mesma forma, alguns processos primários contam com a participação da consciência, como é o caso do sonho, por exemplo¹². Nesse sentido, Gabbi Jr. afirma: “... todos os processos psíquicos são inconscientes; parte de seus resultados pode ser consciente ou não” (1995, p. 166).

É a partir do princípio secundário que o sistema anímico pode se desenvolver. Isso ocorre por meio de um processo importante de responsabilidade do eu: o pensar.

1.5.1 Processos do eu: O pensar e a atenção

Sabemos que o eu não permite uma ocupação intensa dos neurônios que representam o objeto do desejo até que o objeto real esteja disponível ao sujeito. Entretanto, a correspondência entre o objeto presente e o objeto da vivência de satisfação, a saber, aquele que ficou originalmente estabelecido na memória do sujeito, só é possível no processo primário. No processo secundário, o objeto que se presentifica é diferente do objeto da memória, já que a correspondência absoluta entre ambos não passa de um estado ideal. Diante da diferença parcial entre o objeto da memória e o objeto da percepção, inicia-se um processo que Freud chama de pensar. O pensar nada mais é do que o estabelecimento de cadeias associativas, ou seja, associações de imagens recordativas que visam a formação de uma identidade entre o objeto da recordação e o objeto da percepção. Isso porque para que o eu permita a descarga de Q é necessário que o objeto da recordação coincida com o objeto da percepção. A atividade do pensar

¹² O entendimento de Freud acerca do sonho será exposto logo adiante, na seção: Processos primários “normais” no interior do eu.

está a serviço do bom funcionamento dos sistemas psíquicos e da possibilidade de redução da tensão existente no estado de desejo.

Quando há uma diferença, portanto, entre aquilo que se deseja e aquilo se presentifica, o pensar trata de encontrar não apenas similaridades ou semelhanças, mas identidade entre ambos os objetos. Freud assevera: “a discordância dá o impulso para o trabalho de pensar, que termina de novo com a coincidência” (1895/1995, p. 22).

Para entender melhor como o pensar busca a identidade, recorramos ao exemplo dado por Freud:

por exemplo, a imagem recordativa desejada é a imagem do busto materno e seu mamilo em visão frontal, e a primeira percepção uma visão lateral desse objeto sem o mamilo. Na recordação da criança encontra-se uma experiência ocorrida por acaso na amamentação, onde um determinado movimento de cabeça transformou a imagem completa em lateral. A imagem lateral vista conduz agora a um movimento de cabeça que - uma tentativa mostra -, tem de ser executado ao contrário, e chegue-se a percepção da visão frontal (1895/1995, p. 42).

Contudo, o pensar não se restringe ao fim prático de estabelecer uma identidade entre o objeto da recordação e o objeto da percepção visando a descarga da Q excedente. Esse processo também acontece mesmo na ausência do estado de desejo, com o objetivo de preparar o organismo para futuras tensões. Nas palavras de Gabbi Jr.: “... o pensar é uma forma de estabelecer possíveis caminhos de eliminação, de criar expectativas com relação ao mundo” (1995, p. 149). A parte não fixa do eu, ou seja, aquela excitação móvel que, partindo do núcleo pode ocupar diferentes neurônios do manto é a ocupação que se modifica conforme a atividade de pensar, por isso “o pensar é um processo através do qual o *eu* amplia sua extensão” (Gabbi Jr., 1995, p. 194, grifo do autor). É nesse sentido que se pode dizer que o pensar é responsável pela evolução do eu e do sistema psíquico como um todo, na medida em que vai tornando cada vez mais complexa a rede de associações entre os neurônios. Também é o pensar que amplia as possibilidades de descarga e a hegemonia do processo secundário sobre o primário.

No caso de vivências dolorosas, a atividade de pensar também tem um papel relevante. Se há um eu, cada vez que o processo de pensar se depara com uma recordação hostil haverá uma inibição na liberação de desprazer e, por isso, uma defesa de magnitude normal. A repetição dessas vivências ocasionará um desgaste natural na recordação dolorosa, de modo que o

desprazer diminuirá a cada novo pensar. Na defesa primária, muito rígida, na medida em que isola a recordação do objeto hostil da possibilidade de associação com outras recordações, não há esse desgaste. Nesse caso, a recordação dolorosa é excluída do processo de pensar e, por conseguinte, do eu. Por conta disso, essa recordação permanece atuante com a mesma vivacidade original.

Como sabemos, o pensar tem uma relação direta com o processo secundário. Entretanto, há uma forma de associação de representações presente já no processo primário: a associação por simultaneidade. Esse tipo de associação pode ser exemplificada por meio das experiências de dor e satisfação. Freud assegura: “a luta entre as facilitações consolidadas e as ocupações mutáveis caracteriza o processo secundário do pensar reprodutivo em oposição à seqüência associativa primária” (1895/1995, p. 43). Comentando esse trecho, Gabbi Jr. pontua:

há duas maneiras de percorrer os caminhos de eliminação: segundo a seqüência associativa primária (simultaneidade) ou de acordo com o resultado da luta entre as facilitações consolidadas e as ocupações mutáveis (contigüidade). A evolução do aparelho psíquico se dá na direção da simultaneidade para a contigüidade (1995, p. 148).

A diferença principal entre os dois tipos de associação: o pensar e a associação por simultaneidade é que enquanto o primeiro tem meios de modificar o curso de Q, o segundo é totalmente impotente, melhor: não é biologicamente adequado. Sua associação, realizada sem a ajuda do eu, conduz a uma eliminação primária, inadequada, quantitativamente prejudicial ao aparelho. Já o pensar, processo secundário, tem forças para modificar o caminho previamente estabelecido e conduzir a eliminação. É nisso que consiste a grande diferença entre ambos: enquanto que o associar por simultaneidade é apenas imitativo, o pensar tem um valor criativo, na medida em que constrói caminhos de eliminação que não causem danos ao organismo.

Tratemos agora daquilo que Freud chama de atenção. De um lado temos a percepção (ocupações provenientes de Φ dos neurônios do manto) e de outro temos o eu original (ocupação nos neurônios nucleares). O eu é levado a se interessar pela percepção por conta da primeira regra biológica que visa evitar o desprazer. Sendo assim, a primeira regra biológica origina uma segunda, chamada por Freud de “atenção psíquica”. A atenção é o que faz com que o eu se dirija para as ocupações que correspondem à percepção de um objeto do manto, ou seja, o eu deve ficar atento ao que está acontecendo. “O efeito da atenção psíquica é a ocupação dos mesmos

neurônios que são portadores da ocupação perceptiva” (Freud, 1895/1995, p.76). Isso quer dizer que o núcleo do eu manda uma ocupação constante para o manto a fim de que o organismo possa estar atento às novas percepções, mesmo aquelas diferentes do objeto, já que posteriormente é o pensar que tratará de buscar a identidade. É como se o objetivo da atenção fosse tornar a imagem recordativa da percepção patrimônio do Eu, ou seja, estender suas ocupações incluindo os neurônios ligados a percepção. Segundo Caropreso (2008, p. 127): “nas repetições do estado de desejo – mesmo que a ocupação de Ψ do manto fosse inibida –, se o sujeito não permanecesse atento aos signos de qualidade, o desprazer não cessaria, pois o objeto desejado não seria encontrado. Assim, o eu seria condicionado a permanecer atento a esses signos”.

No que diz respeito às vivências dolorosas, a atenção também tem uma importância relevante. Isso porque se o eu está atento às novas percepções, assim que se presentificar um objeto hostil, o eu tratará de inibir a liberação de desprazer a fim de assegurar uma defesa normal.

... assim se teria evitado que originassem, tão facilmente, novas vivências de dor com suas facilitações. Pois, certamente, quanto mais forte a liberação de desprazer, tanto mais difícil a tarefa para o eu, que, com suas ocupações laterais, só pode oferecer, dessa forma, um contrapeso para $Q\eta$ s até um certo limite, e, com isso, tem de permitir que ocorra um curso primário. ... Além disso, quanto maior for a quantidade que se esforça para o curso, mais difícil para o eu o trabalho de pensar, que, segundo todas as indicações, consiste em um deslocar probatório de pequenas $Q\eta$ s. O “refletir” é uma atividade do eu que exige tempo, que não se pode realizar com fortes $Q\eta$ s na esfera do afeto. Daí, no afeto, a precipitação e a escolha de caminhos, semelhantes ao processo primário (Freud, 1895/1995, p. 70).

1.5.2. Processos primários “normais” no interior do eu

Mesmo depois do advento/constituição do eu e de sua força inibidora, processos primários continuam a ocorrer. Este é o caso do sonho. Mas como é possível que um processo primário aconteça depois da existência do eu? No estado de sono, além da ausência de estímulos externos há o que Freud chama de “... *abaixamento da carga endógena no núcleo de Ψ* , que torna supérflua a função secundária. No sono, o indivíduo está no estado ideal de inércia, isento de armazenamento de $Q\eta$ ” (1895/1995, p. 49, grifo do autor). A condição necessária para a ocorrência do sono (e de todos os outros processos primários após a existência do eu), desse

modo, é o rebaixamento da Q armazenada no eu. Essa descarga não é completa, ou seja, ainda permanecem ocupações no estado de sono. O que quer dizer que não há uma extinção do eu, mas uma atenuação de suas ocupações, e, por isso, uma diminuição de sua força. Se o eu não está munido de toda sua potência, a ocorrência de processos primários é inevitável. Ao despertar, aquelas ocupações que foram descarregadas são imediatamente reocupadas, ou seja, se restabelece o eu tal qual ele era.

Há uma consciência, ou seja, uma indicação de qualidade atada ao sonho que Freud não consegue explicar nesse momento: “é difícil ... penetrar no que condiciona efetivamente a consciência” (1895/1995, p.55). As indicações de qualidade existentes no sonho nos fazem pensar que a consciência não está diretamente relacionada àquilo que é coerente.

A falta de coerência aparente do sonho se dá justamente porque o eu está reduzido, ou seja, o que predomina é a associação por simultaneidade típica do processo primário e, por isso, carente de sentido lógico. Ao contrário dos outros processos primários, o sonhar não causa nenhum dano ao organismo. O que faz do sonho inofensivo é a ausência de eliminação ou tentativa de eliminação de Q, já que as portas para a motilidade estão fechadas quando se dorme. Desde o “Projeto...” Freud considera o sonho como realização de desejos, caracterizados como “... processos primários segundo a vivência de satisfação ...” (1895/1995, p. 52).

1.5.3. Processos primários patológicos no interior do eu

Freud assegura que existem idéias excessivamente intensas do tipo compulsivo na histeria que são incompreensíveis, não podem ser solucionadas por meio do pensar e cujas conseqüências (inervações motoras, impedimentos, etc.) não são passíveis de serem suprimidas, bem como não são coerentes com a representação que as determina. Há, da mesma forma, representações excessivamente intensas fora da neurose, ou seja, nos casos normais. Nestes últimos, são as idéias excessivamente intensas que conferem singularidade ao eu. Elas têm um sentido, são compreensíveis quando se investiga sua gênese, que, segundo Freud, está na educação e nas experiências do sujeito. Já as representações excessivamente intensas históricas “... chamam-nos a atenção devido a sua estranheza, são *representações* em que em outros são sem conseqüências e cuja importância não *comprendemos*. Elas nos aparecem como arrivistas, usurpadoras e, por isso, risíveis” (Freud, 1895/1995, p. 60, grifo do autor).

Freud exemplifica o que acontece em uma compulsão histérica desta forma: uma pessoa chora por uma representação A. Acontece que A não é algo que naturalmente cause choro, ou seja, o choro não se justifica pela representação, de modo que até mesmo a pessoa que chora não consegue compreender o motivo do seu choro. A partir do trabalho terapêutico (na época Freud ainda utilizava o método catártico) descobre-se uma segunda representação (B) que é coerente com o choro, ou seja, que o justifica. Essa representação B havia sido reprimida, ou seja, B foi desocupada e teve sua Q transferida para A, daí a intensidade dessa última. A, então, passa a ser um símbolo de B. Esse processo não foi atenuado pelo eu, ou seja, foi um processo primário e a defesa, por conta disso, intensa, patológica, portanto.

Recuperar B é o objetivo da análise, ou seja, descobrir a verdadeira origem do choro. Feito isso, B se insere no eu e então a defesa já não é mais intensa, porque através das ocupações laterais, o eu atua e uma defesa normal toma o lugar da defesa patológica. A partir daí ocorre um desgaste, como já sabemos, a cada novo pensar. Parece que o grande objetivo do tratamento aqui é transformar um processo primário em secundário, é inserir no eu um processo que outrora ocorreu sem a sua interferência, já que, para Freud “o que caracteriza o aspecto neurótico é a incapacidade permanente de incluir a determinação última da compulsão entre as representações do eu” (Gabbi Jr., 1995, p. 175). Talvez seja possível que a máxima freudiana: “onde era o isso o eu deve advir” se refira justamente a esse domínio do funcionamento secundário sobre o primário, ou seja, a inclusão de uma representação reprimida no circuito de representações acessíveis ao eu.

Voltemos ao texto em questão. No processo patológico, ou seja, aquele que acontece sem a intervenção do eu, como o símbolo substituiu a coisa, cada percepção vai levar ao substituto (A) e não a B (representação intolerável causadora de repressão). “Assim, esta *formação de símbolo*, tão consolidada, é o desempenho que ultrapassa a defesa normal” (Freud, 1895/1995, p. 64, grifo do autor).

Agora, por que o processo não foi secundário logo de início, ou seja, o que faz o eu falhar? A natureza penosa e sexual da representação é a resposta. Não é devido à intensidade que uma representação sexual causa um processo primário depois da existência de um eu, haja vista que outras representações de natureza não sexual também podem ser igualmente intensas. Elas são reprimidas porque não podem fazer parte do eu na medida em que é só tardiamente, na puberdade, que o sujeito tem condições de reconhecer algum acontecimento ou representação

como sexual. Assim, quando a sexualidade é despertada precocemente, ou seja, antes da adolescência, ela não pode se ligar a nada e permanece fora do eu. Essa maneira de conceber as coisas se justifica, pois, nessa época, Freud não havia descoberto a sexualidade infantil e acreditava na sua teoria da sedução. Por isso, não confiava na existência de uma vivência sexual, de sensações sexuais anteriores a puberdade. Tudo aquilo envolvendo a sexualidade que acontecia na infância era registrado como uma recordação não referida a nenhuma vivência. Era uma simples recordação não atuante, desprovida de qualquer sentido.

A atenção psíquica, segunda regra biológica que faz com que o eu esteja atento à repetição de experiências para que possa atuar de modo a evitar um processo primário, não pode atuar no caso da sexualidade. Isso porque a atenção se volta a novas percepções e não às recordações. Como no que concerne à liberação sexual o que existe é uma recordação e não uma vivência primeira, quando um segundo acontecimento da vida remete a essa recordação infantil, há uma liberação de desprazer para a qual o eu não estava preparado, ou seja, o eu é pego de surpresa e, por isso, por se dar conta disso muito tarde, não pode evitar a ocorrência de um processo primário. Dessa forma, no que diz respeito à sexualidade, é em um segundo momento que a repressão acontece. Isso porque o eu não foi capaz de atuar.

1.5.4. Origem e Evolução do eu

Como já sabemos, o eu se divide em duas partes: o núcleo e o manto. A formação do núcleo do eu é extremamente primitiva, está presente desde a primeira experiência de satisfação e de dor. Poderíamos dizer, talvez, que não se trata de uma formação, mas que o núcleo do eu é, nesse momento da laboração freudiana, uma organização herdada, ou seja, uma aquisição proveniente da evolução da espécie e, por isso, existente antes do nascimento do sujeito. Isso é corroborado pelas palavras de Freud: “(...) o sistema nervoso tinha desde o início duas funções: receber estímulos *de fora* e eliminar excitações originadas *endogenamente*. Do último compromisso, por necessidade da vida, resultou a compulsão para o desenvolvimento biológico posterior” (1895/1995, p. 17, grifo do autor). As expressões ‘desde o início’ e ‘desenvolvimento posterior’ são indícios valiosos acerca da origem e evolução do eu. Se desde o início foi preciso eliminar excitações endógenas, é porque há um acúmulo de estímulo desde sempre e se há

acúmulo, há eu, já que esse último é composto daqueles neurônios que recebem excitação endógena (neurônios nucleares) e ficam constantemente ocupados.

Apesar da existência de um eu nuclear ser um fato desde o início da vida e de suas ocupações nunca se extinguirem completamente, isso não significa que o princípio da constância impera absoluto desde o início. A existência de um eu não significa que ele possa fazer valer todas as suas funções. Bem pelo contrário, inicialmente, o eu é extremamente fraco e não consegue conter o fluxo primário de Q. Isso porque o sistema nervoso “... é, para o investigador da natureza, como todas as outras coisas, algo que se formou gradualmente” (Freud, 1985/1995, p. 16).

Essa formação gradual diz respeito ao manto do eu. É o manto que, não existindo desde o início, visto que depende das relações do sujeito com o mundo, o que fortalece o eu na medida em que permite o pensar. Se referindo aos processos secundários, Freud nos diz que eles são: “... possibilitados apenas por uma boa ocupação do eu ...” (1895/1995, p. 40). As palavras do autor nos fazem pensar que inicialmente é como se o eu não estivesse totalmente ocupado, é como se ele fosse menor e ainda fraco para conseguir conter o processo primário. Já que seu núcleo é constante e existe desde sempre, a força do eu se encontra noutro lugar. Sua complexidade se dá à medida que a parte variável do eu se desenvolve por meio do pensar e das relações com o mundo, é essa parte do eu que garante a supremacia do processo secundário.

Mesmo após o desenvolvimento do eu, não podemos dizer que o processo secundário monopoliza o funcionamento do sistema. Em outras palavras: se não há um funcionamento puramente primário, também não podemos dizer que um eu que não falha seja uma realidade. O que ocorre é um jogo de forças entre os dois princípios. De forma que seria mais correto dizer que o sistema funciona de um modo mais primário ou mais secundário, ou seja, falta uma radicalidade no raciocínio de Freud a esse respeito.

Apesar da extensão da citação, pensamos que é importante conferir as palavras de Freud sobre a origem e evolução do eu:

o eu consiste originalmente de neurônios nucleares que, através de condução, recebem a Q₁ endógena e a descarregam pelo caminho da alteração interna. A vivência de satisfação arranhou para este núcleo uma associação com uma percepção (a imagem de desejo) e uma notícia de movimento (da parte reflexa da ação específica). No estado de repetição do apetite, no estado de expectativa, realiza-se a educação e desenvolvimento deste eu inicial. Ele aprende inicialmente que não tem o

direito de ocupar as imagens de movimento, de modo que se efetue a descarga enquanto não forem realizadas certas condições do lado da percepção. Depois ele aprende que não tem o direito de ocupar a representação de desejo acima de uma certa medida, porque, caso contrário, iludir-se-ia alucinatoriamente. Mas se estas duas barreiras forem respeitadas, e ele voltar sua atenção para as novas percepções, tem-se a perspectiva de alcançar a satisfação procurada (1895/1995, p. 84).

Através desse trecho, fica mais claro, então, que o núcleo do eu esteve desde sempre presente no aparelho psíquico. O manto de Ψ , para onde se dirige a parte variável do eu, por outro lado, é fruto da relação do sujeito com o mundo, principalmente por meio do pensar. Enquanto que o núcleo sempre existiu, o manto precisa se desenvolver.

1.6. Pontuações finais

Nesse momento da elaboração freudiana, o eu tem um papel de fundamental importância tanto no que diz respeito à sobrevivência do organismo como também na sua evolução. Sendo um conjunto de neurônios constantemente ocupados, ele garante o funcionamento secundário em que é prioritária a ligação de energia ao invés do seu livre fluxo tão danoso ao sujeito.

Como o “Projeto...” é um dos primeiros textos metapsicológicos escritos por Freud, não há ainda uma delimitação conceitual mais precisa acerca daquilo que é consciente e inconsciente (quase tudo é considerado inconsciente), e das organizações presentes nos sistemas psíquicos. Levará algum tempo, mais ou menos 25 anos, para que Freud chegue ao texto “O eu e o isso” e faça ali um refinamento conceitual.

Os conceitos desenvolvidos no “Projeto...” guardam um valor inestimável no entendimento dos textos posteriores que versam sobre o aparelho psíquico, tais como “A interpretação dos sonhos” e “O eu e o isso”. Isso porque, conceitos como o pensar, a atenção etc., apesar de mencionados por Freud, não são esclarecidos em textos posteriores.

CAPÍTULO II

A PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA: O EU É O PRÉ-CONSCIENTE?

Vimos no primeiro capítulo que a primeira regra biológica, a regra da defesa, condiciona o eu no sentido de inibir processos primários. Sendo assim, o eu passa a ser a organização psíquica que salva o sujeito da situação originária em que se encontra, a saber: aumento da excitação interna→estado de urgência→alucinação do objeto do desejo→decepção; ou: presença de um objeto que remeta ao objeto da vivência de dor→abandono imediato da representação, ou seja, atuação no organismo de uma defesa rigorosa que empobrece o aparelho na medida exata que o faz perder recordações.

Vejam agora como Freud supõe o eu em um outro momento magistral de sua elaboração teórica: o capítulo sete do livro sobre a interpretação dos sonhos. A importância de utilizarmos esse texto no presente trabalho é facilmente explicitada: é nesse texto que Freud expõe o que ficou conhecida como a primeira tópica, ou seja, teoria sobre o aparelho psíquico em torno da qual ele articula os conceitos psicanalíticos até 1923, quando propõe a segunda tópica. Por conta disso, um estudo sobre o conceito de eu não pode deixar de analisar atentamente aquilo que Freud propõe nesse texto.

Devido a complexidade do tema e dos conceitos que o circundam, é preciso repetir aqui o modelo proposto no primeiro capítulo, ou seja, comentar uma série de relações e conceitos antes de abordar o conceito de eu para que possamos ter segurança de que a discussão será inteligível para o leitor. Por isso, iniciaremos fazendo algumas colocações acerca da semelhança entre o capítulo sete de “A interpretação dos sonhos” e o texto “Projeto de uma psicologia”. Em seguida apresentaremos o aparelho proposto por Freud e seus sistemas: sistema da percepção, sistemas Mn, o sistema do inconsciente e suas particularidades. Depois disso, então, faremos uma discussão sobre o pré-consciente, instância que assume as funções atribuídas ao eu no “Projeto...”, e sobre aquilo que se relaciona a ele na formação do sonho. Finalmente, trataremos da evolução do sistema proposto por Freud, da consciência e das semelhanças entre o eu do “Projeto...” e o pré-consciente.

2.1. Considerações sobre o texto: continuação ou ruptura?

No capítulo sete do livro “A interpretação dos sonhos”¹³, Freud desenvolve publicamente as idéias contidas no “Projeto...”. A bem da verdade, se não tivermos o suporte do “Projeto...” como fio condutor de leitura, fica muito difícil compreender o capítulo sete de “A Interpretação ...”. Isso porque trata-se de um texto difícil, sintético. Nele algumas explicações parecem um pouco resumidas, determinadas conceituações tais como atenção, pensar, inibição etc. são omitidas, conceituações essas que Freud não desenvolve nem ali e nem depois, mas antes, no “Projeto...”. Strachey chega a afirmar: “não é exagerado dizer que grande parte do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, e por certo grande parte dos posteriores estudos metapsicológicos de Freud, somente se tornaram inteligíveis desde a publicação do Projeto”¹⁴ (1957/2007, p. 9, grifo do autor).

Entretanto, a afirmação de que o “Projeto...” pode ser utilizado como suporte para compreensão do texto *Traumdeutung*, como foi sugerido acima, necessita de alguns esclarecimentos. Contrariando essa forma de conceber as coisas, é possível argumentar, por exemplo, que há uma ruptura bastante significativa entre ambos, ou seja, uma inversão de perspectivas que invalida qualquer possibilidade de relação entre os textos. Exponho o problema: enquanto que no “Projeto...”, como já foi visto, Freud desenvolve sua teoria pensando em um substrato anatômico, ou seja, é sob o domínio de uma materialidade levada as últimas conseqüências que se desenvolve o texto; no capítulo sete de “A Interpretação...” o autor inicia seu escrito fazendo a seguinte afirmação: “permaneceremos no terreno psicológico ...” (Freud, 1900/2007, p. 529), ou seja, Freud abdica de conduzir a discussão no sentido de procurar bases anatômicas para os processos da mente. Por conta disso, à primeira vista pode parecer que as idéias de um texto excluem as do outro, que não há possibilidades de estabelecer uma continuação. Recorreremos a Monzani (1989) para nos auxiliar nesse impasse.

Afirmar que Freud recusa o apelo anatômico, como o autor supracitado bem argumenta, não significa dizer que o referencial anatômico é totalmente incompatível com o texto. Até porque não se pode asseverar que o corpo tenha saído uma só vez da teorização de Freud em

¹³ A título de simplificação passaremos a chamar esse texto de “A interpretação...”.

¹⁴ Vale lembrar que, apesar do “Projeto...” ter sido escrito antes de “A interpretação...” ele foi publicado muito tempo depois, como salientamos no primeiro capítulo.

qualquer época do seu ensino, ou seja, a anatomia esteve sempre presente, do começo ao fim da obra freudiana. Na passagem de um texto para o outro, não há, desse modo,

... uma inversão de perspectivas, mas sim a construção de um modelo que, sem negar suas relações com o domínio neurológico, não estabelecia também uma vinculação estrita. Propriamente falando não há nesse modelo uma opção, mas pura e simplesmente uma colocação da questão de tal maneira que a natureza ou essência do objeto não é levada em consideração. O recurso à linguagem psicológica não significou uma opção sobre a natureza do inconsciente. O que, se olharmos ao largo da obra de Freud, está em perfeita consonância com suas posições metodológicas (Monzani, 1989, p.138).

Monzani ainda argumenta que toda representação tópica de Freud tem um caráter ambíguo porque ele coloca no mesmo esquema:

... coisas que pertencem lógica e ontologicamente a lugares distintos: um traço de memória, a pele, um músculo, etc. Essa mistura, um tanto indigesta para um bom cartesiano, é uma constante em Freud; desde o início o corpo está presente na representação das funções psíquicas, já que, como ele mesmo diz, é o esquema do arco-reflexo que é o modelo de toda função psíquica ... (1989, p. 126).

Outra alegação coerente que poderia se contrapor na utilização de um texto como suporte do outro é o fato de haver inúmeras diferenças entre ambos, além dessa apontada nos parágrafos anteriores. O que, é claro, não poderia ser diferente já que “A interpretação...” é escrita depois do “Projeto...” e contém, por isso, novas formas de conceber o aparato anímico. Quando afirmamos que um texto pode auxiliar a compreensão do outro, não queremos com isso negar as diferenças, mas apontar que há também inúmeras semelhanças que serão discutidas no decorrer da nossa escrita e que as divergências não as anulam.

No que diz respeito as diferenças, não podemos deixar de leva-las em consideração. Elas se dão em vários pontos e são decorrentes das descobertas que Freud fez no intervalo das duas escritas, como é o caso, por exemplo, do Édipo, pouco teorizado, mas já vislumbrado por Freud no período entre a composição desses dois textos. Outra diferença significativa entre as duas obras diz respeito a mudança de foco. Enquanto que no “Projeto...” o foco é o eu enquanto organização defensiva da mente do sujeito, em “A interpretação...” o foco principal está no inconsciente como instância responsável pelo reprimido.

... o espaço em que se move *A Interpretação dos Sonhos* é um espaço diferente daquele do *Projeto...*, pois é na primeira obra que Freud atinge a noção de um *inconsciente psíquico*, condição *sine qua non* para o estabelecimento da Psicanálise enquanto disciplina autônoma, com um objeto independente (Monzani, 1989, p.115, grifo do autor).

Sobre esse ponto Garcia-Roza também tece um comentário, afirmando que o momento em que Freud conceitua o inconsciente enquanto sistema, ou seja, no texto sobre “A interpretação...”, não pode deixar de ser visto como “... um dos momentos fundamentais da construção teórica de Freud” (2004, p. 80).

Há diferenças visíveis, do mesmo modo, no que diz respeito ao nível de elaboração dos conceitos. Ou seja, no texto da interpretação os conceitos já estão mais refinados, mais delimitados, o que torna a abordagem do aparelho psíquico mais clara, com leis de funcionamento mais definidas. “Pela primeira vez, Freud conseguiu reunir um conjunto de noções esparsas, organizar e dar forma a um conjunto de teses e construir um edifício harmonioso, onde todas as peças têm um lugar certo” (Monzani, 1989, p. 140).

Vejamos os elementos do aparelho proposto por Freud e suas particularidades.

2.2. O aparelho, a percepção e a memória

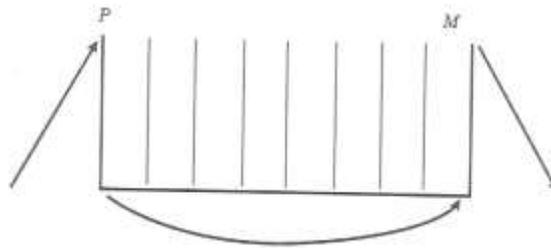
O objetivo do capítulo sete do livro sobre “A interpretação...” é tentar construir uma teoria que explique o processo onírico e aquilo que lhe caracteriza, a saber, o afrouxamento da censura, o caráter alucinatório¹⁵, o conteúdo aparentemente sem sentido etc. Freud inicia o texto afirmando que falar de metapsicologia é uma tarefa difícil haja vista que não há um conhecimento avançado e seguro sobre a estrutura do psiquismo. O que ele procurará aqui, portanto, é estabelecer algumas indicações provisórias da estrutura e do funcionamento de um aparelho psíquico. Freud mesmo alerta: “... não confundamos os andaimes com o edifício.” (1900/2007, p. 530). O que ele quer dizer é que as colocações feitas no texto acerca do funcionamento e estrutura do aparelho ainda são muito rudimentares, não passam de pontuações auxiliares que serão melhoradas com o avanço de sua pesquisa. Sua fala tem por objetivo esclarecer que ainda se sabe muito pouco, que tudo o que está sendo dito é, ainda, muito interino.

¹⁵ Veremos esse ponto mais profundamente no tópico sobre o pré-consciente e a formação do sonho.

Como já foi mencionado, nesse texto, Freud assegura que não há como saber onde se situa anatomicamente o aparato psíquico. A partir dessa constatação, ele passa a usar uma metáfora para referir-se ao aparelho: o compara com um microscópio composto, um aparelho fotográfico, para salientar sua virtualidade. Isso significa que a localidade psíquica não será mais pensada enquanto substrato material como o era no “Projeto...”, mas sim em pontos ideais, sem consistência concreta. As coisas se passam aqui em termos de analogia, “daqui por diante a forma correta de expressão será: tudo se passa *como se* o aparelho psíquico funcionasse assim” (Monzani, 1989, p. 121-2, grifo do autor).

Tal qual um microscópio, que é dividido em lentes situadas uma atrás das outras, o aparelho psíquico é dividido em instâncias ou sistemas. Quando a excitação chega a este aparelho, ela percorre as diferentes instâncias seguindo uma determinada ordem, uma sucessão temporal fixa, e é por isso que Freud acha coerente, mas não definitiva, a comparação com o aparelho ótico.

Seguindo o mesmo raciocínio do “Projeto...”, Freud afirma que toda atividade psíquica parte de excitação interna ou externa e termina em inervações: “desse modo atribuímos ao aparelho um extremo sensorial e um extremo motor” (1900/2007, p. 530-1). Freud chama os elementos desse aparelho de sistemas Ψ , ou seja, o aparelho psíquico como um todo é o sistema Ψ aqui. É esse, portanto, o esquema do aparelho psíquico proposto por Freud (1900/2007, p. 531):



Quando nos referimos a primeira tópica, geralmente mencionamos três sistemas: inconsciente, pré-consciente e consciente. Garcia-Roza confirma essa afirmativa: “o núcleo essencial do texto permanece sendo, porém, o que ficou conhecido como constituindo a 1ª tópica, isto é, a concepção do aparelho psíquico formado por instâncias ou sistemas: o sistema

inconsciente, o pré-consciente e o consciente” (2004, p. 77). Essa divisão, entretanto, acaba simplificando demais uma elaboração tão complexa como aquela que Freud expõe aqui. Dividir as coisas desse modo acaba ocultando alguns problemas, é um entrave no entendimento do conceito de eu e também no conceito de inconsciente. A verdadeira divisão proposta por Freud contempla outros dois sistemas além desses citados: sistema da percepção e sistemas mnêmicos.

O sistema perceptivo (P) se encontra na extremidade do aparelho e é responsável por receber as excitações. Ele não se modifica diante da passagem de excitação, ou seja, não é retentivo, carece de memória¹⁶.

As excitações que chegam a P, se alcançarem determinada magnitude, transferem-se para outros sistemas capacitados em conservar rastros de memória – sistemas Mn, localizados logo após o sistema P. Segundo Freud, existe uma série desses sistemas. Cada um deles responsável por uma classe de registros. Expliquemos melhor: os traços de memória retidos pelos sistemas Mn não permanecem isolados uns dos outros, bem pelo contrário, eles se associam entre si. Porém, a associação entre essas recordações não se dá ao acaso, mas conforme essas lhe sejam simultâneas, semelhantes, ou que possuam outras classes de encontro. Cada uma dessas classes é fixada em um sistema Mn. Nas palavras de Freud:

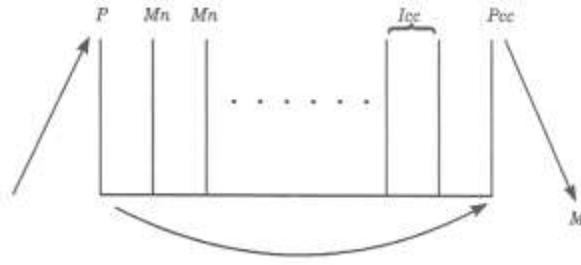
o primeiro desses sistemas Mn conterà em todo caso a fixação da associação por simultaneidade, e naqueles que estão mais distantes o mesmo material mnêmico se ordenará segundo outras classes de encontro, de tal sorte que esses sistemas mais distantes hão de figurar, por exemplo, relações de semelhança ou outras (1900/2007, p. 532).

Uma excitação que chega via percepção passa por diferentes sistemas Mn, conforme a resistência que cada traço de memória oferece, ou seja, indo na direção da menor resistência. Isso significa que uma mesma percepção é registrada de diversas maneiras no sistema, uma única recordação mantém uma série de enlaces associativos. Esses registros (recordações) são inconscientes em si mesmos.

Os sistemas inconsciente e pré-consciente são assim nomeados devido a relação que cada um mantém com a consciência, ou seja, em tese o sistema inconsciente está mais distante da consciência do que o pré-consciente. Esses sistemas exigem uma explicação mais detalhada para

¹⁶ Freud diz em nota de rodapé que existe consciência em P e no extremo motor, mas ele não desenvolve essa idéia no decorrer do texto. Por isso, permaneceremos com a idéia de que a consciência se relaciona ao extremo motor.

que possamos manter a fidelidade ao objetivo do trabalho. Porém, antes de fazê-lo, a título de clarificação, observemos o esquema completo do aparelho psíquico em 1900 (Freud, 1900/2007, p. 534):



2.3. O inconsciente

Nessa obra, Freud teoriza bastante acerca do inconsciente reprimido, cuja matéria é o desejo infantil. Tudo indica que com a expressão “desejos infantis” Freud esteja se referindo a trama edípica. Apesar do complexo de Édipo não ser mencionado nesse capítulo específico, há uma alusão ao complexo no capítulo cinco do texto sobre a interpretação, quando Freud fala dos sonhos de morte relacionados a pessoas queridas. Voltemos ao inconsciente. Essa instância é, por assim dizer, aquele lugar onde estão os desejos proibidos e indomáveis que o tempo todo, incansavelmente, buscam formas de chegar até a motilidade e, desse modo, alcançar a satisfação. É como se eles ficassem a espreita, sempre ativos, tentando driblar a repressão e, diante do primeiro descuido do pré-consciente (como veremos adiante a instância que tenta dominar o inconsciente), conseguissem êxito. O tipo de funcionamento desse sistema é primário, ou seja, nele se movimenta excitação livre, cujo fim buscado é a descarga completa, total. Cada descarga parcial alcançada, já que a descarga completa não é possível, não modifica em nada o poder desses desejos. Diante do menor acúmulo, haverá novamente tentativa de eliminação. O que nos faz concluir que a matéria do inconsciente é atemporal, ou seja, ela não se desgasta com o decorrer do tempo. No “Projeto...”, Freud assegurava que a única forma de uma recordação se desgastar, perder sua força, era sua inclusão no eu, lugar onde, por meio do processo de pensar, as recordações tinham possibilidade de se desfazer da excitação. Se as lembranças não estavam no eu, encontravam-se ilhadas, afastadas das outras associações e imunes ao desgaste do tempo. É mais ou menos assim que o inconsciente reprimido se encontra: como que a parte, impedido, pela repressão, de adentrar no terreno do pré-consciente. Freud compara os desejos inconscientes com os titãs da Odisséia:

estes desejos sempre alertas, por assim dizer imortais, do nosso inconsciente, recordam os titãs da saga sepultados desde os tempos primordiais de baixo das pesadas massas rochosas que uma vez foram arremessadas pelos deuses triunfantes, e que todavia agora, de tempo em tempo, são sacudidas pelas convulsões de seus membros (1900/2007, p. 546).

O desejo inconsciente não é aceito pela consciência na sua forma original porque trata-se de um desejo proibido, que se esconde sob a barra do reprimido e, por isso, se vier a tona, desestabiliza todo sistema. Dizendo de outro modo: o conteúdo genuinamente inconsciente não é aceito sob hipótese nenhuma pelo pré-consciente. Ele é interpretado por esse último como ameaçador. Todavia, ao mesmo tempo em que não é permitido que esses desejos cheguem até a consciência da forma como se encontram no inconsciente; tampouco é possível que estes desejos indomáveis permaneçam, por muito tempo, desprovidos de algum tipo de satisfação. Isso porque é impossível conceber um sistema em cujo interior haja um acúmulo constante de excitação. Uma eliminação se faz necessária por uma questão lógica. O sistema que regula essa eliminação é o pré-consciente.

2.4. O pré-consciente

O pré-consciente é o que Freud chama de instância crítica. Isso porque é sua função permitir ou não o acesso de determinado conteúdo a consciência, ele delibera acerca daquilo que terá acesso ao consciente e também a maneira como será esse acesso. A fim de que seja assegurada a saúde do aparelho psíquico, o pré-consciente faz com que algumas recordações sejam excluídas da consciência e fiquem impedidas de acessá-la. Isso quer dizer que é do pré-consciente, então, que emerge a repressão, mecanismo psíquico que interessou Freud durante toda sua produção teórica. Zelar pela repressão não é um trabalho nada fácil, já que, como sabemos, as idéias inconscientes aspiram incessantemente por expressão. A fim de alcançar a máxima eficiência nesse processo o pré-consciente, a semelhança do aparato como um todo, passou por um processo de evolução, o que examinaremos em um tópico mais adiante. O resultado dessa evolução é um sistema altamente complexo, cujos processos são muito elaborados e diversificados.

Mas o que o pré-consciente permite chegar até a consciência? Já sabemos que o conteúdo inconsciente original não alcança a consciência. Mas então de que maneira o pré-consciente permite a satisfação? Freud diz que a psicologia da neurose ensina que aquilo que acessa a consciência jamais é a representação inconsciente em si, mas seus derivados¹⁷. Nas palavras de Freud:

... a representação inconsciente como tal é absolutamente incapaz de ingressar no pré-consciente, e que apenas pode se exteriorizar aí um efeito se entra em conexão com uma representação inofensiva que já pertença ao pré-consciente transferindo a ela sua intensidade e deixando-se encobrir por ela. Isto é a transferência, que explica tantos acontecimentos chamativos da vida anímica dos neuróticos. A transferência pode deixar intacta essa representação oriunda do pré-consciente, a qual alcança assim uma intensidade imerecidamente grande (1900/2007, p. 554-5).

O que chega a consciência, desse modo, são produtos desses conteúdos originais, ou seja, representações inconscientes que se aliam a representações pré-conscientes não censuráveis, corriqueiras e se ocultam por trás delas, transferem sua intensidade. É apenas a partir dessa transferência que o pré-consciente aceita que determinado conteúdo se torne consciente. A transferência é um processo no qual os dois sistemas são ativos: o inconsciente, na medida em que busca um meio de satisfação, e o pré-consciente, na medida em que fornece ao inconsciente, por meio de representações não censuráveis, um modo escoamento da excitação.

A transferência é um processo comum, que ocorre com frequência na vida dos neuróticos. É por isso que certas representações, aparentemente sem importância, se revestem de uma intensidade tal que causam estranheza ao sujeito. Elas não são compreensíveis. Na verdade, essas representações guardam uma relação velada com a representação inconsciente, que por conta do disfarce imposto pela deformação podem chegar a consciência sem maiores danos.

Na carta 52, de 06 de dezembro de 1896, Freud utiliza o termo transcrição para explicar como é que o conteúdo de um sistema passa a fazer parte de outro sistema. O inconsciente, na

¹⁷ No final do texto Freud diz que não se pode dizer que a representação inconsciente muda de lugar quando se torna consciente, o que muda não é o lugar, mas sim o modo de ordenamento do material. Isso quer dizer que o mesmo conteúdo pode estar ordenado de maneira diferente dentro do sistema: segundo um modo de funcionamento primário, o que o coloca sobre o governo do inconsciente; ou segundo um modo de funcionamento secundário, o que o coloca sob o império do pré-consciente. Entretanto, em uma nota adicionada em 1925, afirma que “foi necessário reformular e modificar essa idéia quando se reconheceu que o caráter essencial de uma representação pré-consciente é o enlace com restos de representação-palavra” (1900/2007, p. 598), concepção semelhante àquela exposta no texto “O inconsciente”, de 1915.

carta, é entendido como um sistema cujo conteúdo está ordenado segundo relações causais. Já no pré-consciente (vale ressaltar que essa é a primeira vez que Freud utiliza esse termo) o mesmo material está ordenado enquanto representação-palavra. O princípio aqui também é evolutivo, sendo que a formação pré-consciente é posterior ao inconsciente e advém de uma retranscrição, que ocorre de tempos em tempos e origina novas formas de ordenamento dos registros da memória. A repressão é pensada, nesse sentido, como uma falha de transcrição.

Voltemos ao texto. O trabalho do pré-consciente não se restringe ao controle do acesso a consciência. Freud lhe atribui outra função muito importante: “... encontramos apoio para identificar a instância crítica com aquilo que guia nossa vida de vigília e decide sobre nosso agir consciente, voluntário” (1900/2007, p. 534). Dizendo de outro modo: o pré-consciente é a instância do pensamento normal¹⁸ (Freud, 1900/2007, p. 509). Durante a vigília essa instância trabalha com todas as suas forças, ela origina atos psíquicos dos mais variados: juízos, deduções, refutações, expectativas, desígnios, etc.

Excitações provenientes do inconsciente aliam-se as representações do pré-consciente (não censuráveis, que estão acima de qualquer suspeita) para que seja possível, então, o acesso a consciência. Tendo em vista o esquema do aparelho psíquico proposto por Freud, a excitação percorre, desse modo, um caminho progressivo.

2.5. O pré-consciente e a formação do sonho

A tese de Freud é a de que o sonho é uma forma do inconsciente manifestar seu conteúdo¹⁹. Entretanto, nesse caso não se trata apenas de um derivado do inconsciente. Mas de uma manifestação mais pura, mais intimamente ligada com as representações inconscientes originais no seu modo de funcionamento, ou seja, trata-se de um processo primário em que impera a energia desligada, livre. Por conta disso, a transferência não é o bastante para garantir a distância segura da representação originalmente inconsciente, outras medidas são necessárias. Veremos isso no tópico seguinte.

¹⁸ O que ele chama de pensamento normal são os pensamentos conscientes que temos durante a vigília.

¹⁹ Como também o é o sintoma, por exemplo.

Mas se a resistência existe e é tão poderosa, se o pré-consciente é tão eficiente e complexo, como o sonho pode ter se formado? Como pode haver a manifestação de processos primários, de processos inconscientes mais puros, como é o caso do sonho?

Na verdade ele não é tão poderoso assim. Temos indícios para acreditar que o pré-consciente sempre falha. Na carta 52, Freud diz que por conta de um atraso evolutivo, o pré-consciente não tem meios de dominar o inconsciente, permanece, desse modo, um núcleo para sempre excluído do pré-consciente. No “Projeto...”, Freud diz que o eu²⁰ falha quando é pego de surpresa, é como se ele tomasse um susto diante de uma representação inesperada e não conseguisse agir imediatamente. Também nesse texto Freud diz que um processo secundário jamais dominará por completo o modo de funcionamento primário, sempre restará algo do funcionamento original. No escrito sobre “A interpretação...”, o autor concorda com os outros textos citados: “... o núcleo de nosso ser, que consiste em moções de desejos inconscientes, permanece inapreensível e não inibível para o pré-consciente ...” (Freud, 1900/2007, p. 593). O que podemos afirmar é que o pré-consciente pode controlar o inconsciente, mas que esse controle tem limites.

No caso do sonho, que não se trata de um processo patológico, a resposta não podia ser outra: o pré-consciente falha²¹ porque dorme, melhor dizendo cochila. Há nesse sistema um desejo de dormir. Isso quer dizer que durante a noite no estado de sono o pré-consciente diminui sua atuação, diminui sua força, mas não totalmente. Se o pré-consciente atenua suas ações, como consequência, há um rebaixamento da censura endopsíquica²². Enquanto descansa o pré-consciente se torna mais flexível em sua principal tarefa: impedir que o conteúdo inconsciente chegue a consciência tal qual ele é, ou seja, em sua forma originária. Podemos dizer que o sono ocasiona um abrandamento do poder do pré-consciente, situação que estabelece um terreno fértil para produção do sonho. No sonho, o pré-consciente volta a ter seu poder muito limitado como era no início de sua evolução²³.

Freud se pergunta então, se não seria uma imprudência do pré-consciente diminuir sua atuação, ou seja, enfraquecer sua capacidade crítica durante a noite. A resposta é que não. O pré-consciente pode fazer isso porque à noite o organismo não tem acesso a motilidade, ou seja, não é

²⁰ A discussão sobre a semelhança do pré-consciente e do eu será feita em um tópico posterior.

²¹ É preciso esclarecer que essa falha é relativa e voluntária, provocada pelo desejo de dormir desse sistema.

²² A explicação para o sonho aqui nesse texto é muito semelhante as colocações feitas sobre o mesmo assunto no “Projeto...”

²³ Veremos melhor esse ponto no item “A evolução do sistema”.

possível contar com o aparelho motor, que, segundo Freud, é o único capaz de modificar o mundo externo. Isso garante a ausência de danos, as alucinações oníricas são inofensivas. “O estado de dormir garantirá a segurança da fortaleza em custódia” (Freud, 1900/2007, p. 559). Freud acrescenta que o perigo existe quando o relaxamento da censura não é provocado pelo sono, mas por uma perturbação patológica da mesma ou das excitações inconscientes, como, por exemplo, é o caso da psicose.

Diante da figurabilidade do sonho, ou seja, da transformação de pensamentos em imagens sensíveis, Freud conclui que o processo do sonho, diferentemente da maioria dos processos da vigília, é um processo regressivo, ou seja, as excitações percorrem o sistema de maneira inversa do que acontece durante o dia. Em outras palavras: ao invés de partir da excitação interna ou externa e progredir para a motilidade, o estímulo parte do inconsciente e pode regredir até a extremidade sensível, ou seja, o sistema P. Mas por quê? Porque durante o sono não é possível chegar a motilidade, pois ela se encontra paralisada. Resta então o caminho oposto. Então, as coisas se dão desse modo: de forma progressiva um desejo se alia a uma representação pré-consciente e sofre a desfiguração própria da atuação desse sistema. Entretanto, como não há formas de progredir até a motilidade, a excitação passa então a fazer o caminho inverso até chegar a extremidade sensível do aparelho. Entretanto, depois de chegar até essas imagens, a excitação volta a se mover de forma progressiva, o que permite a elaboração secundária, ou seja, fornecimento ao sonho de um caráter inteligível, próprio da instância pré-consciente.

Freud diz para tomarmos cuidado com o aspecto temporal implícito na descrição do caminho que a excitação faz durante o sonho no aparelho. Nas suas palavras:

nos vimos obrigados a estabelecer uma sucessão assim com fins descritivos; na realidade se trata mais bem do ensaio simultâneo deste e deste outro caminho, de um flutuar da excitação de um lado ao outro, até que ao final permanece um determinado agrupamento ... (Freud, 1900/2007, p. 567).

Isso quer dizer que não há uma seqüência estabelecida: caminho progressivo, impedimento pela repressão, caminho regressivo e caminho progressivo novamente. Na verdade é um ir e vir de excitações que levam um bom tempo, cujos resultados se acumulam naquilo que chamamos de sonho. Sem dar cabo a essa discussão, porque se distancia do objetivo do trabalho,

o que é importante para nós é que mesmo cochilando o pré-consciente trabalha muito, seja fornecendo representações substitutas, seja impedindo o acesso a motilidade, seja impondo ainda outras deformações.

A regressão não é um processo restritamente ligado aos sonhos:

Também o recordar voluntário e outros processos parciais de nosso pensamento normal correspondem a uma marcha para trás dentro do aparelho psíquico desde algum ato complexo de representação até o material bruto das marcas mnêmicas que estão em sua base. Mas na vigília essa regressão não vai mais longe das imagens mnêmicas; não pode produzir a animação alucinatória das imagens perceptivas (Freud, 1900/2007, p. 536).

Isso significa que, em si, a regressão não é patológica nem mesmo na vida desperta. Ela é produto da resistência do pré-consciente que, mesmo com seu trabalho atenuado, tenta impedir que conteúdos cheguem a consciência pelas vias normais. A regressão tem um efeito patológico quando, fora do estado de sono, consegue chegar ao extremo do aparelho, ou seja, na parte sensível.

2.6. O pré-consciente, a deformação do sonho e a formação de compromisso

Como já foi dito, o pré-consciente cochila durante a noite. Entretanto, nem por isso o domínio do inconsciente passa a ser completo. Enquanto dormimos, o pré-consciente não deixa de cumprir sua missão principal, de uma forma mais frouxa, é verdade. O pré-consciente utiliza armas importantes para escamotear o desejo inconsciente, ludibriando assim a consciência e permitindo a satisfação do desejo proibido, ao mesmo tempo em que garante a saúde do sistema. Na verdade, o pré-consciente impõe desvios no caminho rumo a satisfação, desvios que impedem a satisfação direta, mas não a satisfação em si²⁴. Um desses desvios é a desfiguração dos pensamentos oníricos, o que faz com que o relato do sonho pareça sem sentido. A própria transformação das imagens em palavras já serve a deformação, e visa igualmente a ocultação do original, a satisfação via caminho similar.

²⁴ No “Projeto...”, vale lembrar, Freud atribuíu ao eu essa função de inibição de cursos primários, por meio de ocupações colaterais.

O pré-consciente é bastante precavido. Ele não confia apenas da deformação do conteúdo como meio de torná-lo aparentemente inofensivo. Mesmo depois do conteúdo filtrado, se ainda assim parecer que ele está muito próximo do material inconsciente, o pré-consciente pode ainda utilizar-se da dúvida durante o relato do sonho que não deixa de ser uma forma da resistência se manifestar. Freud chega a dizer que se há dúvida é porque o conteúdo posto em cheque está bastante próximo do conteúdo reprimido.

Além da desfiguração e da dúvida o pré-consciente pode valer-se também do esquecimento. É muito comum esquecer-se do material sonhado depois do processo onírico. Outro instrumento utilizado pela censura é o que Freud chama de “associação superficial” (1900/2007, p. 524). Trata-se de uma ligação, de uma associação por consonância, ambigüidade de palavras, coincidência do tempo, etc. que visa ocultar outras relações ricas em nexos que, se descobertas, revelam um sentido genuíno. Além disso, também há a condensação e a aparência racional e inteligível que o pré-consciente dá ao produto onírico e que igualmente servem a resistência (Freud, 1900/2007, p. 527).

Conseguir localizar a associação genuína que se encontra encoberta por todas essas deformações que o pré-consciente impõe ao sonho não é tarefa fácil. Freud chega a dizer que nem todo sonho pode ser interpretado. Isso porque a instância que vela pelo reprimido pode ser muito forte, dependendo do sujeito, e vencer suas resistências vai depender do “... seu interesse intelectual, sua capacidade para vencer-se a si mesmo, seus conhecimentos psicológicos e sua prática na interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/2007, p. 519). Isso nos faz pensar que a potência do pré-consciente varia de pessoa para pessoa, não exerce a mesma influência de maneira eqüitativa.

Se pudéssemos resumir em poucas palavras qual a utilidade do sistema pré-consciente para o aparelho psíquico diríamos que ele é o guardião do reprimido e o mediador entre as exigências desse último e o inconsciente. O que quer dizer que o pré-consciente trabalha em prol da saúde psíquica, pois entende que, ao mesmo tempo que a manutenção do reprimido é necessária, a satisfação do desejo inconsciente também o é. Durante a noite, mais precisamente no estado de sono, o pré-consciente também trabalha, entretanto, não utilizando-se de todo seu vigor, já que diferentemente do inconsciente, o pré-consciente descansa a noite.

Dando prosseguimento a essa discussão, o sonho e também o sintoma são considerados por Freud formações de compromisso. Isso porque trata-se de uma formação que consegue

expressar as duas partes do conflito psíquico e também sua resolução: “por uma parte proporcionam ao *Icc* uma saída para a descarga de sua excitação Ihe servem como porta de escape, e por outra parte dão ao *Prcc* a possibilidade de governar o *Icc* de algum modo” (Freud, 1900/2007, p. 572, grifo do autor). O sonho é, por isso, a expressão mais ou menos harmoniosa de duas forças opostas, por meio dos sonhos e também dos sintomas se dá como que um acordo entre dois senhores que conseguem alcançar seus objetivos, ao mesmo tempo em que não impedem a satisfação um do outro.

Mas esse acordo não é, por assim dizer, tão provido de garantias que não possa vir a se quebrar. Isso acontece quando a satisfação de um desejo inconsciente é sentida como desprazer pelo pré-consciente e não é possível que este último iniba a liberação do afeto por meio do despertar, como é o caso do sonho de angústia que persiste, ou seja, aquele em que o sujeito não consegue acordar. Nesse caso, o pré-consciente não está conseguindo exercer sua influência em tal medida que esteja garantida a saúde psíquica, ele está tolhido da possibilidade de inibir as sensações desprazerosas e elas persistem. Freud garante que aí não se trata mais de um processo normal, mas patológico. Como Freud mesmo reconhece em uma nota agregada em 1930, falta nessa teorização o conceito de super eu.

Poderíamos dizer então, a título de resumo, que no estado de vigília, fora da patologia, cabe ao pré-consciente governar o inconsciente. No sonho e no sintoma, o pré-consciente não consegue mais imperar soberano e então se obriga a estabelecer um compromisso com o inconsciente, o que não passa de uma tentativa de que o processo primário não seja tão danoso ao sujeito. Nessa linha de raciocínio, no que diz respeito a psicoterapia, a opinião de Freud também é semelhante as idéias contidas no “Projeto...”: o objetivo da psicoterapia é submeter o inconsciente ao domínio do pré-consciente. Nas suas palavras:

sua tarefa consiste em proporcionar para os processos inconscientes uma tramitação e um esquecimento. É que isso mesmo que nos inclinamos a julgar trivial e que explicamos por uma influência primária do tempo sobre os restos mnêmicos da alma, a saber, o empalidecimento das recordações e a debilitação afetiva das impressões que já não são recentes, é na realidade produto de alterações secundárias que se conseguem depois de árduo trabalho. O pré-consciente é quem consuma esse trabalho, e a psicoterapia não pode empreender outro caminho que o de submeter o *Icc* ao império do *Prcc* (Freud, 1900/2007, p. 569, grifo do autor).

2.7. O determinismo psíquico

O livro sobre a interpretação traz as claras o determinismo psíquico cunhado por Freud. Mas o que se quer dizer com a utilização da expressão determinismo psíquico? A utilização da expressão limita muito, quando o assunto é a psicanálise, a possibilidade de conceber os atos de um sujeito como fruto do acaso. Isso quer dizer que nenhum pensamento, por mais desconexo que seja, é livre de sentido. Há sempre uma representação-meta, isto é, uma representação que guia, conduz, determina aquilo que se apresenta em nossa consciência no que diz respeito ao sonho. Se não podemos relacionar aquilo que é dito, pensado, sonhado, a algo conhecido, isso não significa dizer que não há relação, mas sim que a relação deve ser buscada em outro lugar, em outra dimensão, poderíamos dizer: na dimensão do inconsciente. Por isso, tudo aquilo que se denomina psicanalítico não pode deixar de dar crédito a existência de um enlace, uma associação entre uma representação originária (inconsciente) e o conteúdo deformado (produto do pré-consciente).²⁵

Em última instância, a determinação da qual Freud fala é sempre inconsciente. Por quê? Quanto a isso ele é bem claro: o desejo inconsciente é o motor da produção psíquica. O que quer dizer que é apenas o desejo inconsciente que consegue colocar em movimento o sistema, o aparelho psíquico como um todo. Se contarmos mais uma vez com o auxílio do “Projeto...”, concluímos que o próprio trabalho de pensar não visa outra coisa senão a satisfação do desejo, melhor dizendo, o aumento das chances de satisfação, na medida em que reconhece novas possibilidades em objetos semelhantes àquele da primeira experiência. O reconhecimento do mundo externo por parte do organismo não possui outro fim senão oferecer uma gama mais rica de caminhos rumo a satisfação.

Além de consagrar possibilidades de satisfação, cabe ao pré-consciente tentar disfarçar, manejar, manipular o conteúdo inconsciente de modo que este se torne inofensivo, não cause angústia ao sujeito. Como diz Freud: “... Entre este trabalho de interpretação e o pensamento da vigília não há esse abismo psíquico pelo qual os autores pretendem explicar de forma exclusiva o

²⁵ É necessário aqui interrompermos nossa linha de raciocínio para falarmos um pouco da pulsão, que para Freud originalmente não busca nenhuma meta específica, mas se ordena pelo princípio do prazer, onde a descarga é o que realmente importa. Um exemplo elucidativo é o fenômeno da transferência em que não importa sobre que objeto, mas o investimento libidinal precisa ocorrer (Freud, 1923/2007). Diferentemente do isso, cujo modo de funcionamento se pauta pelo princípio do prazer, o eu se preocupa com o princípio da realidade, por meio do qual a eliminação de excitação pode ocorrer com sucesso.

esquecimento dos sonhos” (Freud, 1900/2007, p. 515). A aparente cisão entre a vida onírica e a vida de vigília não é nada mais do que, de fato, aparente: “eu sei que um refletir sem regras, carente de representações-meta, dos pensamentos não se apresenta nem no marco da histeria ou da paranóia nem na formação ou na resolução dos sonhos” (Freud, 1900/2007, p. 523). A associação livre faz aparecer as representações-meta desconhecidas, aquelas que visam a satisfação do desejo.

Nada mais falso do que pensar que somente quando o pré-consciente não consegue lançar mão de todas as suas forças é que há um domínio do inconsciente no acontecer psíquico. O que acontece é que quando o pré-consciente não falha, ele consegue governar os processos, mas não quer dizer que ele os determina.

Recorrendo a uma metáfora, Freud nos diz que o desejo inconsciente é como um capitalista, ou seja, é ele que fornece o capital, a força para que o aparelho trabalhe. Todo movimento do sistema psíquico se deve a força desses desejos. O pré-consciente, por sua vez, trabalha para dar conta desses desejos de uma forma cada vez mais elaborada e eficaz na preservação da saúde psíquica.

2.8. A evolução do sistema: processo primário e secundário

No texto em discussão nesse capítulo, no que se refere a evolução do aparelho, Freud mantém a mesma linha de raciocínio do “Projeto...”. Vale a pena conferir as colocações do autor, porque aqui elas se encontram mais sofisticadas, melhor organizadas.

Na tentativa de explicar porque a única coisa que o inconsciente pode oferecer é a força impulsora para realização de desejo, Freud teoriza sobre a evolução do aparelho psíquico. Sua intenção é, primeiramente, explicar o que é um desejo. Para tal, faz uso da mesma argumentação do “Projeto...”, se vale de duas experiências fundamentais na constituição do funcionamento psíquico: a vivência de satisfação e de dor.

Sua argumentação é a de que o aparelho psíquico passou por uma evolução antes de chegar a sua máxima “capacidade de operação” (Freud, 1900/2007, p. 557). Na evolução proposta pelo autor, podemos diferenciar pelo menos três momentos. Inicialmente todo estímulo externo recebido era descarregado via motilidade:

hipóteses que não de fundamentar-se de alguma outra maneira nos dizem que o aparato obedeceu primeiro o afã de manter-se, na medida do possível, isento de estímulos, e por isso em sua primeira construção adotou o esquema do aparelho reflexo que lhe permitia descarregar em seguida, por vias motoras, uma excitação sensível que lhe chegava de fora (Freud, 1900/2007, p. 557).

Todavia, é preciso salientar que Freud assegura que um aparelho primitivo tal qual acabamos de apresentar não passa de uma ficção teórica. Ele não existe na realidade, já que necessidades internas existem desde sempre. Nas palavras de Freud:

um aparelho psíquico que possua unicamente o processo primário não existe, que nos saibamos, e nessa medida é uma ficção teórica; entretanto isto é um fato: os processos primários estão dados naquele desde o começo, enquanto que os secundários somente se constituem pouco a pouco no curso da vida ... (1900/2007, p. 592).

Logo que as primeiras necessidades corporais²⁶ da vida se impuseram (fome, respiração, etc.), o organismo se viu obrigado a se organizar de forma diferente. Começa então o segundo momento. É nessa ocasião que Freud situa o nascimento do desejo, conceito tão caro a esse autor. A vivência de satisfação, já mencionada no “Projeto...”, é o que lhe dá origem. O fim da carência na qual se encontra o organismo diante de uma grande necessidade só se dá quando, por ajuda alheia, o objeto da necessidade se faz presente para o organismo inerte. Então, a necessidade cessa. Toda vez que a necessidade aparecer novamente, o organismo tenderá a alucinar a recordação do objeto. O que Freud chama de desejo é a necessidade enlaçada, a partir daí definitivamente, a uma representação, mais especificamente a representação do objeto que cessa o aumento de excitação. Isto significa que a partir do momento em que a necessidade é capturada por uma representação, ela deixa de ser necessidade e passa a ser desejo. Inaugura-se uma tendência de funcionamento psíquico. O desejo busca o primeiro objeto, aquele que, originalmente, respondeu satisfatoriamente uma necessidade e restaurou o equilíbrio do sistema.

Sobre esse momento, Freud nos diz: “essa primeira atividade psíquica apontava então para uma identidade perceptiva, ou seja, a repetir aquela percepção que está enlaçada com a satisfação da necessidade” (Freud, 1900/2007, p. 558). Isso significa: aquilo que o desejo busca,

²⁶ Cabe lembrar que Freud não considera que as únicas necessidades são corporais. As necessidades corporais são as primeiras a se presentificar, mas não as únicas.

originalmente, é a repetição exata da primeira experiência, é a identidade do objeto, o resultado disso é a alucinação.

A moção desejosa é voraz de satisfação. Nas experiências que seguem a vivência original de satisfação, o sistema alucina o objeto do desejo e não consegue perceber, por si só, que se trata de uma alucinação. Então, como a excitação contida não pode ser eliminada, há uma decepção e um novo aumento de estimulação. Uma situação assim não pode persistir por muito tempo. É isso que Freud chama de funcionamento primário: um funcionamento inadequado e danoso que busca inconsequentemente a satisfação, cuja energia que percorre o aparato é livre.

Essa situação nos leva a pensar em um terceiro momento. O aparelho precisa abrir mão da identidade porque quando o pensar busca a identidade não há modo de escapar da alucinação. Freud é bem claro em afirmar que o abandono do objeto é uma experiência difícil: “uma amarga experiência vital tem que haver modificado esta primeira atividade de pensamento em outra, secundária, mas de acordo ao fim {mais adequada}” (1900/2007, p. 558). Trata-se de algo doloroso porque o sujeito não tem saída, ou abre mão do objeto e possibilita o desenvolvimento do aparelho por meio do pensar secundário, ou retém o objeto e alucina²⁷.

Um princípio secundário²⁸ se estabelece pagando o preço de sua existência: a perda do objeto. É preciso então que o organismo aprenda a levar em conta a realidade externa, ou seja, a existência real de um objeto que possa trazer satisfação. O processo de pensar, daí por diante, se contentará com uma identidade parcial, com semelhanças buscadas na relação do sistema psíquico com o mundo externo e não mais com as recordações do sujeito. É como se o sujeito, de absorto em suas próprias recordações, passasse a ser aberto ao novo e desconhecido do mundo exterior. O terceiro momento é marcado pela emergência de uma instância responsável por barrar a regressão, por inibi-la, por não permitir que ela avance além da imagem mnêmica, mas sim que chegue até aí e consiga buscar outro caminho que não o da alucinação: o pré-consciente. As recordações não serão mais reavivadas, mas utilizadas como parâmetro para a busca no meio externo de algo que possa servir de objeto de desejo. Nas palavras de Freud:

²⁷ Há somente uma forma de conseguir a identidade, porém paga-se muito caro por isso. A retenção do objeto é o preço e sua consequência é a psicose alucinatória.

²⁸ Talvez aqui seja possível relacionar o princípio secundário do qual Freud fala no texto “A interpretação...” com o princípio da realidade do texto “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico” de 1912 e do texto “O eu e o isso”, de 1923. Isso porque o princípio secundário aqui se relaciona diretamente com a percepção da realidade por parte do sistema.

esta inibição [da regressão], assim como o desvio da excitação que é sua consequência, passam a ser a obrigação de um segundo sistema que governa a motilidade voluntária, vale dizer, que tem em seu exclusivo domínio o emprego da motilidade para fins recordados de antemão (Freud, 1900/2007, p. 558).

O pensar que resulta daí não é mais primário, mas secundário e, por sua natureza leva em conta o mundo exterior, daí sua complexidade. Entretanto, mesmo depois da emergência do pré-consciente não se pode dizer que tudo muda de uma hora para outra, que em um instante o funcionamento passa a ser totalmente secundário. Nas palavras de Freud:

para poder transformar conforme os fins o mundo exterior mediante a motilidade, se requer acumulação de uma grande soma de experiências dentro dos sistemas mnêmicos e uma múltipla fixação das referências que diversas representações-metas podem evocar neste material mnêmico (Freud, 1900/2007, p. 588).

O que quer dizer que só depois do aparelho ter entrado em contato com uma série de experiência e avançado, assim, no seu trabalho de pensar que o domínio pré-consciente estará estabelecido. Mas como já sabemos, nunca completamente.

Não é apenas a vivência de satisfação a responsável pela emergência do pré-consciente. Sua existência se deve a outra vivência tão importante quanto essa: aquilo que Freud chama de vivência de dor no “Projeto...” e de vivência de terror frente a algo exterior em “A interpretação...”. Da vivência de dor, como já sabemos, não restará uma tendência a alucinar o objeto de satisfação, mas sim de se livrar, de repudiar a representação do objeto de dor assim que ele for novamente evocado. Isso tudo para evitar o desprazer que essa recordação provocaria no aparelho. O abandono da representação visa que o desprazer seja sentido de forma mínima, que a liberação seja interrompida no início. O estranhamento que o aparelho realiza frente as representações que remetam a vivência de dor, segundo Freud, que o faz abandonar todas as recordações que remetam a tal experiência, é o que conhecemos como repressão psíquica.

Entretanto, segundo esse princípio do desprazer, ou seja, de que o início de liberação de desprazer provoca um abandono da representação correspondente acabaria por empobrecer

demais o aparelho, que é constituído de memórias. Daí a emergência do pré-consciente, responsável novamente por inibir a liberação de desprazer e possibilitar uma defesa mais branda, em que as recordações não precisem ser abandonadas. É a partir disso que o aparelho pode se desenvolver: utilizando-se do maior número possível de recordações para seu trabalho de pensar. Cabe salientar que evitar totalmente o desprazer não é possível, já que o pré-consciente só sabe que se trata de uma representação dolorosa quando a investe e naturalmente começa então a liberação. A liberação pode ser reduzida, mas não evitada.

Esse segundo sistema, o pré-consciente, age inibindo fluxos livres de excitação. Cada vez que se iniciar a liberação de um afeto desprazível, como a angústia, é emitido como que um alerta ao pré-consciente que liga a energia móvel e, por isso, impede uma liberação excessiva de desprazer.

Quando Freud afirma que um aparelho que funcione de forma exclusivamente primária não existe, o que ele quer dizer é que desde o início as duas forças (processo primário e secundário) atuam no organismo, mas que, entretanto, o inconsciente²⁹ e seu modo de funcionamento é soberano no início da vida. O pré-consciente vai ganhando forças posteriormente e apenas na maturidade conseguirá imperar no acontecer psíquico. Entretanto, devido a esse atraso, permanecerá um núcleo no sujeito para sempre inacessível, indomável, não passível de inibição pelo pré-consciente. O que lhe cabe é manejar, tramitar, escoar a energia que daí emana de forma a não prejudicar o organismo. A separação entre ambos os sistemas e o domínio do acontecer secundário se dá, portanto, pouco a pouco, na medida em que se instalam no aparelho psíquico outras forças, como o asco, que segundo Freud, “inicialmente faltava na vida infantil” (Freud, 1900/2007, p. 593).

O pré-consciente, na medida em que atua no sentido de manter disponível para o sistema o maior número de recordações possível, facilita a satisfação dos desejos via processo de pensar, que, como já dissemos, visa a identidade de pensamento³⁰ e não mais a identidade perceptiva como no processo primário. Freud assevera que as condensações, as formações de compromisso, as deformações, são impedimentos para a atividade secundária, porque substituem uma

²⁹ Freud diz que o processo primário é o germe do inconsciente (1900/2007, p. 588).

³⁰ Freud diz; “O pensar como um todo não é mais que um rodeio desde a recordação de satisfação, que se toma como representação-meta, até a investidura idêntica dessa mesma recordação, que deve ser alcançada de novo pelas vias das experiências motoras” (1900/2007, p. 591).

representação por outra. É como se essas formações de compromisso dificultassem a satisfação dos desejos via processo secundário.

Podemos perceber, seguindo os passos de Freud, que o desenvolvimento do aparelho psíquico permanece para sempre incompleto, já que o domínio total do inconsciente por parte do pré-consciente é utópico, não comprovado pela experiência. Em outras palavras: se o pré-consciente e um funcionamento secundário imperam, não significa dizer que um funcionamento primário deixou de existir e produzir efeitos no sujeito. Prova disso é a sobrevivência do sonho, que, segundo Freud não passa de resquício de um modo de funcionamento primitivo e defeituoso, existente na juventude do aparelho psíquico, porém já superado há muito tempo. Mas se a superação fosse completa, o sonho não existiria e mais: um simples descanso parcial do pré-consciente não provocaria a insurreição desse modo de funcionamento arcaico. O funcionamento primário volta a reinar mais soberano na vigília, depois de superado, no caso da psicose.

2.9. O pré-consciente e a consciência

A consciência, em sua natureza, é muito parecida com o sistema da percepção, ou seja, “excitável por qualidades e incapaz de conservar o rastro das alterações, vale dizer, carente de memória” (Freud, 1900/2007, p. 603). A consciência tal qual se apresenta em um organismo maduro, também é produto de uma evolução. Freud diz que, de início, ela

... tem o significado de um órgão sensorial para a apreensão de qualidades psíquicas, é excitável na vigília desde dois lugares. Primeiro, desde a periferia de todo o aparelho, o sistema da percepção; segundo desde as excitações de prazer e desprazer que resultam, como quase a única qualidade psíquica, das transposições de energia ocorridas no interior do aparelho (Freud, 1900/2007, p. 566).

Mas se, originalmente, a consciência dos processos anímicos era regulada conforme a série prazer e desprazer, não é mais assim que as coisas funcionam na maturidade do aparelho. A fim de possibilitar operações mais complexas, foi preciso que as qualidades internas não dependessem exclusivamente da série prazer/desprazer: “com esse propósito, o sistema *Prcc* teve que requerer qualidades próprias que pudessem atrair a consciência, e as conseguiu, muito provavelmente, pelo enlace entre os processos pré-conscientes com o sistema mnêmico dos

signos de linguagem” (Freud, 1900/2007, p. 567, grifo do autor). Ou seja, o pré-consciente conseguiu atrair a consciência de maneira mais refinada e elaborada na medida em que enlaçou a série prazer/desprazer a signos lingüísticos. Freud nos diz que a nova série de qualidades cria “... uma regulação nova, que constitui o privilégio do ser humano frente aos animais” (Freud, 1900/2007, p. 604).

A consciência aqui, para Freud, permanece sendo efêmera e responsável por uma pequena parte do acontecer anímico:

O inconsciente é o círculo mais vasto, que inclui em si o círculo menor do consciente ... O inconsciente é o psíquico verdadeiramente real, nos é tão desconhecido em sua natureza interna como o real do mundo exterior, e nos é dado pelos dados da consciência de maneira tão incompleta, como o é o mundo exterior pelas indicações de nossos órgãos sensoriais (1900/2007, p. 600).

Freud é bem claro ao dizer que a nomenclatura dada aos sistemas inconsciente e pré-consciente é devida a proximidade que cada um tem com relação a consciência. A primeira vista pode parecer que Freud aproxima muito o pré-consciente da consciência. Quanto a essa problemática não podemos deixar de pontuar que, em certos aspectos, realmente o pré-consciente de Freud está próximo da consciência, mas não é sinônimo de consciência. Em que ele se aproxima e em que ele se afasta? A proximidade apontada por Freud diz respeito a capacidade do material pré-consciente se tornar consciente mediante algumas condições. Nas suas palavras, o conteúdo pré-consciente “... pode alcançar sem mais demora a consciência, sempre que se satisfaçam certas condições; por exemplo, que se alcance certa intensidade, certa distribuição daquela função que recebe o nome de ‘atenção’” (Freud, 1900/2007, p. 534). A referência de Freud diz respeito à própria matéria do que é feito o pré-consciente: representações-palavras que tem a capacidade de atrair para si a consciência.

Um exame atento do texto demonstra, todavia, que os processos pré-conscientes em si são, na verdade, inconscientes e bastante inacessíveis. Não temos consciência, por exemplo, do mecanismo da repressão, em essência função desse sistema. Tampouco temos consciência das deformações impostas pelo pré-consciente ao material onírico, do conflito entre este sistema e o

inconsciente etc. E mais, esses processos, ao que tudo indica, não são sequer passíveis de tornarem-se conscientes. Em outras palavras: se o conteúdo pré-consciente está assim tão próximo da consciência, que um simples esforço já o faz aparecer, como explicar todo trabalho que o pré-consciente faz em prol da deformação do conteúdo inconsciente, deformação esta da qual não temos sequer a mínima noção. Podemos pensar que o raciocínio de Freud é contraditório, pois ao mesmo tempo em que aproxima tanto assim o pré-consciente da consciência, o afasta já que sua principal função é a manutenção da repressão.

Nada mais falso do que achar que Freud não se dá conta disso. Ele mesmo admite, por exemplo, não haver dúvida, devido a complexidade do trabalho do sonho, que este começa durante o dia, entretanto, sem que o aparelho psíquico volte sua atenção para esses processos, ou seja, sem a participação da consciência. Disso ele conclui: “... *os rendimentos intelectuais mais complexos são possíveis sem a intervenção da consciência* ... (Freud, 1900/2007, p. 582, grifo do autor).

No que diz respeito ao inconsciente, da mesma forma é possível apontar que não se trata apenas do reprimido. Apesar de não ter discutido, Freud não deixou de apontar, algumas facetas do inconsciente, como, por exemplo, da parte inconsciente do eu e do inconsciente enquanto não composto do material reprimido. É o mesmo caso dos sistemas Mn que são, na verdade, mais primitivos e inacessíveis, melhor dizendo, mais inconscientes que o próprio reprimido. Enquanto que o inconsciente reprimido tem possibilidade de tornar-se consciente mediante algumas transformações; o inconsciente suposto em Mn é bem mais inacessível ainda e são seus traços mais primitivos os responsáveis até mesmo pelo caráter do sujeito. Esse é um dos motivos que torna a concepção da primeira tópica enquanto composta dos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente muito superficial. Nas palavras de Freud: “o que chamamos nosso caráter se baseia nas marcas mnêmicas das nossas impressões; e por certo aquelas que produziram em nós, aquelas da nossa primeira juventude, são as que quase nunca chegam a ser conscientes” (Freud, 1900/2007, p. 533).

No Projeto, Freud usa o mesmo raciocínio quando fala daquilo que confere ao eu sua particularidade, ou seja, as idéias excessivamente intensas, fruto das experiências e da educação. É preciso destacar aqui, que o eu, mais especificamente seu núcleo, é inconsciente para Freud. Assim como as impressões dos sistemas Mn, elas podem tornar-se conscientes. Mas é no estado inconsciente que demonstram seus efeitos.

Também há normalmente representações superintensas. Elas conferem ao eu sua particularidade. Nós não nos espantamos com elas se reconhecemos seu desenvolvimento genético (educação, experiências) e seus motivos. Estamos acostumados a ver em tais representações *supertintensas* o resultado de motivos maiores e legítimos. Por outro lado, as *representações superintensas* históricas chamam-nos a atenção devido a sua estranheza, são representações em que em outros são sem conseqüências e cuja importância não *compreendemos*. Elas nos aparecem como arrivistas, usurpadoras e, por isso, risíveis (1895/1995, p. 60, grifo do autor).

2.10. É o Pré-consciente o eu do “Projeto...”?

Como o leitor já deve ter notado, relacionamos, em várias partes do texto, o Pré-consciente de “A interpretação...” e o eu do “Projeto...”. Enquanto Freud atribui ao eu a responsabilidade de evitar a alucinação e a defesa rigorosa no “Projeto...”, aqui ele atribui essa responsabilidade ao sistema pré-consciente. Do mesmo modo, enquanto que no “Projeto” processos como o pensar e a atenção são de responsabilidades do eu, aqui o são do pré-consciente. No quadro que se segue tentamos elaborar um resumo daquilo que foi dito no decorrer do texto a esse respeito.

	Eu do “Projeto...”	Pré-consciente de “A interpretação...”
Função	Inibir processos primários.	Inibir processos primários na medida em que é o guardião da repressão.
Relação com o sonho	Possibilita o processo onírico na medida em que diminui suas ocupações.	Permite o processo onírico porque diminui sua atuação.
Processos	Responsável pelo processo de pensar e pela atenção.	Responsável pelo processo de pensar e pela atenção.
Evolução	Existe desde o início, mas ganha força na medida em que a pessoa se relaciona com o mundo e, por	Apesar da diferenciação entre inconsciente e pré-consciente não existir desde sempre, o modo de funcionamento secundário existe e

	meio do processo de pensar, amplia as possibilidades de satisfação.	ganha força na medida em que a pessoa se relaciona com o mundo e, por meio do processo de pensar, amplia as possibilidades de satisfação.
Saúde psíquica	Relacionada com a possibilidade de incluir no eu o maior número de representações para que elas possam, a partir disso, se desgastar com o tempo.	Relacionada com o domínio que o pré-consciente exerce sobre o inconsciente. Quanto maior o domínio, maior o grau de saúde.

Entretanto, a bem da verdade, o eu é e não é sinônimo de pré-consciente. Existe aí uma importante mudança de nomenclatura que não pode ser negligenciada quando o assunto é a escrita de Freud. Mas por quê? Quais são os motivos para Freud retirar do texto a palavra eu e colocar em seu lugar a palavra pré-consciente?

Pode-se dizer que Freud até utiliza a palavra eu. Entretanto, apenas em notas acrescentadas em 1919, ou seja, no mínimo 20 anos depois da escrita do texto. Examinemos algumas dessas passagens: “a análise nos demonstra que também esses sonhos desprazíveis são cumprimentos de desejo. Um desejo inconsciente e reprimido cujo cumprimento não podia ser sentido pelo eu do sonhador senão como penoso ...” (Freud, 1900/2007, p. 549). Mais adiante: “o mecanismo de formação do sonho se torna então mais transparente se a oposição entre consciente e inconsciente é substituída pela oposição entre eu e reprimido.” (Freud, 1900/2007, p. 550). No primeiro trecho citado o termo eu é tomado como sinônimo de pré-consciente, isso porque se levarmos em conta a exposição feita até aqui, a instância que não suporta a irrupção do desejo reprimido, no texto sobre a interpretação, é o pré-consciente. Já no segundo trecho, a palavra eu é utilizada como sinônimo de consciente + pré-consciente + inconsciente. Não podemos esquecer que essa relação é feita 20 anos depois da escrita do texto. O que isso quer dizer? Será que Freud só foi perceber mais tarde a semelhança entre os dois conceitos: eu e pré-consciente?

Isso não pode ser comprovado. Se recorrermos mais uma vez a carta 52, podemos confirmar que Freud sempre soube dessa semelhança. Ele mesmo afirma: o “*prc* (pré-consciência) é a terceira retranscrição, ligada a representações-palavra, correspondente ao *nosso eu oficial*” (1950/2007, p. 275; grifo nosso).

Nossa hipótese é a de que Freud não usou o termo eu no texto sobre a interpretação, porque o pré-consciente, assim como o consciente, fazem parte do eu, mas não o abarcam. Por isso, acreditamos que o pré-consciente é e não é o eu. Que dimensões do eu o pré-consciente não contempla satisfatoriamente? Enquanto instância a dimensão inconsciente. O que quer dizer que tudo aquilo que é realizado de maneira estritamente inconsciente no pré-consciente não foi suficientemente teorizado nesse momento da produção freudiana. Podemos justificar isso com duas hipóteses. Primeiro: diferentemente do “Projeto...”, o eu ou pré-consciente não é o tema central desse texto. O tema central do texto é o inconsciente. Como já dissemos, Freud reconhece a dimensão inconsciente dos sistemas mnêmicos e do pré-consciente, porém não desenvolve essa idéia³¹. Segundo: a obra de Freud precisa ser considerada como uma longa elaboração teórica em que conceitos foram abandonados e retomados posteriormente em um patamar maior de refinamento (Monzani, 1989). Ou seja, é um movimento natural da escrita de Freud a reformulação constante e o abandono temporário de uma série de conceitos que, quando retomados, o são com uma precisão conceitual infinitamente superior. Assim também é com o conceito de eu. Foi preciso muitos anos para que Freud conseguisse teorizar acerca desse conceito resgatando sua dimensão inconsciente já prenunciada no “Projeto...”. O eu explicitamente teorizado como instância aparece no texto “O eu e o isso”, objeto de estudo do próximo capítulo.

Quando falamos em instância psíquica, podemos dizer então, que o pré-consciente tem a ver com o eu, entretanto, sua dimensão inconsciente não é teorizada por Freud. Quando nos referimos ao eu enquanto se referindo a pessoa que fala, podemos dizer que o eu do “Projeto...” também pode ser interpretado desse modo porque é a soma e seus resultados dos diferentes sistemas psíquicos. Já o pré-consciente não. Nesse último caso, trata-se exclusivamente de uma instância. Nesse sentido há, por isso, uma importante diferença entre ambos.

2.11. Pontuações finais

Podemos afirmar que o pré-consciente é o protetor do aparelho psíquico e também um mediador. Ele “entende” as necessidades do inconsciente e deixa que este satisfaça seus desejos, contanto que o organismo não seja prejudicado com isso. Nesse modelo, tanto o sonho como os

³¹ Em 1915, no texto “O inconsciente”, Freud fará uma distinção entre os sentidos do termo inconsciente.

fenômenos patológicos são explicados em termos de regressão e se relacionam a um enfraquecimento do eu.

O sistema inconsciente é diretamente relacionado ao reprimido, apesar de já nesse texto não ser possível reduzi-lo a ele. Já o pré-consciente, devido as representações-palavras, matéria desse sistema, está bastante próximo da consciência, mas também não de todo. Isso representa uma diferença muito marcante com relação ao “Projeto...”. Se considerarmos, como foi proposto, que o eu do “Projeto” corresponde ao pré-consciente de “A interpretação...” (aqui no sentido de instância), podemos perceber que a mudança é significativa já que o eu do “Projeto...” era essencialmente inconsciente.

Por isso, se houve uma evolução na maneira como Freud trata dos conceitos nesse texto, podemos dizer que também há um recuo, na medida em que não teoriza sobre a parte inconsciente do eu. É muito provável que ele mesmo soubesse disso e talvez seja por isso que só muito sutilmente Freud diga que o eu é o pré-consciente, porque ele sabia que com relação ao eu faltava muito ainda para ser explicado e que a consciência não dava conta, por si só, dessa instância tão importante e complexa.

Sob outra perspectiva, podemos considerar que o eu do “Projeto...” se afasta do pré-consciente de “A interpretação...” porque no primeiro se trata de um eu que abarca todo o sistema Ψ , é um eu que contempla todos os sistemas. O pré-consciente, desse modo, é apenas uma parte do eu. Nesse sentido podemos também justificar a mudança de nomenclatura.

CAPÍTULO III

O EU NA SEGUNDA TÓPICA

O terceiro capítulo versa sobre o conceito de eu desenvolvido por Freud em 1923, no texto “O eu e o isso”. Procuraremos fazer algumas ligações entre as concepções freudianas sobre o eu nessa obra e os textos já estudados por nós: “Projeto para uma Psicologia” de 1895 e o capítulo sete do livro “A interpretação dos sonhos”, de 1900.

“O eu e o isso” é uma produção bastante rica, por isso dá margem a constituição de correspondências teóricas com uma série de outros textos psicanalíticos; além do que trata-se de um artigo que reorganizou a armação conceitual freudiana e, por isso, se relaciona com toda obra psicanalítica. Pela expressão que o texto possui, consideramos necessário alertar o leitor que o conteúdo desse capítulo é bem modesto, já que se restringirá especificamente a apontamentos que dizem respeito às relações entre as obras estudadas, ou seja, esse capítulo não tem a pretensão de exaurir as possibilidades de relação entre a noção de eu nele exposta e outros conceitos, tampouco apresentará desenvolvimentos aprofundados das relações apontadas. Para tal seria necessário um trabalho específico.

Dado os limites desta dissertação, os textos de transição da primeira para a segunda tópica não puderam ser suficientemente apreciados, como seria necessário para uma análise mais detalhada das motivações presentes na base dessa transição. Esta tarefa também fica reservada para um outro trabalho, já que o propósito nesta primeira abordagem do conceito de eu era circunscrevê-lo no interior da teoria do aparelho psíquico nos três textos metapsicológicos em que esse conceito aparece de maneira explícita.

O texto de 1923 contém a 2ª tópica freudiana, novo arranjo das instâncias do psiquismo agora denominadas isso, eu e super-eu. Segundo Strachey (1961), o “Eu e o isso” é um escrito tão importante que todas as obras posteriores a ela carregam a marca desse texto, mesmo que apenas na terminologia. A importância da obra está no fato de que nela, como bem diz Freud, se

encontra uma síntese de várias descobertas feitas há tempos, mas que só em 1923 puderam ser devidamente acomodadas em um texto coerente e elucidativo. Todas essas descobertas (pulsão de morte, inconsciência do eu, conceito de narcisismo, etc.) exigiram a montagem de uma nova estrutura anímica.

Não é apenas no âmbito da escrita freudiana que “O eu e o isso” ganhou expressão. Trata-se de um texto bastante valorizado por diversas escolas psicanalíticas. Especificamente no caso da “Psicologia do ego”, a valorização deste texto chega a tal ponto que direciona a uma escolha teórica: a segunda tópica é infinitamente superior e diferente da primeira, por isso os estudos e desdobramentos devem centrar-se nela. Essa tomada de posição deu margem a constituição de um constructo importante para “Psicologia do ego”: Segundo Hartmann (1968) o ego (eu) possui uma “zona livre de conflito”, lugar para onde a atuação clínica deve se dirigir.

Nosso posicionamento é bem diferente. Seguindo Monzani (1989), não consideramos possível uma valorização excessiva da segunda tópica em detrimento da primeira, apesar de admitirmos o refinamento conceitual de “O eu e o isso”. O entendimento do texto em questão exige a leitura atenta dos textos que dizem respeito a primeira tópica, mais particularmente do “Projeto...”. Repetiremos aqui uma afirmação feita no primeiro capítulo: alguns conceitos citados por Freud em “O eu e o isso” (inibição, pensar, etc.) também só podem ser bem entendidos se recorrermos ao “Projeto...”, pois é nesse último que se encontram os desenvolvimentos, as explicações para tais conceitos. Em suma: é inegável que o “Eu e o isso” está presente nos textos posteriores de Freud, mas o conceito de eu desenvolvido nele denuncia a presença implícita de um texto já estudado por nós: “Projeto de uma psicologia”. No decorrer do texto tentaremos demonstrar esse aspecto.

Para alcançar nossos propósitos, o presente capítulo será dividido em tópicos. No primeiro abordaremos a inconsciência do eu; no segundo a origem do eu via percepção. O terceiro tópico conterá uma breve exposição do eu enquanto projeção do corpo, para então no quinto tópico falarmos da identificação e do super eu. O sexto tópico será direcionado ao acesso a consciência e o sétimo tópico à relação do eu e as pulsões.

3.1. A inconsciência do eu

Começemos pela primeira definição freudiana de eu no texto “O eu e o isso”:

nós formamos a representação de uma organização coerente de processos anímicos em uma pessoa, e a chamamos seu *eu*. Deste eu depende a consciência; ele governa os acessos a motilidade, vale dizer: a descarga das excitações no mundo exterior; é aquela instância anímica que exerce um controle sobre todos seus processos parciais, e que a noite vai dormir, apesar de que aplica a censura onírica. Desse eu partem também as repressões, a causa de certas aspirações anímicas deverem excluir-se não só da consciência, senão das outras modalidades de vigência e de ocupação (Freud, 1923/2007, p.19, grifo do autor).

É possível perceber que a definição de eu exposta acima é bastante semelhante ao conceito de eu desenvolvido no texto do “Projeto...” e também das funções atribuídas ao pré-consciente no texto “A interpretação...”. Esse eu que Freud define, como ele bem diz, é “uma organização coerente de processos anímicos”, ou seja, é um eu enquanto conjunto coeso de processos, um eu funcional. Qual é a principal função desse eu? A descarga eficaz das excitações sem o prejuízo do sistema psíquico, ou seja, o manejo dos estímulos de sorte que a saúde do aparelho seja mantida.

Acontece que os processos atribuídos ao eu descritos na citação acima não são conscientes. Por isso, Freud acrescenta: “... uma parte do eu, Deus sabe quão importante, pode ser *icc*, é seguramente *icc*” (1923/2007, p.19, grifo do autor). Eis um dos pontos mais importantes do texto “O eu e o isso” no que diz respeito a obra publicada de Freud: a atribuição fundamentada de uma inconsciência ao eu e, conseqüentemente, a descaracterização da consciência como parâmetro de separação entre as instâncias.

A inconsciência do eu definitivamente reconhecida aqui não é uma novidade. Ela já estava clara no “Projeto...”, texto em que a consciência também não era critério de separação entre sistemas. Já no capítulo sete de “A interpretação...”, a inconsciência do eu estava subentendida. Na análise empreendida no capítulo anterior, não pudemos deixar de assinalar que em 1900, no texto “A interpretação...” a relação entre reprimido e inconsciente e entre pré-consciente/consciente e eu não era tão consistente assim, isso porque não havia mais como negar a parte inconsciente do eu. Mas é apenas no texto de 1923 que Freud teoriza claramente a esse respeito.

Dizer que Freud assevera que a diferença entre inconsciente e consciente não acompanha rigorosamente a divisão entre instâncias, não significa que essa distinção não conserve sua importância. Freud mesmo afirma “a diferenciação do psíquico em consciente e

inconsciente é a premissa básica da psicanálise, e a única que lhe dá a possibilidade de compreender, de subordinar a ciência, os tão freqüentes como importantes processos patológicos da vida anímica” (1923/2007, p.15). E ainda: “... a propriedade de ser ou não consciente é em definitivo a única chama na obscuridade da psicologia das profundidades” (Freud, 1923/2007, p.20).

Sendo assim, para a psicanálise tudo é psíquico: inconsciente, pré-consciente e consciente. Entretanto, a essência do psiquismo não está na consciência, mas no inconsciente. A consciência, na verdade, é uma qualidade do psíquico que, como outras qualidades, pode agregar-se ou não aos processos anímicos. Isso não significa que a consciência não tenha uma peculiaridade especial, que a coloca em posição de destaque: todo conhecimento só é possível com a participação da consciência, até mesmo o conhecimento sobre o inconsciente.

A crença de que é na inconsciência que acontecem os processos mais importantes do psiquismo é algo de que a psicanálise não pode prescindir. Freud usa uma palavra em hebraico, *shibbolet*, para explicar o que o inconsciente é para psicanálise. No livro bíblico Juízes, os homens de Galaad reconheciam um membro da tribo por meio da pronúncia de uma palavra: *shibbolet*, que significa espiga de trigo. O significado da palavra pouco importa nesse caso, o essencial para o raciocínio freudiano é que os membros da tribo inimiga não conseguiam pronunciar corretamente tal vocábulo, que passou então a ser um diferenciador entre tribos. Dar crédito a essência inconsciente do psiquismo é um dos pilares principais da teoria de Freud, o primeiro *shibbolet* da psicanálise, um divisor de águas entre psicanalistas e não psicanalistas.

O termo inconsciente abarca três classes de representações. Há representações que são pré-conscientes, ou seja, se encontram em estado inconsciente, mas têm possibilidade de tornarem-se conscientes mediante esforço de pensamento. Isso significa que existe um conjunto de representações latentes (pré-conscientes) que podem tornar-se conscientes de forma mais ou menos direta. O que nos obriga a constatar que, em última instância, a pré-consciência está muito próxima do sistema consciente. No texto “O inconsciente” e também em “A interpretação...”, Freud afirma que entre a consciência e a pré-consciência deve haver uma censura, porém superável sem necessidade de um trabalho específico.

Mas sob o domínio do inconsciente há também outra classe de representações. São representações que trazem conseqüências para o indivíduo ainda em estado inconsciente. Em outras palavras: há representações ou processos inconscientes muito intensos que modificam, que

causam efeitos no psíquico ainda em estado inconsciente. As conseqüências dessas representações podem tornar-se conscientes, mas as representações em si não, ao menos não de forma “natural” como as representações pré-conscientes. Isso porque há uma força que mantém essas representações inconscientes: a repressão. A esse respeito Freud diz “portanto, é da doutrina da repressão de onde extraímos nosso conceito de inconsciente. O reprimido é para nós o modelo do inconsciente” (1923/2007, p.17).

Freud percebe, entretanto, que o inconsciente não se restringe ao reprimido e a pré-consciência. A prática da psicanálise obriga a constatação de que existe inconsciência fora do reprimido: uma inconsciência que não é latente (pré-consciente), mas que também não se encontra no domínio do reprimido, já que não é fruto da repressão. Essa constatação permite a Freud erigir o conceito de inconsciente estrutural ou isso. A partir desse texto Freud é bem claro ao afirmar que apesar de todo reprimido ser inconsciente, o inconsciente não se restringe ao reprimido. Aliás, o reprimido “... não é mais que uma parte do isso” (Freud, 1923/2007, p.26).

Vários acontecimentos práticos, nenhum deles redutíveis a pré-consciência ou ao reprimido, fizeram Freud defender a hipótese de um inconsciente estrutural: a repressão, o controle da acessibilidade à consciência, o manejo da excitação, a resistência manifesta em análise, o sentimento inconsciente de culpa, etc. Especificamente diante da resistência que o indivíduo demonstra quando está em análise e não consegue percebê-la ou se a percebe não consegue compreendê-la, Freud afirma: “encontramos no eu mesmo algo que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o reprimido, vale dizer, exterioriza efeitos intensos sem converter-se por sua vez em consciente, e é necessário um trabalho particular para fazer-lo consciente” (1923/2007, p.19).

A afirmação de que há um inconsciente no eu resulta não ser mais correto dizer que a neurose é um conflito entre o consciente e o inconsciente, mas sim “...a oposição entre um eu coerente e o reprimido dele cindido” (Freud, 1923/2007, p.19). Como já ressaltamos no capítulo anterior, em uma nota acrescentada em 1919 no texto “A interpretação...” Freud já havia proposto conceber a neurose como um conflito entre eu e reprimido. Isso torna evidente que já havia algum tempo que Freud tencionava acrescentar a inconsciência do eu em sua metapsicologia publicada.

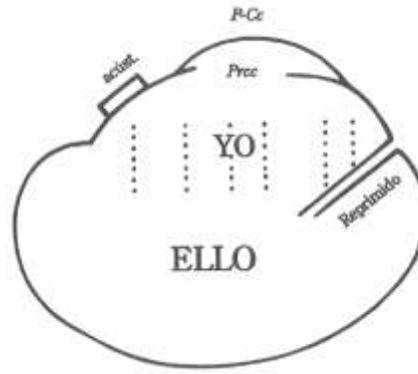
Depois dessa breve discussão acerca da inconsciência no texto “O eu e o isso”, encontramos-nos em condições de discutir como está estruturado o sistema psíquico no texto de 1923. Freud é bem claro, como já assinalamos, ao afirmar que há um inconsciente no eu que não é o mesmo inconsciente do reprimido, apesar de conservar com ele uma semelhança: os elementos contidos nas duas modalidades de inconsciente são capazes de causar efeitos no psiquismo ainda em estado inconsciente, ou seja, sem a participação da consciência.

À semelhança do “Projeto...”, o eu no texto em questão não é algo delimitado como os sistemas do capítulo sete do texto sobre a interpretação, ou seja, as fronteiras entre uma e outra estrutura nesse texto são mais difusas. Dizer que eu e isso não têm uma fronteira delimitada não significa que o eu recobre o isso, o envolve por completo. Na verdade o eu abarca uma série de instâncias: possui sua parte consciente, a percepção, se estende ao pré-consciente (passível de consciência sem maiores dificuldades) e termina em sua parcela inconsciente, onde eu e isso se sobrepõe. O que quer dizer que o eu contempla todo o consciente, todo o pré-consciente e uma parte do inconsciente estrutural. É necessário aqui fazer um adendo. Dizer que esse eu estrutura abarca a percepção e a pré-consciência, instâncias consciente e passível de tornar-se, não significa a rigor, que o eu seja totalmente consciente em P ou pode vir a sê-lo no pré-consciente. O que queremos dizer com isso é que as relações entre as instâncias do eu, por mais que alguns façam parte do domínio da consciência, não são jamais conscientes, ou seja, não temos consciência da dinâmica entre os sistemas, do modo de funcionamento da estrutura anímica nem mesmo no que diz respeito a percepção e a pré-consciência.

Voltemos ao isso. Apesar de isso e eu se sobreporem na fronteira entre um e outro, o isso não termina junto com o eu. Ele existe enquanto estrutura independente, ou seja, ultrapassa a fronteira difusa entre eu e isso. O isso, enquanto estrutura, representa as forças desconhecidas e ingovernáveis, a sede das pulsões dentro do aparelho, ou ao menos o lugar de onde elas originalmente emanam³². Aquilo que existe desde a origem em termos de sistema anímico e a instância que, mesmo sob a mediação do eu, tem mais força dentro da estrutura psíquica. No isso impera o princípio do prazer, segundo qual o acúmulo de excitação é sentido como desprazer e a eliminação não obedece a nenhuma regra específica, tampouco se preocupa com a saúde do

³² Na obra freudiana não há um consenso sobre o lugar de onde as pulsões partem para investir os objetos. Ora Freud assegura que o “reservatório de libido” é o eu, ora que é o isso. James Strachey faz uma breve discussão sobre tema no apêndice B do texto “O eu e o isso”.

aparelho. O princípio do prazer guarda uma semelhança com o princípio primário do “Projeto...”. Discutiremos esse aspecto no tópico “O eu e Eros”. A título de clarificação do que está sendo exposto examinemos a representação gráfica proposta por Freud (1923/2007, p.26):



Assim como não há uma divisão bem formada entre isso e eu; não há também entre isso e reprimido. Já entre eu e reprimido, por conta da resistência proveniente da repressão, falta uma comunicação direta. A comunicação entre essas duas estruturas, desse modo, se dá via isso. Por meio da figura é possível perceber que o eu compreende também o que Freud chama de placa auditiva. A explicação do que consiste essa expressão será dada abaixo no tópico “O eu e o acesso a consciência”.

Tendo por fundamento a sua segunda tópica, “um in-divíduo é agora para nós um isso psíquico, não conhecido {não discernido} e inconsciente, sobre o qual, como uma superfície, se assenta o eu, desenvolvido desde o sistema *P* como se fosse seu núcleo” (Freud, 1923/2007, p.25-6, grifo do autor). Como Freud define então a essência de uma pessoa? Como um isso sobre o qual se assenta um eu, essencialmente desenvolvido pela percepção. Esse in-divíduo³³, como escreve Freud, tem um eu enquanto estrutura que trata de tentar colocar alguma ordem ao isso. Consegue esse feito de forma muito capenga, já que é a “força indomável” que permanece guiando o sujeito. Utilizando-se de uma metáfora, como estamos habituados a encontrar na escrita freudiana, o autor nos diz com relação ao eu:

³³ Freud escreve a palavra indivíduo tal qual a reproduzimos na citação. Ao que tudo indica, a intenção do autor é recuperar a etimologia da palavra. *Individuus* que deriva do latim e significa indivisível, não dividido, ou seja, remete a uma pessoa enquanto representando uma unidade. O destaque que o tradutor de Freud dá a palavra alemã utilizada por Freud, *Individuum*, talvez tencione chamar a atenção para o fato de que a psicanálise concebe o indivíduo como dividido, já que a própria maneira como se configura o sistema psíquico aponta para uma divisão em estruturas que não mantém entre si uma relação das mais harmoniosas, como em uma unidade.

... se parece ao ginete que deve frear a força superior do cavalo, com a diferença de que o ginete o tenta com as próprias forças, enquanto que o eu o faz com forças emprestadas. Esse símile se estende um pouco mais. Assim como o ginete, se quer permanecer sobre o cavalo, com frequência não lhe convém outro remédio que conduzi-lo aonde este quer ir, também o eu costuma transpor em ação a vontade do isso como se fosse a sua própria (Freud, 1923/2007, p.27).

Fica claro então que, para Freud, o eu é limitado no que diz respeito as suas possibilidades. Isso porque o verdadeiro senhor é o isso. A dominância exercida pelo eu é relativa e de pouco alcance. A idéia de um eu que não consegue exercer um domínio seguro em termos de aparelho psíquico, ou seja, de um eu passível de cometer falhas também não é uma idéia nova. No “Projeto...” Freud afirma que mesmo depois da existência de um eu maduro, ainda assim processos primários podem ocorrer (o sonho, por exemplo), o que quer dizer que o eu nunca se torna forte o suficiente a ponto de conseguir um domínio completo sobre o psíquico. Poder-se-ia objetar que no caso do sonho o eu encontra-se no estado de sono, portanto, com a carga endógena diminuída. No entanto, no capítulo sete do texto de 1900, ao tratar da regressão, Freud considera a mesma possibilidade, isto é, a de ocorrer processos primários (regressivos) não apenas no estado de sono, mas igualmente na vigília, como é o caso do sintoma. Nesse sentido o objetivo da psicanálise é prestar um auxílio ao eu: “a psicanálise é um instrumento destinado a possibilitar ao eu a conquista progressiva do isso” (Freud, 1923/2007, p.56). Ao que parece, Freud quer dizer que o princípio da realidade deve se sobrepôr ao princípio do prazer. Abordaremos esse assunto no tópico “O eu e Eros”.

A conquista do isso pelo eu, podemos inferir da leitura do texto, jamais será total e definitiva: “... o eu tem uma posição parecida a de um monarca constitucional sem cuja sanção nada pode converter-se em lei, entretanto ele pensa muito antes de interpor seu veto a uma proposta do Parlamento” (Freud, 1923/2007, p. 56). No texto metapsicológico “O inconsciente”, de 1915, Freud diz que, dentre outras relações, inconsciente e pré-consciente mantém uma relação de cooperação. Talvez possamos conjecturar que é disso que trata a relação de “dominância” do eu com relação ao isso, ao menos fora da patologia.

3.2. A origem do eu via estímulos externos

Freud afirmou no “Projeto...” e em “A interpretação...” que o eu carecia de evolução, ou seja, não se tratava de uma instância desenvolvida desde o princípio; entretanto, em ambos os textos citados, um eu rudimentar existia desde o nascimento de um indivíduo. Nesse sentido, o raciocínio freudiano não é diferente no texto “O eu e o isso”. Examinando algumas passagens do texto é possível verificar a afirmação anterior. Freud coloca: “temos que atribuir a diferenciação entre eu e isso não somente aos seres humanos mais primitivos, senão aos seres vivos muito mais simples ainda, posto que ela é a expressão necessária do influxo do mundo exterior” (1923/2007, p.39). Ora, se um eu está presente até mesmo em organismos simples e a relação com o externo acontece desde o momento do nascimento, ou mesmo antes do nascimento, a existência de um eu rudimentar desde sempre há que ser admitida. Em outro trecho Freud afirma: “... o isso não pode vivenciar ou experimentar nenhum destino exterior se não é por meio do eu, que substitui ante ele o mundo exterior” (1923/2007, p.39). O que significa que o isso não tem possibilidades de manter um contato imediato com o mundo, o eu media esse contato desde o princípio. Estamos diante, então, de outro argumento a favor da existência primitiva de um eu rudimentar, incapaz, evidentemente, de exercer controle sobre o isso.

No que concerne ao desenvolvimento do eu, fundamental para que ele possa exercer suas funções, três fatores se fazem notar: a influência do mundo externo; a representação que o eu faz de si por meio da imagem do corpo próprio; e o processo de identificação.

Enquanto resultado da relação do isso com o meio, o eu é uma parcela do isso modificada. Segundo Freud: “é fácil entender que o eu é a parte do isso alterada por influência direta do mundo exterior, com mediação de *P-Cc*: por assim dizer, é uma continuação da diferenciação de superfícies” (1923/2007, p.27, grifo do autor).

O desenvolvimento da idéia de que o eu é resultado da relação de um sistema psíquico originário, dotado de um isso, e o mundo externo, fez Freud rever a questão do que seria o núcleo do eu. Enquanto que em 1895, o núcleo do eu era o núcleo de Ψ , ou seja, aquele conjunto de neurônios que recebiam excitação de fonte somática; no “Eu e o isso” o núcleo é o sistema *P*. Abordando a abrangência do eu, Freud afirma: “o vemos partir do sistema *P*, como de seu núcleo, e abraçar primeiro o *Prcc*, que se escora nos restos mnêmicos...” (Freud, 1923/2007, p.25, grifo do autor). E ainda: “... chamando eu a essência que parte do sistema *P* e que é primeiro *prcc*, e isso, por outro lado, segundo o uso de Groddeck, o outro psíquico em que aquele se continua e que se comporta como *icc*” (Freud, 1923/2007, p.39, grifo do autor).

Como explicar essa modificação?³⁴ Primeiro: a percepção é a responsável pela existência de um eu rudimentar desde a origem, como já ressaltamos. Segundo: o eu deve fazer valer no aparato psíquico o que Freud chama de princípio da realidade, diretamente relacionada com a percepção. Terceiro: a percepção é um dos fatores responsáveis pelo desenvolvimento do eu, na medida em que é a partir dela, mais particularmente daquilo que Freud chama “placa auditiva”, núcleo da palavra ouvida, que novas marcas mnêmicas podem ser registradas no aparelho, o que possibilita o controle do eu sobre o isso e a consciência das representações inconscientes. Encontramos nesse ponto outra semelhança com o “Projeto...”. Nesse último, apesar da existência de um eu nuclear relacionado ao estímulo interno e as pulsões, o desenvolvimento do eu se dava por meio do processo de pensar, ou seja, por meio da expansão de associações entre as ocupações provenientes de dentro, isto é, no núcleo de ψ e as ocupações decorrentes de novas percepções instaladas no manto de ψ . Quarto: a percepção também é fundamental nos dois outros fatores que participam da formação de um eu complexo: a formação do eu enquanto imagem de si e o processo de identificação. Todos esses pontos serão discutidos no decorrer do trabalho.

3.3. O desenvolvimento do eu via representação de si

O eu humano não deve sua existência apenas à influência da percepção sobre um isso. Freud afirma que outro fator exerce influência decisiva no desenvolvimento do eu: a representação que um indivíduo forma de si mesmo. Trata-se de uma projeção da superfície do corpo oriunda das sensações corporais sentidas desde a mais tenra idade. É como se o sujeito fosse se descobrindo enquanto eu na medida em que diferentes sensações fossem sendo percebidas e relacionadas.

No princípio, portanto, a criança não distingue o si mesmo do objeto. Se apodera do corpo enquanto sendo seu na medida em que associa sensações e imagens. Recorrendo novamente ao “Projeto...”, podemos perceber que é através do que Freud chama de juízo (julgar) que é possível reconhecer o corpo próprio. O julgar está intimamente relacionado com o pensar,

³⁴ É preciso esclarecer que o núcleo do eu não é um assunto esgotado para Freud. Em “Mais além do princípio do prazer” o núcleo do eu é sua parte inconsciente. Em um texto de 1927, Freud afirma que o núcleo do eu é o super eu. Entretanto no texto “O eu e o isso”, Freud alerta: “... somente pode reconhecer-se como núcleo do eu o sistema *P-Cc*” (1923/2007, p. 30, grifo do autor).

se refere ao processo de decomposição de uma imagem perceptiva com vistas a procurar uma identidade com o objeto de desejo. Enquanto julga, o sujeito faz comparações entre as características da percepção e as particularidades do objeto. No caso da percepção de outra pessoa por parte da criança, Freud afirma:

suponhamos que o objeto que [a] p[ercepção] forneça seja semelhante ao sujeito, isto é, um *próximo*. Então o interesse teórico também se aplica pelo fato deste objeto ser ao mesmo tempo o primeiro objeto de satisfação e, além disso, o primeiro objeto hostil, assim como o único poder auxiliar. Por isso, através do próximo, o homem aprende a reconhecer (Freud, 1923/2007, p.44, grifo do autor).

Ao comentar a citação de Freud, Gabbi Jr. assevera: “dado os três papéis desempenhados pelo próximo, o homem aprende a identificar-se a partir do outro com base em determinados indícios” (1995, p. 50). Freud explica que alguns traços do outro serão únicos e incomparáveis, como é o caso das suas feições; por outro lado, o movimento da mão, por exemplo, coincidirá com representações de movimentos próprios. Não é diferente do exemplo do movimento da mão a percepção de um grito do outro, que remeterá a criança ao seu grito em sua vivência de dor, ou seja, às próprias sensações corporais de dor. Por meio dessas relações das representações dos próprios movimentos e de suas sensações com as representações dos movimentos alheios, capturados pela percepção, a criança vai construindo uma imagem de si. Em o “Eu e o isso” Freud afirma: “o eu é sobretudo uma essência-corpo; não é somente uma essência-superfície, senão, ele mesmo, a projeção de uma superfície” (Freud, 1923/2007, p.27).

Pudemos perceber então que no “Projeto...” Freud já havia esboçado a maneira como se formaria a representação de si. Mas o texto onde essa representação é melhor definida é “Introdução ao narcisismo”. Segundo Simanke (2009), a primeira aparição pública do termo narcisismo se encontra em uma nota de rodapé em “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, mas sua inclusão na conceituação freudiana deve ser tributada ao texto “Introdução ao narcisismo”. Grosso modo, o narcisismo enquanto fase se encontra entre o auto-erotismo e a eleição de objeto. Ele se caracteriza primeiro pela formação de uma imagem unificada, o eu; e segundo pela ocupação libidinal dessa imagem: “o narcisismo caracteriza-se pela síntese da pluralidade das pulsões parciais em uma unidade: o ego, inicialmente enquanto representação da totalidade do corpo, torna-se assim o primeiro objeto total da criança” (Simanke, 2009, p. 128). Isso implica em admitir que antes de dirigir as ocupações a representações de objetos, o sujeito

precisa reter no eu um montante de libido. É esse montante de libido existente no eu a condição para que objetos possam ser ocupados. Ou seja, antes da ocupação de representações de objetos há que se admitir uma fase em que a libido havia sido investida em uma unidade dentro do sujeito: seu eu³⁵.

É preciso aqui fazer um adendo. Se antes de poder inibir fluxos de Q é preciso que haja um montante de libido retida no eu; então, isso significa que o objeto de desejo constituído pela repetição da vivência de satisfação não pode ser ainda propriamente um objeto. Também significa que a inibição do processo primário característico da tendência ao desejo subentende a constituição de um eu com tensão endógena suficiente para operar a inibição, ou seja, essa libido egóica poder ser entendida como a tensão necessária e própria da condição para a inibição promovida pelo eu em relação aos processos primários, ao ligar a energia livre. Seria então o eu representação condição para o eu função? Em outras palavras: seria a constituição de uma representação de si e o investimento libidinal dessa representação condição para que o eu se tornasse uma “organização coerente de processos anímicos” com capacidade de inibição dos processos primários? Parece que sim. Mais uma indicação de que o eu existente desde o início da vida é inoperante, talvez apenas um escudo para proteger o sistema psíquico da estimulação externa. Mas é capaz de desenvolver-se na media em que o sistema psíquico se enriquece com a percepção, constitui-se uma representação de si e erigem-se identificações advindas das escolhas objetais abandonadas.

Portanto, inicialmente há um eu incipiente, existente devido o contato obrigatório que um organismo faz com o mundo. Esse eu embrionário existiria até mesmo em organismos mais simples. Há uma viragem na constituição do eu a partir do momento em que se forma em uma pessoa uma representação de si que passa a ser investida por libido. A partir dessa representação que se constitui como uma unidade e que agrega complexidade ao eu rudimentar é que se criam as condições para outro processo muito importante na formação do eu: a identificação.

Para Freud a representação que temos do nosso corpo, em última instância, é o eu consciente. O que quer dizer que o eu consciente é um eu corpo, melhor, a projeção de um corpo. Disso decorre o que já havíamos assinalado: o eu enquanto instância dinâmica é totalmente inconsciente. Apesar de conter a percepção e o pré-consciente, não se tem notícia das relações entre esses sistemas, dos investimentos de energia psíquica. Estamos diante novamente de mais

³⁵ Retomaremos esse ponto no tópico “O eu e Eros”.

uma aproximação entre “O eu e o isso” e o texto do “Projeto...”: em ambos o eu instância psíquica é essencialmente inconsciente.

3.4. O eu e a identificação

Ressaltamos anteriormente que o eu é resultado da relação de um isso com o mundo e da representação que se faz do corpo próprio. Mas o desenvolvimento do eu é bem mais complexo. A idéia, ancorada no narcisismo, de que em determinado momento do desenvolvimento do sujeito forma-se um eu enquanto representação de si, e que a libido, anteriormente circunscrita a áreas parciais do corpo, investe esse eu, é o que abre caminho para discutirmos o conceito de identificação.

Diante das impulsões que partem do isso, o eu primitivo possui duas alternativas: ou as aprova ou defende-se delas por meio da repressão. Não é nada fácil abrir mão de objetos uma vez ocupados. Por isso, quando esses objetos precisam ser abandonados, o eu, por meio da identificação, tratou de fazer desse abandono menos penoso. O que é então a identificação? Identificação é a edificação do objeto perdido dentro do eu. Em outras palavras: por meio da identificação, objetos perdidos podem ser mantidos no eu, ou seja, objetos importantes que precisam ser renunciados são como que construídos dentro do eu, o que garante sua permanência. Não se pode falar, por isso, de renúncia completa, apesar de não ser possível afirmar que não se trata de uma renúncia. A renúncia em questão se relaciona ao abandono de um objeto no plano da realidade fatural e a permanência de alguma característica no plano da realidade psíquica. No texto “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud diz que na verdade a identificação é sempre parcial, “... pois toma emprestado um único traço da pessoa objeto” (1921/2007, p. 101).

A identificação³⁶ é um processo freqüente e típico na formação do eu e, no que diz respeito ao caráter desse eu, pode-se dizer que ela é essencial, pois “...tal substituição participa em considerável medida na conformação do eu, e contribui essencialmente para produzir o que se denomina seu *caráter*” (Freud, 1923/2007, p.30-1, grifo do autor). E mais “... o caráter do eu é uma sedimentação dos investimentos de objeto renunciados, contém a história das escolhas de

³⁶ A identificação é a passagem da libido de objeto (investimento em objetos) para libido narcísica (investimento no eu), por isso uma dessexualização da libido.

objeto”³⁷ (Freud, 1923/2007, p.31). Durante toda a vida, portanto, um indivíduo faz uma série de identificações que alteram o seu eu, o que significa que o caráter não é algo para sempre estabelecido (embora também não seja totalmente mutável). Ele vai se modificando na medida em que as pessoas se relacionam umas com as outras e dessas relações restam identificações: “... a identificação aspira configurar o eu próprio a semelhança do outro, tomado como modelo” (Freud, 1921/2007, p.100). O tamanho dessa modificação depende do que Freud chama de “uma escala de capacidade de resistência” (Freud, 1923/2007, p.31), diferente em cada indivíduo. Se as identificações são numerosas, muito intensas e se contrapõe de forma irreconciliável, o resultado pode ser uma patologia.

Cabe fazermos aqui mais uma relação com os textos estudados. No “Projeto...” o que conferia ao eu uma singularidade era o que Freud chamou de idéias superintensas, advindas da educação e das experiências do sujeito. Em “A interpretação”, são os traços mais primitivos contidos em Mn os responsáveis pelo caráter de uma pessoa. Talvez possamos afirmar, então, que as características, os traços retidos no eu via identificação ficam armazenados nos sistemas de memória, já que tratam da *história* de investimentos de um sujeito.

Retomemos o tema do tópico. É por conta da identificação, que, segundo Freud, não passa de uma introjeção, ou seja, uma regressão ao mecanismo da fase oral, que há possibilidade de renunciar objetos. Isso quer dizer que é por conta da renúncia não ser completa, é porque permanece vestígio do objeto, que o isso pode abandonar seus investimentos. É como um compromisso: o eu erige o objeto dentro de si e o isso aceita abandoná-lo na realidade. Isso traz um ganho secundário ao eu: ele passa a ser amado pelo isso já que reteve, por meio da identificação, as características do objeto abandonado. Em outras palavras: o resultado é que o eu passa a ser investido pelo isso e pode exercer certo controle sobre seus investimentos.

É por meio do processo de identificação que Freud traz para o centro da constituição do eu a trama edípica. Há duas identificações que recebem uma posição de destaque na configuração psíquica de uma pessoa e que independem da resistência: a identificação primitiva com o pai e a

³⁷ Entretanto, Freud também diz que uma identificação pode ocorrer mesmo antes do abandono do objeto: “também cabe considerar uma simultaneidade de investimento de objeto e identificação, vale dizer, uma alteração do caráter antes que o objeto tenha sido abandonado” (Freud, 1923/2007, p. 29-30).

mãe. Elas dão origem a uma diferenciação dentro do eu que ganha status de estrutura na obra freudiana: o super-eu³⁸.

Examinemos o trecho escrito por Freud:

... os efeitos das primeiras identificações, as produzidas na idade mais prematura, serão universais e duradouras. Isto nos reconduz a gênese do ideal do eu, por trás dele se esconde a identificação primeira, e de maior valor, do indivíduo: a identificação com o pai³⁹ da pré-história pessoal (Freud, 1923/2007, p.33).

A identificação que origina o super eu, segundo Freud, é primária, ou seja, não é mediada, acontece anteriormente a qualquer eleição de objeto. Depois dos primeiros investimentos, que se dirigem aos progenitores, o que acontece, normalmente, é um reforço dessa identificação primária. Portanto, há um primeiro momento de identificação direta, sem eleição, e um reforço dessa identificação depois do Édipo.

Vejamos como Freud resume o surgimento do super-eu:

Assim, como resultado mais universal da fase sexual governada pelo complexo de Édipo, se pode supor uma sedimentação no eu, que consiste no estabelecimento dessas duas identificações, unificadas de alguma maneira entre si. Esta alteração do eu recebe sua posição especial: se confronta a outro conteúdo do eu como ideal do eu ou super-eu (Freud, 1923/2007, p.35-36, grifo do autor).

O super-eu, todavia, não é somente produto das identificações, mas também uma reação a elas: “seu vínculo com o eu não se esgota com a advertência: Assim (como o pai) *deve* ser, senão que compreende também a proibição: Assim (como o pai) *não te é permitido* ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; muitas coisas lhe estão reservadas” (Freud, 1923/2007, p.36, grifo do autor). Isso significa que o super eu, além de uma identificação, é um fortalecimento que o eu desenvolve no sentido de construir dentro de si um obstáculo para o Édipo, obstáculo que

³⁸ O super eu está bem longe de ser apenas isso. Aliás, esse constructo é obscuro na produção freudiana. No texto “Introdução ao narcisismo”, Freud distingue Ideal do eu (substituto do narcisismo perdido) e consciência moral. Esta última responsável por fazer com que o eu se parecesse com o ideal. No texto “O eu e o isso”, Freud parece conceber super eu e ideal do eu como sinônimos. Em 1932, na conferência XXXI, intitulada “A decomposição da personalidade psíquica”, Freud parece incluir como função do super eu a manutenção do ideal, o que parece uma retomada das idéias do texto “Introdução ao narcisismo”. O tema do super-eu é denso demais, o que impossibilita sua discussão aprofundada nesse trabalho.

³⁹ Em uma nota, Freud diz que deve-se estender a expressão identificação com o pai para identificação com os progenitores, já que não convém falar de diferença sexual senão depois da experiência de castração.

outrora era exterior: a figura do pai. A edificação desse impedimento é necessária, porque, segundo Freud, o processo de repressão do Édipo não é nada fácil para o eu. Portanto, é a incapacidade do eu de prover por si mesmo a repressão um dos fatores que possibilita o surgimento do super-eu. Porém o eu paga um preço pela constituição de um super eu. Isso porque, além de ser produto e reação dessas primeiras identificações, o super-eu é o guardião do narcisismo perdido. A expressão ‘instância crítica’ atribuída em 1900 ao pré-consciente é transferida em 1923 para super eu porque cabe ao super-eu cobrar que o eu esteja próximo do ideal narcisista infantil, “... em que o eu infantil se contentava a si mesmo” (Freud, 1921/2007, p. 103). Sendo um vigia do eu, a existência do super-eu torna o conflito psíquico ainda mais complexo: não se trata apenas do conflito entre eu e reprimido, mas também entre eu e super-eu.

Esse super-eu pode ser muito forte dependendo da intensidade que foi o Édipo e de quão rápida foi sua repressão. A força do super eu se exterioriza como consciência moral e sentimento de culpa inconsciente. Nesse sentido, o super-eu pode ser muito severo e até cruel com o eu. Por outro lado, o super eu, por se tratar de uma proibição a certos investimentos libidinosos, auxilia o eu no domínio do isso. Veremos esse ponto no tópico “O eu e Eros”.

Freud diz que há uma tendência a acreditar que aquilo que há de mais superior no ser humano se relaciona a consciência, já que essa é uma qualidade particularmente humana. Entretanto, o super-eu, apesar de manter um vínculo muito frouxo com a consciência, é a estrutura psíquica mais evoluída, é a expressão da máxima do desenvolvimento de um sujeito no que diz respeito a filogênese e a ontogênese. É também o super-eu responsável por conservar a herança das histórias de escolhas objetais dos antepassados, que são reavivadas em cada ser humano, ou seja, no Édipo cada pessoa repete à sua maneira o mito totêmico, criado por Freud para dar conta da humanização⁴⁰. Por conta de tudo isso, é nessa estrutura, segundo o raciocínio freudiano, que se situa a origem das religiões, da moralidade e dos sentimentos sociais.

3.5. O acesso a consciência

Sabemos que, no ensinamento freudiano, o eu controla o acesso de elementos inconscientes a consciência desde o “Projeto...”. Os diferentes modos como esse acesso se dá é o que será discutido nesse tópico.

⁴⁰ Para entender melhor esse aspecto, sugerimos a leitura do livro “Totem e tabu”.

Como já definimos nesse capítulo, os sistemas do eu relacionados a consciência são a percepção e o pré-consciente. Além de ser uma qualidade que pode ou não se agregar aos elementos psíquicos, a consciência também se encontra na superfície do aparelho, aliada à percepção e por isso “... são cc todas as percepções que vêm de fora (percepções sensoriais); e, de dentro, o que chamamos sensações e sentimentos” (Freud, 1923/2007, p.21).

No que tange aos estímulos externos, portanto, as coisas são simples: eles são conscientes porque a consciência se encontra aliada à percepção na superfície do aparelho. Mas as coisas são um pouco mais complicadas quando o assunto é a possibilidade de consciência de dois elementos que dizem respeito ao funcionamento anímico de um indivíduo: estímulos internos e os processos de pensamento. Esses elementos se relacionam ao inconsciente propriamente dito, por isso, diferentemente do pré-consciente cujos elementos são passíveis de consciência mediante mínimo esforço, necessitam de uma movimentação específica dentro do sistema anímico para alcançar a consciência.

Começemos por aquilo que Freud chama de estímulo interno ou sensações e sentimentos. É mais difícil para Freud explicar a consciência desses estímulos, já que estão bem mais afastados da percepção, provém do interior do aparelho. Em suas palavras:

A percepção interna proporciona sensações de processos que vêm dos extratos mais diversos, e por certo também dos mais profundos, do aparelho anímico. São mal conhecidos, ainda que possamos considerar como seu melhor paradigma os da série prazer-desprazer. São mais originários, mais elementares, que os provenientes de fora, e podem sair a luz ainda em estado de consciência turbada. ... essas sensações são multiloculares {de lugar múltiplo}, como as percepções externas; podem vir simultaneamente de diversos lugares e, por isso, ter qualidades diferentes e até contrapostas (Freud, 1923/2007, p.24).

Para Freud, as sensações e sentimentos tornam-se conscientes de forma direta, ou seja, avançando até o sistema P. Segundo o autor, a experiência clínica mostra que o estímulo interno “... se comporta como uma moção reprimida. Pode empregar forças pulsionantes sem que o eu note a compulsão” (Freud, 1923/2007, p.24). Isso quer dizer que sensações e sentimentos percorrem o aparelho até a percepção, rumo a descarga. Tanto em estado consciente como inconsciente, sensações e sentimentos são exatamente iguais, trata-se do mesmo elemento que caminha, tal qual uma moção, de um sistema para outro. Daí Freud considerar a possibilidade da existência de sentimentos e sensações inconscientes, que se tornam conscientes quando o eu

oferece uma resistência a descarga dessa moção reprimida. Portanto, é a resistência do eu que desperta a consciência, ou seja, que agrega ou não a qualidade da consciência a uma sensação ou sentimento. Podemos perceber que, diferentemente do que Freud propunha no “Projeto...”, o sistema da percepção é responsável tanto pela consciência de elementos externos como internos. Essa concepção de Freud remonta a uma correspondência de Freud para Fliess, a carta 39. Ali Freud modifica algumas idéias contidas no “Projeto...”, supõe, por exemplo, que um único sistema seria responsável pela consciência de elementos internos e externos.

Diferentemente dos sentimentos e sensações, os processos de pensamento não podem tornar-se consciente percorrendo o sistema rumo a percepção. Ao contrário do que acreditava em 1900, Freud afirma que imaginar que as representações chegam até a consciência ou que a consciência é que vai até as representações inconscientes não é adequado. Não há um deslocamento da representação ou do sistema da percepção. A idéia de uma excitação que caminha, paradigmática da primeira tópica, permanece válida apenas para os sentimentos e sensações; para os processos de pensamento Freud desenvolve então uma terceira hipótese que veremos a seguir. Antes, porém, cabe ressaltar que, apesar da proposta estrutural, Freud não descarta a abordagem tópica. O arranjo tópico continua existindo, mas seu limite é denunciado pela questão da consciência/inconsciência como critério de separação entre as instâncias, aí então se agrega uma explicação estrutural, que longe de excluir, completa a abordagem tópica.

Como expomos no início desse capítulo, Freud supõe a existência de três classes de material inconsciente: as representações pré-conscientes, as representações reprimidas e os elementos inconscientes não reprimidos. Será que o material contido no pré-consciente é da mesma natureza das representações reprimidas e dos elementos inconscientes não reprimidos? Para Freud não. Enquanto que o material pré-consciente está conectado a representações-palavra, o material inconsciente está acoplado a “...algum material que permanece desconhecido” (Freud, 1923/2007, p.22). No texto “O inconsciente” Freud chama esse material desconhecido de representação-coisa: “o sistema *Icc* contém os investimentos de coisa dos objetos que são os investimentos de objetos primeiros e genuínos (1915/2007, p. 198, grifo do autor). Como já sabemos que o elemento pré-consciente não exige um trabalho específico para tornar-se consciente, podemos dizer então que além da relação com a percepção, a consciência também se relaciona às representações-palavra. Vale lembrar que a relação da representação-palavra com a consciência foi suposta por Freud já no “Projeto...”, mais especificamente em sua terceira parte.

Assim, Freud diferencia os sistemas inconsciente e pré-consciente pela forma como as representações contidas neles se arranjam, ou seja, é a conexão com materiais específicos que determinará se um processo de pensamento será ou não consciente. Como um processo de pensamento inconsciente, ou seja, relacionado ao “material que permanece desconhecido” se torna consciente? Devido a “... conexão com as correspondentes representações-palavra” (Freud, 1923/2007, p.22), ou seja, um material inconsciente pode tornar-se consciente se ligar-se a representação-palavra apropriada ao material. Veja que não se trata de qualquer representação-palavra, há uma especificidade implícita aí.

Mas afinal, o que são representações-palavra? São restos de percepções, restos mnêmicos que provém essencialmente de percepções acústicas: “a palavra é então, propriamente, o resto mnêmico da palavra ouvida” (Freud, 1923/2007, p.23). É a conexão com essas representações que possibilita que um conteúdo inconsciente possa se tornar consciente. Desse modo, a forma do material inconsciente tornar consciente é se convertendo em inconsciente latente (pré-consciente), por meio da conexão com representações-palavras.

O elemento acústico é o material essencial, mas não é o único que compõe a representação-palavra. Em sua composição há também o elemento visual e o motor. Freud não menospreza esses outros elementos, chega a dizer que em algumas pessoas os restos visuais são um meio privilegiado de o material inconsciente tornar-se consciente. Entretanto, o tornar-se consciente por meio de restos visuais é um modo muito imperfeito de alcançar a consciência já que possibilita apenas a consciência do material bruto, pois, segundo Freud, não é possível dar expressão visual “... às relações que distinguem particularmente o pensado” (1923/2007, p.23). Essas relações só podem tornar-se conscientes por meio da associação com representações-palavra. Por isso, na representação gráfica da estrutura anímica, Freud coloca uma placa auditiva: porque o pré-consciente tem uma origem sensorial e o material privilegiado da representação-palavra é a palavra ouvida. É possível perceber que o pré-consciente é um sistema pertencente ao eu que precisa ser desenvolvido. Por meio do processo de pensar, novas percepções vão se conectando a representações antigas e dão origem a diferentes formas de inscrição. Seguindo o raciocínio freudiano, podemos conjecturar que quanto mais rico em representações o sistema pré-consciente for, mais possibilidade de consciência o material inconsciente terá.

Se representações-palavra são restos mnêmicos, então uma representação-palavra já foi uma percepção. Uma marca mnêmica é, na verdade, o que resta das percepções que o indivíduo

tem durante toda sua vida. Esses traços ficam armazenados em sistemas próximos ao sistema da percepção e são nesses sistemas que o pré-consciente se ancora. Ao que tudo indica, esses sistemas não fazem parte apenas da consciência. Muitos dos traços contidos nesses sistemas, por serem primitivos, permanecem para sempre inconscientes e, segundo as indicações de Freud no texto “O inconsciente”, são também o material das representações-coisa. No “Projeto...” Freud afirma que são esses traços que dão particularidade ao eu e em “A interpretação...” ele diz que são esses traços mais primitivos e inconscientes que se relacionam ao caráter do eu. No texto “O eu e o isso”, o caráter do eu está relacionado às identificações, que no final das contas, também são traços mnêmicos, como já ressaltamos.

Voltemos ao assunto da seção. A partir da hipótese freudiana de que uma marca mnêmica já foi uma percepção, o autor conclui que só é possível a um conteúdo tornar-se consciente aliando-se a algo que já foi consciente e que mantém uma correspondência com o material inconsciente. Isso limita muito a possibilidade de consciência dos conteúdos bem como é evidente que nessa tradução ou retranscrição, termo que Freud utiliza tanto na carta 52 como no texto “O Inconsciente”, como toda tradução não é perfeitamente condizente com o original, há uma correspondência, mas não uma equivalência, já que o material genuíno permanece inacessível. Freud afirma:

o papel das representações-palavra se torna agora inteiramente claro. Por sua mediação, os processos internos de pensamento são convertidos em percepções. É como se houvesse ficado evidenciada a preposição ‘Todo saber provém da percepção externa’. Por meio de um investimento do pensar, os pensamentos se tornam percebidos real e efetivamente - como de fora -, e por isso os tomamos por verdadeiros (Freud, 1923/2007, p.25).

Só é possível expressar o que é inconsciente por meio de uma meia verdade, uma aproximação da verdade, porque é só pelo que se percebe de fora que se pode ter acesso ao inconsciente. Ainda nas palavras do autor: “...somente pode tornar-se consciente o que já uma vez foi percepção *cc*; e, com exceção dos sentimentos, o que desde de dentro quer se tornar consciente tem que tentar transpor-se em percepções exteriores. Isso se torna possível por meio das marcas mnêmicas” (Freud, 1923/2007, p.22, grifo do autor). Tentar transpor-se em percepção externa supõe uma escolha por parte do eu, escolha esta que precisa satisfazer tanto ao eu como ao isso. Nesse aspecto encontramos uma particularidade importante: os restos mnêmicos são diferentes em cada pessoa, o que torna cada eu, cada sintoma, cada modo de expressão, muito

específicos. Em suma: o converter-se em consciente por meio de traços mnêmicos faz de todo indivíduo avesso a generalizações.

3.6. O eu e Eros

No contexto sobre o qual se constrói a segunda tópica, o dualismo pulsional de Freud se resumia em pulsão de vida (Eros) *versus* pulsão de morte. A pulsão de vida é dotada de plasticidade, se desloca com facilidade e tende a ligar a excitação. Ela é facilmente notável na dinâmica psíquica. Encontram-se sob seu domínio a pulsão sexual não inibida, genuína e seus derivados: as moções pulsionais sublimadas e “... a pulsão de auto-conservação, que não é forçoso atribuir ao eu...” (Freud, 1923/2007, p.41). De todas essas facetas da pulsão de vida, portanto, a pulsão de auto-conservação habita o eu. Também no texto do “Projeto...” o eu mantinha um vínculo estreito com a pulsão, mais particularmente no que diz respeito ao seu núcleo, responsável por receber excitação de fonte interna.

A outra classe de pulsão, a pulsão de morte, é silenciosa, de difícil acesso. Freud diz que o sadismo na perversão é um representante dela. A pulsão de morte está “...encarregada de conduzir o ser vivo orgânico ao estado inerte, enquanto que o Eros persegue a meta de complicar a vida mediante a reunião, a síntese, da substância viva dispersada em partículas, e isso, desde logo, para conservá-la” (Freud, 1923/2007, p.41). Já aqui podemos perceber que, sendo o eu uma *organização coerente* de processos (no sentido de função), *a representação unificada* que um sujeito faz de si mesmo (no sentido de representação de si), por um lado ele só pode ser resultado da atividade de Eros no sistema psíquico, talvez um instrumento poderoso de Eros em prol da conservação da vida. Mais adiante discutiremos esse ponto.

Diante da existência de duas classes de pulsão opostas⁴¹, a vida se resume em um compromisso entre elas, uma ligação entre ambas, cujo resultado seria uma mescla, uma fusão. Desse modo, “...em cada fragmento de substância viva estariam ativas as duas classes de pulsão, se bem que em uma mistura desigual, de sorte que uma substância poderia tomar sobre si a representação principal de Eros” (Freud, 1923/2007, p.42). A escrita freudiana indica que, quando pulsão de vida e pulsão de morte estão fusionadas, há um domínio de Eros. Entretanto,

⁴¹ A teoria de Freud sobre as pulsões pede um desenvolvimento aprofundado que foge ao escopo deste trabalho. O segundo dualismo pulsional de Freud, assim como o primeiro, não é carente de contradições. Freud sugere isso no texto “O eu e o isso” quando fala das dificuldades de teorizar a pulsão de morte.

Freud também admite a possibilidade de defusão. Ao que parece, a maioria das vezes que Freud fala em defusão, seu objetivo é evidenciar a intensificação da pulsão de morte. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos constatar que a pulsão de morte é muito mais forte que a pulsão de vida. Eros só consegue se sobrepor à pulsão de morte na fusão entre ambas. Na defusão, é a pulsão de morte que exerce maior domínio sobre a estrutura anímica. Ainda assim, mesmo na fusão, no final das contas é a morte quem vence, já que o destino de todo organismo vivo é a morte. Na verdade, a pulsão de morte é mais primitiva, originária. Primordialmente, como fica bem claro no “Projeto...”, a tendência principal do organismo é a eliminação total de excitação. Esse princípio, segundo Monzani (1989), é uma expressão da pulsão de morte. Ainda segundo esse autor, mesmo a satisfação na qual culmina a vivência de satisfação, “...nada mais é que a morte do desejo, sua extinção. E mais uma vez constatamos que, seja lá qual for o caminho que se escolha, o tema da morte, mesmo não-nomeado, ronda toda a temática freudiana do desejo, do prazer e da satisfação” (Monzani, 1989, p.222).

É preciso, nesse ponto, fazer uma consideração. A idéia de que o princípio da inércia seria uma expressão da pulsão de morte não é um consenso entre os autores estudiosos de Freud. Gabbi Jr. (1995), por exemplo, argumenta que não é possível conceber tal princípio como uma antecipação da noção de pulsão de morte porque “o retorno visado pelo aparelho psíquico é sempre para uma constante e não para o zero” (1995, p. 118). O que ele quer dizer é que o princípio utilizado por Freud é mecânico e aponta para ausência de variação na quantidade de movimento. Sendo assim, o repouso corresponderia a uma constância, a uma ausência de variação e não a ausência de movimento. Apesar da argumentação bem fundamentada de Gabbi Jr. (1995), há embasamento no texto para o desenvolvimento de argumentos favoráveis a posição de Monzani (1989), a saber, de que o princípio da inércia, mesmo ainda não sendo a pulsão de morte em si, já é uma expressão dela. Em um trecho do texto do “Projeto...”, por exemplo, Freud afirma “o sistema nervoso é coagido a abandonar a tendência originária para inércia, isto é, para nível = 0” (1895/1995, p.11), o que dá a entender que Freud chama de tendência a inércia a eliminação total de excitação. Permaneceremos, no presente trabalho, nos direcionando pelo entendimento de Monzani (1989), sem, é claro, a pretensão de dar cabo a discussão.

Citamos anteriormente os derivados da pulsão de vida. Todavia, a pulsão de morte também possui um derivado. A derivação da pulsão de morte, se bem que já balanceada pela fusão com Eros, é chamada por Freud de pulsão de destruição. Da união de organismos

unicelulares para formação de pluricelulares resultou que a pulsão de morte fosse neutralizada de modo que sua força, ao menos em parte, passasse então a ser direcionada ao mundo externo por meio de um órgão especial: a musculatura. Essa pulsão de destruição “...é sincronizada segundo regras aos fins de descarga, a serviço de Eros” (Freud, 1923/2007, p.42). Quem, em nome de Eros, sincroniza a forma de descarga? Sabemos que a instância psíquica que controla o acesso a motilidade é o eu, e isso desde o “Projeto...”.

Diante da idéia de que é o eu quem sincroniza as descargas e de que o eu é uma representação unificada, poderíamos pensar que essa estrutura não passa mesmo de um derivado de Eros, está a serviço da pulsão de vida. Entretanto, não é isso que Freud nos diz. O eu atua de forma não favorável à uma parte significativa de Eros, a saber, àquela parte dominada pela pulsão sexual. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o eu, talvez sem saber ou querer, atua a favor da pulsão de morte. Na verdade o eu não está a serviço de nenhuma pulsão, mas da conservação do aparelho, por isso do escoamento da excitação segundo o princípio da realidade, em oposição ao princípio do prazer que impera no isso.

Nesse ponto é preciso tentar esclarecer melhor as coisas. Como já ressaltamos desde o primeiro capítulo, a tendência primordial do organismo é a descarga completa de toda excitação, o que para Freud constituiria a máxima do prazer (princípio da inércia). Entretanto, essa tendência é abrandada por meio das necessidades da vida que, segundo Monzani (1989), instauram o princípio do prazer na medida em que exigem que o organismo suporte uma acumulação de excitação. O princípio do prazer é uma modificação do princípio da inércia, ou seja, não se resume mais a eliminação de toda excitação, mas a manutenção de uma quantidade baixa de estímulo⁴².

é através dessa moderação progressiva mas contínua que essa tendência (prazer-desprazer) adquire o estatuto de um princípio dominante, princípio do prazer. O resultado desse processo, “não muito simples”, como diz eufemisticamente Freud, é que a instauração do princípio do prazer tem como condição o abrandamento progressivo do prazer, do seu caráter desmedido e mortífero (Monzani, 1989, p. 210).

Diferentemente do “Projeto...” em que a tendência a constância (manutenção de um nível baixo de excitação) correspondia ao domínio do funcionamento secundário, na segunda

⁴² Então poderíamos dizer que o princípio do prazer é igual ao princípio da constância do “Projeto...”? De fato, a constância é o que regula o funcionamento de todos os organismos vivos e, assim, é condição para princípio do prazer. Mas esse assunto requer maiores esclarecimentos que não fazem parte do objetivo desse trabalho.

tópica a tendência a constância, que seria uma “expressão” do princípio do prazer, ainda corresponderia a um modo de funcionamento primário, se bem que não mais tão mortífero como a tendência a inércia. Em 1923, ao que tudo indica e seguindo a linha de raciocínio de Monzani (1989), apesar de o princípio do prazer ser uma modificação da tendência a inércia, ainda assim ele diz respeito a um funcionamento primário, que atende em certa medida as exigências da pulsão de morte, porque ainda visa o prazer, mas que também satisfaz a pulsão de vida, porque acrescenta tensões ao organismo. O princípio do prazer, seria, portanto, o indício da fusão entre as pulsões. Entretanto, como veremos, para o bom funcionamento do sistema, é preciso ainda que advenha uma nova modificação que diz respeito a outro princípio, ainda mais adequado que o princípio do prazer: o princípio da realidade.

O princípio da realidade diz respeito a mais um desdobramento da tendência original. Vimos que a tendência original do organismo é anular a tensão, mas que, segundo o capítulo sete do livro “A interpretação...”, a existência de um aparelho que funcione totalmente desse modo não passa de uma ficção teórica. Essa tendência original é substituída pelo princípio do prazer, que na verdade é uma moderação da tendência original, em que o organismo precisa aprender a tolerar uma quantidade mínima de excitação. Acontece que esse princípio ainda não é adequado, porque desconsidera os dados da realidade concreta e tende a conduzir o organismo a alucinação, danosa ao organismo. Nesse momento é que, munido de seus próprios interesses, o eu entra na história. Ele faz valer o princípio da realidade no modo de realizar a eliminação da excitação, ou seja, faz com que o organismo se direcione não mais apenas pelas sensações de prazer e desprazer, mas se pautem na realidade. No caso do estado de desejo, o princípio da realidade assegura que a eliminação de excitação se iniciará na presença real do objeto do desejo. O eu defende a vigência desse princípio porque não abre mão da auto-conservação. A preeminência do princípio da realidade só é possível mediante inibição das pulsões onde vigora o princípio do prazer.

Nesse sentido, no que diz respeito a pulsão de morte é fácil entender porque o eu precisa inibi-la: porque seu objetivo é levar o organismo a morte. Mas e no que diz respeito a pulsão sexual, porque ele precisa inibi-la já que ela também é a favor da vida? Primeiro porque a exigência de renúncia pulsional, que cada indivíduo carrega, advinda da história de escolhas objetivas dos antepassados, força o eu a inibir a pulsão sexual. Nesse sentido o eu tem um aliado importante: o super-eu. Segundo pelo o que foi exposto no parágrafo anterior, ou seja, estando no

domínio do isso, a pulsão de vida não se pauta pela realidade, mas pelo prazer, ou seja, pela descarga da tensão, o que, evidentemente, pode acarretar em desprazer ao eu, já que acaba prejudicado o organismo, como vimos no primeiro capítulo.

Como já sabemos desde o “Projeto...” e também recorrendo ao texto “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”, se uma descarga se inicia antes do objeto do desejo estar presente, ocorre a alucinação e não há meios do organismo alcançar a satisfação. Por conta disso, em oposição ao princípio do prazer, que revela um modo de funcionamento primário; o eu precisa fazer valer o princípio da realidade, mais adequado e carente de danos para o organismo e operador de um modo de funcionamento secundário. Nas palavras de Freud:

... o eu-realidade não faz mais que aspirar a benefícios e assegurar-se contra prejuízos. Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade não implica no destronamento do primeiro, senão seu asseguramento. Se abandona um prazer momentâneo, porém inseguro em suas conseqüências, somente para ganhar pelo novo caminho um prazer seguro, que virá depois (1911/2007, p. 228).

Esse raciocínio lembra bastante a argumentação desenvolvida no “Projeto...” acerca do processo primário e secundário. Se um organismo está sob a égide do processo secundário, garantido pelo eu, significa que as descargas de excitação devem ocorrer de uma maneira específica: de forma inibida, com vistas a assegurar a saúde psíquica por meio do princípio da realidade; ao contrário do processo primário em cujo modo de funcionamento impera o princípio do prazer, que tenciona que a descarga seja realizada independente do modo. Segundo Freud, o eu

... se empenha em fazer valer sobre o isso o influxo do mundo exterior, assim como seus propósitos próprios; se esforça por substituir o princípio do prazer, que vigora irrestritamente no isso, pelo princípio da realidade. Para o eu, a percepção cumpre o papel que no isso corresponde a pulsão. O eu é o representante do que pode chamar-se razão e prudência, por oposição ao isso, que contém as paixões (1923/2007, p.27).

Mas como o eu inibe as pulsões? Freud explica o fortalecimento da pulsão de vida ou da pulsão de morte na vida anímica devido a um quantum de energia indiferenciada existente na estrutura psíquica que pode se agregar a uma das pulsões ocasionando o fortalecimento de uma e conseqüentemente a inibição da outra. Em suas palavras: “...como se na vida anímica houvesse –

seja no eu ou no isso – uma energia deslocável, em si indiferente, que pudesse agregar-se a uma moção erótica ou a uma destrutiva qualitativamente diferenciadas, e elevar seu investimento total” (Freud, 1923/2007, p. 45). De onde vem essa energia? Como é possível a existência de uma energia indiferenciada, ou seja, que não faz parte nem da pulsão de vida nem da pulsão de morte, mas que pode se adicionar a elas?

A explicação, mais uma vez, está no processo de identificação. Como já dissemos, a identificação é um processo pelo qual a libido é recolhida dos objetos e transferida para o eu. Na passagem de libido objetal para libido egóica ocorre o que Freud chamou de dessexualização da libido. É do processo de identificação, pois, de onde vem essa energia em si indiferenciada, ou seja, libido dessexualizada, que pode atuar tanto sobre o eu quanto sobre o isso e agregar força a uma das duas classes de pulsão. “Parece verossímil que essa energia indiferente e deslocável, ativa tanto no eu como no isso, provenha do aprovisionamento libidinal narcisista e seja, portanto, Eros dessexualizado” (Freud, 1923/2007, p. 45).

Não estando a serviço de pulsão alguma, para alcançar os seus propósitos, ou seja, a conservação do aparelho, em alguns casos, o eu dessexualiza a libido mediante identificação, o que o coloca a serviço da pulsão de morte que visa calar a pulsão sexual. Em outros casos, entretanto, ele acompanha os investimentos de objeto, o que o coloca a serviço de Eros e inibe a pulsão de morte. Na verdade, ele se utiliza dos objetivos contrastantes das duas classes de pulsão em prol do seu interesse, que como já dissemos é a manutenção do aparelho. É como se, por meio do manejo da energia indiferenciada, o eu inibisse as pulsões, ao mesmo tempo em que fornece a elas uma satisfação parcial. Seu interesse está em manobrar o conflito entre ambas a favor da conservação do sistema psíquico. Isso faz Freud afirmar que o eu,

com sua posição intermediária entre o isso e a realidade sucumbe com grande frequência à tentação de fazer-se adulator, oportunista e mentiroso, como um estadista que, ainda tendo uma melhor inteligência das coisas, quer seguir contando entretanto com o favor da opinião pública (1923/2007, p. 57).

O eu tira proveito da luta entre as duas pulsões a fim de alcançar seus objetivos próprios. O domínio do eu sobre o isso acaba fortalecendo Eros em uma proporção maior do que a pulsão de morte. Isso porque, sob um aspecto, o objetivo do eu coincide com o objetivo de Eros: só pode existir aparelho psíquico se existir vida.

A atividade do eu não é nada fácil, porque na medida em que precisa inibir a pulsão sexual, presta auxílio a pulsão de morte e por isso a sua própria destruição. É como se o eu desafiasse o perigo. Por isso, precisa consentir em alguns investimentos, porque é disso que depende a força da pulsão de vida e o fracasso da pulsão de morte. Em resumo: o eu fica no meio de duas forças infinitamente superiores a ele e se utiliza da energia que provém de Eros para exercer seu domínio.

Novamente pedimos licença ao leitor para reproduzir um trecho longo do texto “O eu e o isso”, mas que resume bem o que é eu para Freud em 1923:

.... em virtude do seu nexos com o sistema da percepção estabelece um ordenamento temporal dos processos anímicos e os submete ao exame da realidade. Mediante a interpolação dos processos de pensamento consegue protelar as descargas motoras e governa os acessos a motricidade.O eu se enriquece por meio de todas as experiências da vida que vem de fora; entretanto, o isso é seu outro mundo exterior, que ele procura subjugar. Subtrai libido do isso, transforma os investimentos de objeto do isso em conformações do eu. Com ajuda do super eu, se nutre, de uma maneira todavia obscura para nós, das experiências da pré-história armazenadas no isso (1923/2007, p. 56).

O eu, por conta de tudo isso, é uma instância que trabalha muito. Ele precisa dar conta das exigências pulsionais do isso, da realidade externa e também da severidade do seu super-eu, ao mesmo tempo que tenta preservar o aparelho. Apesar de um eu maduro conseguir se ajustar e equilibrar as exigências dos seus três senhores, ele está, evidentemente, em uma situação bastante vulnerável, já que o perigo o cerca por todos os lados.

3.7. Pontuações Finais

Diante do exposto, pudemos perceber que o eu no texto “O eu e o isso” se assemelha bastante ao eu do “Projeto...”, principalmente no que tange à essência inconsciente do eu estrutura, já que em ambos os textos, a tramitação do material psíquico é inconsciente. É incontestável, entretanto, que o texto de 1923 acrescenta muito ao texto de 1895, como não podia ser diferente. Esse acréscimo diz respeito à elaboração conceitual da pesquisa clínica de Freud, que na época da escrita do “Projeto...” ainda era modesta.

Apesar das semelhanças, Freud pode contar em “O eu e o isso” com uma série de conceitos ainda pouco formulados em 1895, muitas vezes somente intuídos: o narcisismo, a identificação, o super eu, a pulsão de morte, etc. Esses conceitos fazem do “Eu e o isso” um texto amplo, onde brilhantemente Freud consegue encaixar de forma coerente uma série de constructos.

O eu, em 1923, é entendido como uma estrutura complexa, cujo desenvolvimento se dá a partir de vários fatores: o contato com o meio externo, a representação de si e a identificação. Seu objetivo principal é a eliminação da energia excedente segundo o princípio da realidade, haja vista que é esse princípio que pode assegurar a ausência de danos ao organismo.

CONCLUSÃO

Tendo em vista o estudo realizado, podemos dizer que o eu do “Projeto...” se assemelha muito ao pré-consciente da primeira tópica e ao eu de “O eu e o isso”, principalmente no que se refere a manutenção de um funcionamento secundário, mais elaborado e menos prejudicial ao organismo. Nesse último texto citado as coisas são expressas desse modo: o que o eu procura é assegurar o domínio do princípio da realidade sobre o princípio do prazer, a fim de que o as pulsões sejam satisfeitas sem prejuízos ao sistema.

Entretanto, não há nos textos apenas semelhanças. O eu do “Projeto...” é, por assim dizer, amplo. Isso porque ele contempla praticamente todo o funcionamento psíquico já que, segundo Freud, é correlato do sistema Ψ . Trata-se, desse modo, de um eu que dá conta do germe daquilo que na segunda tópica encontraremos dividido em três sistemas; eu, isso e super-eu. Assim, o eu do “Projeto...” ocupa um lugar de prestígio no texto, o que não significa dizer, porém, que esse conceito encontra-se, no “Projeto...”, bem estruturado, elaborado. Isso porque, sempre vale ressaltar, a metapsicologia freudiana está intimamente ligada a clínica e, em 1895, a psicanálise ainda se encontrava em um estágio muito inicial. Em outras palavras: faltava ainda uma longa elaboração teórica e a observância de muitos fenômenos clínicos até que o eu pudesse aparecer com a configuração que possui na segunda tópica.

Em “A interpretação dos sonhos”, mais precisamente no capítulo sete, o pré-consciente toma para si a função de assegurar um funcionamento secundário e de regular a eliminação de excitação, ou seja, o acesso à motilidade. Mas não mais que isso. Falta, nesse texto, a teorização sobre a aquilo que há de inconsciente na função de guardião da repressão, de acesso a motilidade, etc. Por isso, nesse texto, apesar de já haver uma divisão mais organizada da mente em instâncias, no que concerne ao eu podemos dizer que há um recuo: a inconsciência do eu já reconhecida no “Projeto...” é relegada a um segundo plano no capítulo sete de “A interpretação...”. Entretanto, como tentamos ressaltar, Freud não desconhecia a existência de uma inconsciência no eu. Consideramos que talvez seja porque ele sabia que o eu não podia se resumir a pré-consciência que ele abre mão da utilização do termo eu no capítulo sete de “A interpretação...”. Além do que, a tópica psíquica apresentada no capítulo sete visava um objetivo específico: explicar a formação onírica e não teorizar profundamente acerca do eu.

É preciso fazer uma ressalva à nossa afirmação de que em “A interpretação...” teria havido um abandono do termo eu quando comparado à escrita do “Projeto...”. Isso porque o texto “Projeto de uma psicologia” não foi publicado pelo seu autor, ele é um texto renegado (Monzani, 1989). Por isso, sob esse aspecto, não há abandono nenhum. Assim, para todos os efeitos, até “A Interpretação...” o eu enquanto instância ainda não existia oficialmente.

Em “O eu e o isso”, Freud retoma e ressalta a inconsciência do eu já mencionada no “Projeto...”. Na verdade, o eu enquanto estrutura passa a ser de novo essencialmente inconsciente, ao menos na relação entre as instâncias que o compõe. O que há de consciente em termos de eu é o que Freud chama de “projeção de um corpo”, mais especificamente da superfície do corpo.

No texto “O eu e o isso” três fatores são responsáveis pelo desenvolvimento do eu: o influxo do meio externo, a representação que um indivíduo faz de si enquanto unidade e a identificação. No caso da identificação, trata-se de um processo tão importante que origina outra instância que mantém uma relação muito próxima com o isso: o super-eu.

No que diz respeito à potência do eu ou do pré-consciente naquilo que concerne ao governo do acontecer psíquico, em todos os textos discutidos trata-se de um domínio falho. O império do eu tem seus limites na exata medida em que sua máxima capacidade de atuação é tardia, ou seja, em termos de evolução, o eu ou pré-consciente ganha forças na relação que o organismo estabelece com o mundo. De início, por isso, o que impera é um funcionamento primário que cede lugar só na maturidade do aparelho ao funcionamento secundário, mais adequando em seu fim. No texto “O eu e o isso” a potência do eu aparece ainda mais comprometida haja vista que a integridade dessa estrutura se encontra ameaçada por todos os lados: pelas pulsões do isso, pela rigidez do super-eu e pela realidade externa.

A realização da pesquisa nos permitiu confirmar a marca indelével que a metapsicologia carrega: a presença da clínica. O refinamento conceitual alcançado por Freud no texto “O eu e o isso” demonstra, por um lado, que é a partir da clínica que o arcabouço conceitual freudiano se enriquece e, por outro, que é na construção de uma teoria que se embasa a atuação clínica e a compreensão dos fenômenos que ela revela. A interface entre teoria e clínica, eis uma relação da qual Freud nunca abriu mão.

REFERÊNCIAS

Caropreso, F. (2008). *O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud*. São Carlos: EdUFSCar.

Freud, S. (2007). *La interpretación de los sueños: segunda parte*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. IV, pp. 345-608). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1900).

_____. (2007). *Carta 39*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. I, pp. 437-446). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1950).

_____. (2007). *Carta 52*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. I, pp. 274-280). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1950).

_____. (2007). *Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. XII, pp. 223-231). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1911).

_____. (2007). *Introducción del narcisismo*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. XIV, pp. 71-98). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1914).

_____. (2007). *Más allá del principio de placer*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. XVIII, pp. 7-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1920).

_____. (2007). *El yo y el ello*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. XIV, pp. 3-59). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1923).

_____. (2007). *Lo Inconciente*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. XIV, pp. 163-201). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1915).

_____. (1995). *Projeto de uma psicologia*. (Osmyr Faria Gabbi Jr., Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1985).

_____. (2007). *Psicología de las masas y análisis del yo*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. XVIII, pp. 67-126). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1921).

_____. (2007). *Tótem y tabú*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. XIII, pp. 11-162). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1913).

_____. (2007). *31ª conferencia. La descomposición da personalidad psíquica*. (José Luis Etcheverry, Trad.), Obras completas (Vol. XXII, pp. 53-74). Buenos Aires: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1933).

Gabbi Jr., O. F. (1995). Notas críticas sobre Entwurf Einer Psychologie. Em S. Freud, *Projeto de uma psicologia* (pp. 105-225). Rio de Janeiro: Imago.

Garcia-Roza, L. A. (2004). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2008). *Introdução a metapsicologia freudiana*. (Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1995). *Introdução a metapsicologia freudiana*. (Vol. 3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Hartmann, H. (1968). *Psicologia do ego e o problema da adaptação*. Rio de Janeiro: B.P.U.

Lacan, J. (1987). *O Seminário de Jacques Lacan. Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. São Paulo: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1954-1955).

Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago.

Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: editora da UNICAMP.

Simanke, R. T. (2009). *A formação da teoria freudiana das psicoses*. São Paulo: Edições Loyola.

Souza, P. P.; Honda, H. (2009). O conceito de eu no texto “Projeto de uma psicologia”. Em IV Congresso Internacional e X Semana de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Maringá: Portfólio (CD-ROM).

Spruiell, V. (1981). The self and the ego. *Psychoanalytic Quarterly*, v. 50, p. 319-144.

Strachey, J. (1949) *Comentários de introdução ao texto de Freud*. Em S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago.